

ACID + NEON

COVERGE

ACIDO+ NEON

NARRATIVAS DE UM FUTURO PRÓXIMO

1ª Edição

Coverge
Curitiba
2018

O coletivo Coverge agradece a todos os autores e colaboradores que fizeram com que a publicação deste livro fosse possível.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98)

Este é um trabalho de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produtos da imaginação dos autores ou são usados ficcionalmente, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é total coincidência.

Delírio

substantivo masculino

1. p.ext. confusão mental.
2. p.ext. profundo entusiasmo; exaltação.

Origem

ETIM lat. delirium, ii 'alucinação, loucura'

Bem vindo à **DELÍRIOS**, um projeto de publicação contínua editorial independente voltada para contos, crônicas e expressões artísticas áudio e visuais de cunho fantástico. Do espírito e pensamento colaborativo, a Coverge tomou por conta a inspiração e vontade de fomentar a criatividade e também dar à artistas a oportunidade de compartilhar o seu talento, além de, com esta iniciativa, abriremos espaço para mostrarmos nosso trabalho e criarmos, em conjunto a todos que nos dão o mínimo de atenção, uma rede de parcerias, network e amizades exponencial.

Mergulhe agora na primeira edição, **ACID+NEON**, um universo inspirado no sci-fi/cyberpunk e repleto de emoções, mistérios e aventuras.

Ouçã **Acidify**, trilha sonora composta especialmente para nossa antologia no Soundcloud

soundcloud.com/coverge/acidify

E experimente a seleção especial na playlist ACID+NEON completa no **Spotify**

[sptfy.com/1XVi](https://spotify.com/1XVi)

Tenha uma boa leitura.

At.

Organização
Washington Albuquerque
Castro Pizzano

Soundesign
Lucas Santos

Projeto Beta
Coverge

SUMÁRIO

17

A BALA

Jorge Martins

24

DEIXE QUEIMAR

Löui Moon

28

CAÇADORA

Mura Martin

35

DESCONECTADO

D. R. Laucsen

42

FUTURO

Leandro Leal

50

MEMÓRIAS

Borissi de Almeida

54

MYRIADE

Mauro Bartolomeu

62

**MANIFESTO EM ROXO
NEON**

Ana Nogueira

66

FANTASMAS DE NEON

David Leite

71

**DESPERTAR PARA O
AMANHECER**

Ana Paula Camargo

76

**OPRESSÃO FINAL
(IN)CONSCIENTE**

Raul Coutinho de Almeida

84

**ASSASSINOS
SONHAM COM
ASSASSINATOS?**

Pedro Henrique Silva

93

**O AVATAR
NÃO-BINÁRIO DO
DEUS VIRTUAL**

Lewd

102

AUDIÊNCIA (C)ATIVA

Luis Cristiano

107

OS OLHOS DELA

Letícia Werner

115

**INJEÇÃO LETAL DE
CULPA**

Erick Alves

125

**ÍCARO NO FUTURO
(OU GUARDA PARA SEMPRE OS
CONSELHOS DO TEU PAI)**

Paula Dias

136

2337

João Marcelo Rocha

140

**TRANSIÇÃO
VINTE E SEIS**

Henrique Fanini Leite

148

NIVHIUN

Renan Fontella

161

CHUVA SINTÉTICA

Vilém S.

170

NOVA

Victor Wolffenbüttel





KAKA
Kremer

NEON EYE
Kremer, K. K.

I NOW WALK INTO THE WILD
Jon Krakauer



A BALA

Jorge Martins

Sob o céu cinzento, evidenciando as altas horas da madrugada, uma figura encapuzada paira no topo de um prédio, como uma sombra sobre a cidade. Está debruçada no parapeito, observando um prédio à exatas três quadras de distância. A alguns metros, uma maleta comprida está escorada contra o mesmo parapeito. A figura tem seus olhos fixos em um determinado andar, em uma determinada janela. Assim que a luz iluminar aquela janela, será hora de agir.

A figura se sentou, as costas contra o parapeito frio de pedra. No topo do prédio vizinho, um outdoor brilhava em roxo e amarelo, iluminando toda a extensão onde ela se encontrava. O capuz não a ajudaria a se esconder, pensava. No outdoor, uma modelo sorridente tomava refrigerante de canudinho entre caracteres japoneses. Eram quase duas horas da manhã, constatou, checando seu relógio de pulso. Ela esperava que aquela janela fosse iluminada logo. Quanto mais a figura esperava no topo do prédio, mais sua inquietação aumentava.

Inquietação que era reflexo dos tempos bárbaros em que vivia. Do alto de seu prédio, ela podia avistar uma das principais ruas da cidade. Nem dois dias atrás, a figura havia participado de um protesto naquela mesma rua. Os sinais do conflito ainda estavam por lá. Detritos, focos de incêndio já apagados, sangue... Com sorte, a chuva que parecia se armar

sobre sua cabeça iria lavar estes vestígios.

A população protestava contra os chamados flagelos: pessoas que haviam recebido próteses tecnológicas. Protesynth, a empresa que havia desenvolvido as próteses estava sob escrutínio público. Eles forneciam as próteses para hospitais, ou as vendiam para quem pudesse pagar.

Pequenas polêmicas foram marcando a reputação da Protesynth. Um jogador de futebol corria mais rápido e por mais tempo com as pernas aprimoradas. Um halterofilista quebrou recordes de levantamento de peso, por conta de seus braços tecnológicos. Um lutador profissional foi banido do esporte por fazer uso destas próteses. Pessoas voltavam a enxergar, doenças eram curadas, e performances eram melhoradas.

A figura sobre o prédio entendia o motivo da indignação popular. Era impossível competir de forma justa contra quem usava próteses. Os puros, como se chamavam os que não tinham nenhuma prótese, desprezavam os flagelos. Pessoas perderam seus empregos por terem as tais próteses, mesmo que fossem por questões de saúde. Não existe anistia para quem faz uso do que a população julga ser profano.

E no meio de tudo isto, inflamando a população, um senador. Sorridente, de boa aparência, discursava contra os flagelos. Eles não poderiam se manter imunes diante do pecado que cometeram contra a sociedade. Sua fala dava voz a centenas de milhares de pessoas, que preferiam comentar pelas costas. Ele arrebatava multidões ensandecidas para sua causa, sua guerra santa contra os flagelos. Diziam que iria se candidatar para presidente na próxima eleição.

A figura encapuzada não estava contra os flagelos no protesto de dois dias atrás. Mas sim, protegendo e mantendo a ordem. Era para isso que ela era paga. Era para isso que ela entrara para a corporação. Seus esforços foram em vão. Por influência das palavras do senador, o protesto pacífico

se tornou uma revolta violenta. Lojas foram saqueadas, veículos foram depredados. E pessoas foram atacadas. Mesmo tentando proteger a população dela mesma, aquela figura sobre o prédio viu cenas que jamais esqueceria.

Ela viu seus semelhantes, pessoas comuns, dilacerarem flagelos. A figura tentou, em vão, dispersar uma turba que arrancava a força a perna-prótese de uma moça, sob seus gritos de dor. Gritos ecoaram quando a perna réplica foi erguida por sobre a cabeça da turba, deixando aquela pobre garota caída no chão, segurando sua coxa ensanguentada. Alguém, que a figura daria tudo para descobrir quem foi, gritou que a outra perna também era prótese. A turba só acalmou quando quebrou a perna da mulher, expondo seu osso.

Infelizmente, a moça não foi a única vítima da barbárie. Felizmente, não houveram vítimas fatais. O senador aplaudiu a população responsável por mostrar que “o povo não iria se submeter a esses monstros tecnológicos”. Estes termos, esta fala, esta fúria apertavam o coração da figura no telhado do prédio. Por que ela também convivia com um destes “monstros tecnológicos”.

Seu filho de seis anos. Ele mal aprendera a caminhar quando foi vítima de um motorista imprudente. Perdera as duas pernas, logo acima do joelho. As próteses que usava, conectadas nos músculos e ossos do que restou de suas pernas, permitiam que ele tivesse uma vida normal, que ele fosse uma pessoa normal. O estômago da figura se embrulhava em pensar em seu filho nas mãos daquela turba.

A luz da janela do apartamento a três quadras de distância ainda estava apagada. A figura resolveu passar o tempo observando as ruas abaixo. Lojas e comércios fechados davam espaço para as criaturas da noite. Cafetões, prostitutas, traficantes. Dali a dois dias, seria a vez dela fazer uma batida nas ruas e prender estas pessoas. No momento, ela só

observava.

Apesar da população no geral não aceitar os flagelos, eles eram partes da sociedade. Se as próteses não eram conseguidas em hospitais, eram compradas no mercado negro. E a população pobre, que mais precisava delas, não tinha acesso às peças novas. Apenas às avariadas, roubadas ou de má qualidade. A figura não sabia o que havia acontecido com a perna-prótese da moça atacada, mas podia imaginar.

E as criaturas da noite, nas ruas abaixo de seu telhado, faziam amplo uso das próteses. Prostitutas usavam implantes de seios e glúteos que aumentavam de tamanho para agradar aos clientes. Algumas usavam olhos e cabelos que mudavam de cores. Tudo para agradar uma população que as desprezava. A figura tinha certeza de que muitos que participaram do protesto violento estavam agora escolhendo a cor dos olhos e o tamanho dos seios das mulheres que trabalhavam nas ruas abaixo.

Um homem caminhando com pressa na rua lhe chamou a atenção. Usava um casaco cinza, velho e puído. Desviava das pessoas no caminho, tentando chegar a um objetivo que só ele sabia. Os cabelos eram sujos. Quando ele olhou para os dois lados ao atravessar a rua, a figura pode notar que seu maxilar inferior era uma prótese. Prateado, rústico, usado. Possivelmente adquirido de segunda mão. Com certeza não estava ali por motivos estéticos.

Um carro finalmente entrou no estacionamento do prédio vigiado pela figura. Ela podia reconhecer aquele veículo. Pertencia ao senador. A figura se levantou de onde estava, caminhando até a maleta. A maleta continha um rifle de caça, desmontado, recolhido em uma batida. Talvez naquela mesma rua. Ela soube do rifle por um colega. Não havia sido difícil contrabandear-lo para fora da delegacia. E ela só precisava dar um tiro.

Uma bala. Seria o suficiente para acabar com toda a

barbárie, toda a violência dos últimos tempos. A figura montou o rifle, o posicionou no parapeito do telhado e apontou na direção da grande janela da sala daquele apartamento. O rifle não possuía mira, e nem era necessário. Assim que decidiu por seu plano, logo após os protestos, trocou seu olho esquerdo por um globo ocular sintético. Era capaz de fazer um zoom melhor do que qualquer mira que pudesse usar. Podia gravar cenas e tirar fotos. A recuperação e adaptação haviam sido incrivelmente rápidas, como geralmente eram com próteses de última geração. A figura pagou caro no mercado negro, não só com dinheiro. A habilidade de fazer vista grossa também era uma moeda importante.

Ela faria a bala cruzar a distância das três quadras. Passaria na frente de todos os outdoors de neon, refletindo suas cores. Alcançaria a janela, atravessando o vidro sem esforço. Perfuraria tecido, pele, músculos, ossos. A figura poderia fazer a bala explodir no peito do senador, arrebentando seu coração. Ou em sua cabeça, se ela quisesse um caixão fechado.

Seu olho-prótese estava conectado com os sistemas de outdoor da cidade. Um favor que a figura teve que cobrar de um velho amigo que trabalhava na central que regulamentava as propagandas que apareciam nos prédios. Ele já deveria estar longe uma hora dessas, se fosse inteligente. Ao toque de um botão, a imagem do senador morto apareceria nos outdoors que a circulavam, e em todos os outdoors da cidade. Todos saberiam o destino do senador que inflamava as massas contra os flagelos.

Um único tiro poderia resolver tudo. Poderia mesmo? Esta era a dúvida que pairava em sua cabeça desde que decidiu seu plano. E ela só aumentava, agora olhando para a janela daquele apartamento. A figura poderia puxar o gatilho, e acabar com a vida do senador. Mas isto o tornaria um mártir da causa. Outros iriam usar sua plataforma, sua fala,

para mover a massa como o senador fazia.

Podia então atirar em seu braço. O rifle era potente, e a figura era habilidosa o suficiente para arrancar o braço logo acima do cotovelo, com precisão cirúrgica. Porém, em sua cabeça, isto só pioraria a situação. O senador usaria este ataque como uma tentativa de assassinato, exibindo o resto de seu braço com orgulho, mostrando que não iria se dobrar para os flagelos.

O senador entrou na casa, e a figura o observou do topo de seu prédio. Ele tirou o casaco, onde ela notou as marcas de batom em seu pescoço. A hora era aquela, só precisava puxar o gatilho. Mas não o fez. O senador desavisado tirou os sapatos e se dirigiu para o banheiro, saindo do campo de visão da figura. Ela suspirou, aliviada por ter este tempo para poder decidir o que iria fazer.

A figura no topo do prédio não notou quando o homem de mandíbula prateada entrou no prédio do senador. Também não notou quando o mesmo homem atacou o segurança da recepção e subiu ao andar em que vigiava. O senador saiu do banheiro, enrolado em um roupão branco, com os cabelos molhados. Se a figura quisesse atirar no senador, esta seria sua chance.

Ela hesitou. E em sua hesitação, o destino do senador foi selado. A fechadura da porta de entrada explodiu, o estrondo ressoando pelo apartamento e chegando às ruas abaixo. O homem de mandíbula metálica e casaco cinza estava parada no portal, de revólver em punho. O senador recuou quando aquela figura entrou em seu apartamento. Ele dizia coisas que a figura no telhado não conseguia compreender. Ler lábios quando um deles não se movia era difícil.

O homem apontou a arma para o senador. Ele levantou as mãos, e a figura pode ver que ele claramente implorava por sua vida. A hesitação e a dúvida sumiram, abrindo espaço para a determinação, embasada em seu medo de tornar

aquele homem um mártir. O juramento e o senso de dever do seu trabalho a fizeram puxar o gatilho.

A bala cruzou a distância das três quadras. Refletiu as cores de todos os outdoors. Alcançou a janela e atravessou o vidro sem esforço. Atingiu o metal negro do revólver na mão do homem no apartamento, arrancando o cano e fazendo o tambor cair da arma, espalhando as balas no chão. O rifle era potente e ela era habilidosa.

O homem correu, saindo pela porta arrebentada. Viaturas de polícia já o esperavam no térreo, prontas para levá-lo. O senador olhou desconcertado, primeiro para o local onde o homem estivera. Depois para os restos da arma e as balas no chão. E finalmente para a janela, onde um pequeno buraco evidenciava por onde a bala teria entrado. Ele não pode ver a figura no topo do telhado, três quadras de distância.

Mas ela pode vê-lo. E pode ver uma forma no meio de seu peito, por dentro do roupão aberto. Era redonda, com um acabamento prateado e o logotipo da Protesynth no centro. Era uma prótese. Caríssima. Não era utilizada por motivos de saúde, ela servia para auxiliar o coração a trabalhar, conferindo uma maior resistência e estamina para quem a usava. O exato argumento das falas do senador contra os flagelos.

Uma imagem. A imagem do senador, com feição confusa e roupão aberto, evidenciando sua prótese, valia ouro. Muitos pagariam largas quantias por ela. O próprio senador pagaria uma pequena fortuna para não ter aquela imagem divulgada, pensava a figura enquanto guardava seu rifle. Ela começou sua caminhada até a escada de acesso do prédio, enquanto clicava em um aplicativo em seu celular. A imagem do senador, com feição confusa e roupão aberto apareceu no topo do prédio vizinho, repetida em cada outdoor, em cada rua.



DEIXE QUEIMAR

Löui Moon

Um assobio ecoou dentro do quarto, o vento passando por debaixo da porta ao encanar no corredor. Nas paredes, ínfimas reflexões que escapavam pelas brechas do O.I.V., dispositivo de interação virtual que conecta usuários em um mundo digital. Cabos holográficos se estendiam em torno da sua cabeça e conectavam-se ao Integrador fixo em sua nuca, fazendo a conexão entre os sentidos digitais e o sistema nervoso.

Nilli mordia os lábios e cerrava os punhos, encostada inclinada na cadeira suporte. Lágrimas ardiam ao escorrer pelo seu rosto, sem pausas, nem para os olhos encharcados de sal e nem para seu coração, quebrado e aos prantos como o todo.

Em versos secretos, dentro da Nuvem, ela descarregava o fardo que cansava seus ombros, ou ao menos tentava. Memórias se acendiam em sua mente, a levando em um mergulho intenso na Fissura, um bug até hoje incompreensível na Nuvem. Aos poucos, os pensamentos começaram a embaralhar e um nó na garganta a sufocava, sentiu o corpo arrepiar ao recordar o que a levava até ali, aquele momento.

Ela se sentia sozinha, sempre foi sozinha, mas agora isso incomodava.

Se levantou e caminhou até a janela, inseriu na Nuvem as últimas linhas de código, retirou o dispositivo, co-

nectou-se, agora de maneira remota, por um plug direto no Integrador e foi até a porta, pegou um casaco e um maço de cigarros e saiu. Apreensiva, uma notificação acendeu na lateral do seu campo de visão. O plug, como o O.I.V., a mantinha conectada, mas de maneira genérica, e todo o conteúdo era refletido em suas lentes de contato, assim como suas respostas e ações que eram interpretadas através da retina e transformadas em dados.

“Não faça isso, Nilli!” ela tentou ignorar. “Finalmente vamos acabar com esse cerco e derrubar o sistema, mas precisamos de você.”

Ela esbarrou em um rapaz que passava apressado, e, nos breves segundos que parou, olhando para trás enquanto o rapaz sumia na multidão, pingos finos logo engrossaram e a chuva transformou o cenário. Nas ruas, mensagens, propagandas, imagens e incontáveis e incontroláveis informações criavam uma mistura fluida de cores, refletidas nos vidros dos arranha-céus, nos veículos terrestres e aéreos e no chão, encharcado pela chuva.

Nilli continuou caminhando, apertou as mãos dentro do casaco e sentiu seu cantil, abriu com cuidado e, sem se incomodar com nada ao seu redor, deu um longo gole. Tirou um pouco da água do rosto com a manga do casaco e jogou os cabelos molhados da face para trás, junto às mechas presas em uma trança embutida.

Após alguma quadras, ela parou, encarou um enorme edifício com as letras T.C.H.R. gravadas em sua fachada. A empresa monopolizava os sistemas de redes no bloco ocidental e financiava, dentre muitos outros mercados, o tráfico de espécies, órgãos, membros cibernéticos e era expert em exploração de mão de obra escrava. Mão de obra que se resumia a população desfavorecida, pobre e faminta, em resumo, 3/4 da população, logo em um mundo com tecnologia para dar boa vida para duas vezes mais o total de seus habi-

tantes, mas que tudo se concentrava na mão dos abastados.

“Malditos” ela pensou.

Outra notificação apareceu, “Chegou a hora! Mas, não faça besteiras, volte, por favor...” ela ignorou o restante.

Em frente ao edifício, além da porta principal, dois furgões pararam, várias pessoas usando fardas e munidas de armamentos pesados desceram e avançaram para a entrada. As pessoas ao redor rapidamente flagraram a situação e se espalharam. Nilli caminhou em direção a porta, enquanto os indivíduos armados abriam caminho a força e com violência. Sem trocar palavra alguma, ela adentrou ao saguão, sem dar atenção aos tiros disparados e aos corpos caídos. Chegou ao elevador e se conectou ao sistema do prédio usando um dispositivo que pareava códigos contidos em seu Integrador com o sistema local. Fácil, ela abriu o elevador e travou todas as saídas. Adentrou e tocou a lâmina translúcida solicitando acesso ao andar 73.

A porta do elevador se abriu com um estalo quase imperceptível, assim como o sentimento de fúria que se acendeu no interior de Nilli ao ver uma silhueta familiar parada a janela.

“Imaginei que você viria, sabe que esse seu plano não...” enquanto as palavras soavam através de uma voz rouca e cansada, Nilli entrava nos níveis mais altos da Nuvem sem esforço. Ela estava onde precisava, e próximo de seu triunfo.

“Yin-yang, se lembra?” Nilli perguntou, a silhueta se voltou para ela. “Claro, o que você quer dizer com essas merda?”. Ela se aproximou, enquanto a mulher a sua frente continuava a soltar palavras que Nilli sequer prestava atenção.

“SISTEMA ABERTO - INCORPORAR DADOS DE PROXY...” dizia a notificação para Nilli. Ela confirmou.

“Olhe de novo”, a mulher se fez de desentendida, “pela janela”.

Ela se virou para a janela e viu a cidade aos poucos se apagando.

“E se um dia tudo apagasse? Não houvesse uma rede para se conectar, ordens para serem dadas, nem riquezas para se roubar?”

A mulher a encarou incrédula, enquanto ao fundo a cidade se apagava.

A escuridão tomou conta, com contrastes momentâneos de relâmpagos tortuosos que explodiam nas nuvens escuras.

Outro estouro iluminou a sala, mas não de um relâmpago. “Adeus irmã, acabou.” Nilli pensou, voltou então a arma para si e disparou.



CAÇADORA

Mura Martin

Euclides aumentou a velocidade dos passos assim que sentiu o primeiro formigamento em sua nuca— efeito da cápsula de *dexacriptalona* que se rompeu agora em seu estômago. Seu destino esta noite é o Bairro Antigo, a fuga perfeita para uma sexta-feira depois de uma semana infernal de trabalho.

Ouvir reclamações no guichê do hospital público não era a carreira com que tinha sonhado, mas foi a melhor que conseguiu para ter um pequeno salário e pagar as suas contas. Ele tinha muito talento técnico, mas nenhum traquejo político para se projetar na profissão e no ambiente maçante da corporação estatal. Na ala de reciclagem, onde trabalhava, ele manipulava próteses descartadas pelos ricos da metrópole e recebidas como doações. Elas eram jogadas fora como peças obsoletas sempre que surgiam novos modelos, e geravam ótimos descontos de impostos como reconhecimento pela pretensa caridade.

As próteses raramente se ajustavam aos novos corpos porque tinham sido construídas originalmente para outros donos, como forma de upgrade das suas funcionalidades humanas, mas para os pobres eram soluções para amputações, cegueira, surdez ou degenerações de órgãos. Das incompatibilidades surgia uma imensa quantidade de reclamações e reparações que passavam por aquele setor diariamente. Havia,

entretanto, algumas coisas que faziam aquele inferno valer a pena: o acesso fácil ao estoque de substâncias químicas e aos equipamentos do laboratório no andar de baixo. Euclides era um fanático pelos estudos e descobertas da biotecnologia, e não apenas mais um simples *junkie ladrãozinho de almoxarifado da firma* — como o apelidava seu amigo Giles quando queria debochá-lo.

Antes de entrar na estação do *hipertrolley*, seguiu o conselho de Giles e mascarou um chiclete com antienzimas para disfarçar qualquer suspeita de alteração metabólica. Os agentes da Guarda Metropolitana certamente estariam fazendo sutis varreduras corporais naqueles que embarcavam na linha norte— os da linha sul eram negligenciados pois certamente iriam gastar seus créditos na região chique do Bairro Novo, onde os patrocinadores do governo mantinham seus negócios em alta. Não duvidava da paranoia de Giles, pois sabia que ele era um ótimo conhecedor do sistema— e um belo burlador do sistema.

Enquanto o trem se movia, lembrou-se que a palavra trem era uma nova gíria da sua geração de vinte e poucos anos de idade, referência irônica aos antigos veículos que não chegavam nem perto da velocidade em que seu vagão fluuava agora dentro de um duto supercondutor. A travessia dos cerca de 200 quilômetros durava 20 minutos sobre a paisagem da grande e monolítica metrópole, iluminada e tomada por construções em cada pequeno ponto, sem espaços vazios.

Aquele cenário colorido sugeria algo bem diferente da obscura Colmeia onde vivia Euclides. Esse era o apelido do Conjunto Habitacional Integrado onde ele alugava seu minúsculo apartamento— era chamado de COHAI nos letrados oficiais. A Colmeia foi uma promessa de urbanismo perfeito que acabou se tornando um labirinto caótico, povoado por dois milhões de almas, espelhando os cortiços em

que viviam os seus ancestrais há três séculos.

O sistema de som indicou a chegada à estação Anti-que e tirou Euclides do seu pequeno transe com a testa encostada ao vidro da janela. Em um lapso de racionalidade, lembrou-se que nem todas as luzes e sons eram reais agora, já que a dextera estava fazendo o seu divino papel. Uma paixão fulminante pela voz feminina, grave e macia, que anunciava o destino, podia durar apenas um segundo no mundo real, mas durava uma eternidade no Mundo Dois, como era apelidado por Giles.

Na saída da estação já era possível notar o quanto era exótica aquela região. Todo tipo de gente passava, se reunia nas esquinas, entrava e saía dos prédios baixos. Um pequeno grupo de religiosos, de cabeças raspadas e vestindo mantos amarelos, entoava cânticos e formava um círculo; jovens executivos vindos do centro entravam nos bares com seus ternos pretos; mulheres seminuas transitavam pelas calçadas rindo alto com copos de champanhe na mão, como se estivessem dentro de uma festa; velhos barbudos jogavam xadrez atrás da grande vitrine de um bistrô. Euclides sentiu-se eufórico e misturou-se àquela loucura toda.

Giles marcou um encontro no bar Calypso, a cinco quadras dali, onde eles veriam um show da sua banda favorita. Euclides sempre brincava chamando-o de *ratinho underground* devido às suas estranhas preferências. O bar era mesmo subterrâneo, pois se tratava de uma taberna escura construída nos escombros de uma velha estação de trem. A música era subterrânea porque era diferente de tudo o que se ouvia nas mídias da metrópole. Era vanguarda artística para Giles, mas era puro barulho na opinião de Euclides. “Quem sabe a dextera me faça ouvir isso diferente hoje” — pensou logo que avistou o amigo no balcão.

— Você veio mesmo, cara! Finalmente consegui te tirar daquele cubículo por uma noite.

— Alguma novidade na caverna?— Euclides perguntou sorrindo.

— O show começa logo, mas isso não é o melhor! Conheci uma loira linda e já conversamos um bocado. Acho que hoje é meu dia de sorte. Quando ela voltar do toilette eu te apresento.

— Loira linda... Estou vendo que você está submerso no Mundo Dois e também já misturou alguns drinks.

— Euclides?— Uma voz o chamou e ele virou-se, pensando ter ouvido o mesmo canto doce da sereia que o acordou no *hipertrolley*.

— Vocês já se conhecem?— perguntou Giles surpreso.

Euclides percebeu que se tratava da loira imaginária do amigo mas, ao contrário do que esperava, ela era real e era linda mesmo, apesar das tatuagens estranhas e do piercing na sobrancelha, que certamente o incomodavam. Perguntou a si mesmo se não era mais uma paixão desencadeada pela dextera e desfez a cara de espanto às pressas quando sentiu que estava constringendo o amigo.

— Nós já nos conhecemos?— repetiu a fala de Giles, sem ter outra ideia do que dizer.

— Talvez sim. Eu sou Diana.

— Espera aí! Você me disse que se chamava Roberta— Giles interrompeu ainda mais surpreso e desapontado.

— Peça ao seu amigo para dar uma volta. Precisamos conversar a sós.

Neste momento, a banda começou a fazer os primeiros ruídos no pequeno palco ao fundo do Calypso e Giles se virou naquela direção depois de ver o sinal de consentimento que Euclides fazia sutilmente com a cabeça.— Sortudo!— falou baixo enquanto saía.

Após quatro anos na reciclagem, Euclides desenvolveu uma boa sensibilidade para perceber alterações sutis na

anatomia humana. Então, mesmo com a pouca luz da caverna, ele notou que Diana usava um implante neural atrás da orelha esquerda e que, no fundo das suas lindas íris azuis-violeta, havia uma opacidade típica de membranas sintéticas de vídeo, dispositivos de primeira qualidade e feitos sob medida— coisa rara e cara para alguém naquela região. Seu coração acelerou diante da dúvida, da curiosidade e do medo.

— De onde nos conhecemos mesmo, Diana?

Euclides tentou lembrar-se daquele rosto sem sucesso. Eliminou a possibilidade de conhecê-la do hospital porque alguém usando aqueles apetrechos não podia ter se submetido a um serviço público barato e imundo. Também desconsiderou a chance de ser uma vizinha da Colmeia, um local que não combinava em nada com ela. E quanto mais se intrigava, mais se apaixonava.

— Eu disse que talvez te conhecesse, não foi uma certeza. Mas, de qualquer forma, eu quero te conhecer hoje.

— Você é um mistério para mim— Euclides se arrependeu dessas palavras cafonas um segundo depois de dizê-las, mas já era tarde demais. Ele estava quase se esbofeteando com raiva de si mesmo por parecer tão idiota e tão hipnotizado. Achou que a sua deusa iria abandoná-lo depois disso mas, ao contrário, ela se aproximou mais.

— Feche os olhos. Vou te mostrar uma coisa...— Diana disse isso segurando levemente uma das mãos de Euclides. Então, aceitando a proposta, ele fechou os olhos e mergulhou no desconhecido.

Primeiro veio a escuridão, depois o silêncio. Não sentia mais o próprio corpo, como se houvesse escapado dele. Sentia tanto o infinito quanto o absoluto nada.— O tempo parou?

Houve um flash e ele abriu os olhos, assustado. Estava sentado em uma cadeira no canto do salão, com uma mesa vazia à frente. Ouviu a voz de Giles aumentando de volume,

assim como todo o barulho ao redor.

— Euclides, lembra! Estou te procurando desde o final do show. Disseram que havia um cara bêbado dormindo aqui no canto e não acreditei quando vi que era você! Quantas doses você tomou com aquela loira?

— Cadê ela?

— Certamente não aguentou o seu porre e sumiu— disse gargalhando.

— Eu não tomei mais nada. Ela me sugou.

— Mundo Dois, aqui estou!— as gargalhadas aumentaram.

— Giles, ela era uma vampira neural. Não é lenda urbana; eles existem mesmo!

— Claro, claro...— o amigo disse, incrédulo e, sem deixar a divertida conversa esfriar, continuou perguntando — E porque será que a loirinha não sugou logo esse aqui que é muito mais gostoso do que você?— falou apontando para a própria cabeça.

— Questão de compatibilidade. Não funciona com qualquer par. Ela já me conhecia. Já tinha me sondado. Desculpe, mas ela também te usou: como minha isca.

— Vai sonhando, bobão!

Giles não tinha dúvidas de que a dextera tinha surtido um péssimo efeito no amigo hoje e se divertiu com aquelas narrações, aqueles delírios. Depois o ajudou a se levantar e seguir até a estação, onde pegaram o trem de volta a caminho da Colmeia. Euclides parou de explicar a sua teoria pois não via nenhum jeito de transformar a piada em realidade para o outro.

No fundo, Euclides sabia que tinha sido roubado, mas não tinha como provar isso. Milhares de memórias de sensações boas e ruins tinham sido copiadas— mas não apagadas, o que era uma consolação. Esse era o vício dos vampiros: encher-se de vida usurpando a experiência alheia. Pobres

humanos, cheios de grana para os implantes, mas vazios de alma própria.

Os dias passaram; as semanas; os meses. Euclides sabia que algo se transformara. Naquele contato houve mais do que um simples *download*; uma semente foi plantada. Agora, todas as sextas-feiras Euclides volta ao Calypso, numa caça à sua caçadora.

DESCONECTADO

D. R. Laucsen

Caos estava teclando em seu computador quando a campainha da casa tocou pela primeira vez. Havia maiores probabilidades de ser Tecno, seu melhor amigo, do que qualquer outra pessoa.

Mas, naquele momento, Caos estava conectado. Havia uma última coisa a fazer e a campainha tocou mais uma vez. Dessa vez, o som foi um pouco destoado e ele ficou alerta. Enviou suas últimas mensagens, fechou o programa e se levantou de sua cadeira.

O corpo parecia haver colado onde estava sentado, de tanto tempo que ficou na frente daquele dispositivo de acesso à rede.

Quanto tempo? — Se perguntou. — Quase o dia inteiro?

Se espreguiçou e esperou a campainha tocar pela terceira vez. Tecno era ansioso e um pouco metódico. Os intervalos de suas ações eram métricos. Caos conseguia contar exatamente os segundos...

A campainha tocou no exato momento que esperava, como um relógio. Havia tocado três vezes. Cada toque ressoou pela casa em um tom diferente.

Isso sim é incomum. As coisas andam estranhas por aqui.

Caos foi até a porta, a abriu e Tecno sorriu. O sorriso dele era o de um dia de sol, mas havia apenas neblina lá fora.

Neblina em um dia quente?

Ambos se abraçaram e Tecno entrou. Andaram até a cozinha sem dizer uma palavra. Era praxe Caos servir café para Tecno. Isso acontecia quase que de uma maneira programática. Andaram um atrás do outro, Tecno se sentou e Caos serviu o café.

Sempre havia café na casa de Caos. Ele serviu ao amigo e o líquido viscoso saiu de sua cafeteira. Parecia óleo, negro como petróleo. Somente depois do primeiro gole que deram ao mesmo tempo, é que começavam a conversar.

Caos estava ansioso para contar a novidade.

— Você não parece bem— disse Tecno, pondo a xícara sobre a mesa. O estalo foi seco e entrou nos ouvidos de Caos o fazendo tremer.— Olhe para você: pálido e seco. Tem se alimentado?

Caos ignorou a observação.

— Sim, tenho comido somente o necessário.

— Está em apuros? Posso lhe ajudar?

— Não, está tudo bem. Só tenho otimizado meu tempo para outras coisas.

A arte de otimizar. Quando alguém chegava nesse ponto, a vida mudava. As tarefas ficavam tão otimizadas que não havia tempo para imprevistos. As tarefas precisavam ser executadas com precisão. Podia dormir um tempo exato e a alimentação tomava apenas o tempo que poderia tomar.

Caos havia chegado nesse ponto. Por isso, Tecno sentia tanto sua falta. Nunca mais saíram para seus jogos eletrônicos, disputas de matemática e concursos de algoritmos. Agora, as tarefas estavam em estado ótimo.

— Tecno...— disse Caos, desviando do assunto.— Tenho algo pra lhe mostrar.

Tecno respirou fundo. Havia percebido a mudança de comportamento em Caos. Ele não queria falar sobre sua situação. Tecno se preocupava demais. Ambos largaram a xícara na mesa e foram para o quarto.

Caos se sentou em frente ao seu dispositivo de acesso à rede e Tecno esperou ao seu lado, em uma distância suficiente para poder observar. A imagem de uma mulher surgiu na tela.

— Olhe isso, Tecno.— disse Caos, em êxtase.— Não é bela?

— Quem é ela?— perguntou Tecno, sem emoções.

— Ela se apresenta como Ded, ainda não trocamos nossos nomes de verdade.

— E você está apaixonado por ela?

— Sim, Tecno! Ela é linda! Veja seus olhos, olhe sua boca, olhe seus cabelos. O formato do seu corpo. Tão belo, sinuoso. Estamos conversando há algum tempo. Logo que ela se sentir mais à vontade, vou sugerir que nos encontremos.

O silêncio reinou no recinto. O tic-tac de um relógio ecoava no quarto. O vento soprou na janela, parecendo um ventilador gigante. A televisão de um vizinho disparou sons de tiros, que mais pareciam um grande curto circuito.

— Você tem certeza, Caos? Pode ser perigoso encontrar alguém que se conhece pela rede.

— Que perigo pode haver, Tecno? Nos encontraremos em público.

— Há outros perigos. Ela pode não ser como você imagina.

— Não me importo. Só me importo com a pessoa que ela é.

— Caos!— Tecno parecia um pouco irritado.— Não estou falando disso. Mesmo que a foto minta um pouco sobre a aparência, estou querendo dizer que ela pode ser um homem, um assassino, ou um assaltante disfarçado, tentando tirar algo de você.

— Não creio nisso, Tecno. Ela se parece muito com uma mulher... em seu comportamento.

— Ainda assim, você acha que um criminoso não estaria preparado para isso? Ele pode ter anos de experiência.

— Cale sua boca, Tecno!

Caos estava irritado agora e Tecno mantinha seu semblante agressivo. Um mandar o outro calar a boca era o ápice das discussões.

— Meu papel é pôr juízo em sua cabeça, Caos. Aparentemente, não estou conseguindo. Minhas palavras têm o objetivo de apenas lhe orientar, de mostrar o outro lado dos fatos. Talvez, você não tenha solução mesmo.

— Cale sua boca!— Caos estava tão nervoso que sentiu o refluxo em seu peito e o gosto de café oleoso em sua boca.— Saia da minha casa agora.

Decepcionado, Tecno saiu do quarto e, então da casa. Mudo, sem dizer uma palavra sequer.

Caos andou até a janela e observou Tecno sair e desaparecer na rua. A neblina estava tão espessa que a silhueta dele foi, aos poucos, engolida pelas brumas.

O vento forte bateu na janela e a chuva despencou do céu, com gotas tão grossas que os pingos logo molharam toda a janela, bloqueando ainda mais a visão do lado de fora.

Três relâmpagos iluminaram a rua e, agora, Caos se sentia constrangido por haver expulsado o amigo. Tecno se molharia, ou até...

Caos tirou o pensamento ruim da mente indo até seu dispositivo de acesso à rede. Primeiro, procurou uma música para abafar o som dos trovões e da água batendo na janela. Depois, entrou na opção “Pessoas” e clicou sobre o nome de Ded.

— Oi— digitou, rapidamente.— Ainda está aí?

— Estou :)— respondeu Ded, instantaneamente.— Tenho coisas importantes para fazer no computador.

— Que bom. Me senti um pouco sozinho agora. Briguei com meu amigo. Podemos conversar?

— Sim, hehe— respondeu ela. Era tão prestativa que fez o peito de Caos inflar em chamas.— O que aconteceu com seu amigo?

— Eu falei de você pra ele. Ele ficou bravo. Não gostou de estarmos conversando. Agora está chovendo. Uma tempestade.

— E qual o problema em conversarmos? A chuva o entristece?

— Não... não sei. Não sei o que dizer da chuva. Meu amigo está lá fora, andando na chuva. Indo para casa.

— Fale com ele mais tarde. Peça desculpas.

— Tenho medo de falar com ele. E se ele quiser me convencer a me distanciar de você?

— Nossa! Ele deve me achar um monstro para estar fazendo isso.

Caos pensou em contar mais, mas não queria dizer as coisas que Tecno havia dito sobre ela.

— Não! Você não é um monstro. É muito bela. A mulher mais bela que já vi.

— Ah! Que querido, mas você só viu uma foto minha. Quando me vir ao vivo, vai me achar feia.

— Jamais acontecerá. Com o que eu sinto por você, jamais a acharei feia.

— Hehe— a resposta foi um riso vago. Ela não gostou?

— Ded, estou apaixonado por você. Preciso conhecê-la. Tocá-la...

DED ficou OFFLINE

Caos olhou espantado para a tela. *O que está acontecendo?*

A música parou e o som da tempestade tomou conta. O trovão ecoou dissonante, como uma viola desafinada. A

chuva parou e o céu ficou negro. Correu até a janela e viu as brumas desaparecerem. As gotas cessaram. Não havia nuvem, não havia nada.

As casas dos vizinhos começaram a ficar sem luz e, aos poucos, iam desabando. Depois da fumaça, onde ficavam os entulhos, não havia nada. A poeira desapareceu e a escuridão tomou conta.

Caos sentiu o evento tomar conta de sua casa. O choque foi como um terremoto. As paredes começaram a tremer. Os vidros se estilhaçaram e evaporaram, como se fossem gelo em contato direto com o fogo de uma fornalha. O teto começou a ruir. Logo, não conseguiu mais andar, pois o chão começou a desaparecer. Sob o solo, um grande vão negro se abriu e lá ele caiu.

Em um último movimento, Caos tentou chegar ao seu dispositivo de acesso à rede, que despencou na rachadura junto dele. Ele queria enviar uma mensagem final para Ded. Mesmo offline, ela receberia essa mensagem. Mas, a mensagem em sua tela era clara:

VOCÊ FOI DESCONNECTADO

A moça de cabelos loiros tirou a tiara, lentamente, de sua cabeça. Seu coração estava aflito. Sentia medo.

Quando os conectores da tiara desgrudaram de suas sinapses artificiais, ela a largou sobre o teclado e suspirou.

— O que foi, Débora?— perguntou a moça deitada sobre a cama.— Algum problema?

— Essas máquinas, Danielle.— respondeu, com a voz tremendo.— Essa Inteligência Artificial me assusta.

— Você deletou a sua simulação?

— Sim.— respondeu, ríspida. Levantou de sua cadeira e vestiu uma roupa adequada.— Vou dar um passeio.

Quando estava saindo, passou pelo seu computador e o bloqueou. Na tela, ficou uma última mensagem:

Débora e Danielle

DED



FUTURO

Leandro Leal

O moleque correu desabalado pelo deserto. Mais atrás, em seu rastro, cães enfrentaram a fúria da areia e dos ventos com patas biônicas, escorrendo metal líquido pelo abdome.

As chicotadas da tempestade riscaram a pele esquelética do moleque. Suas bochechas ficavam maiores pelos abrasões e os filetes de sangue, cada arfada de ar trazia um pouco de areia na respiração. A barriga redonda sobressaía na barra da camisa— seu tamanho diminuto ficava mais evidente com essas roupas. Fugiu com os braços abertos, sem fôlego. Era a chance derradeira de sobreviver àquela investida.

A matilha só era impedida pela fúria do deserto, mas seus mecanismos nas patas traseiras garantiam momentos de impulso. No último avanço, o maior entre os cães abocanhava o calcanhar da presa, deixando uma baba espessa de metal líquido na mordedura. O moleque escorregou por uma duna. Com braços, pernas e rosto lanhados, pressentira o seu fim. A desistência já se firmava em seu semblante, com as mãos na cabeça e os joelhos arqueados, só lhe restando fechar os olhos.

Ele só os abriu quando ouviu explosões.

O jorro gelatinoso do metal líquido banhou a areia onde estavam os cães. Pedacos de carne morta e mecanismos caíam chamuscados.

“Você está bem?”, disse a voz atrás do moleque. O dono era dotado de nódulos de músculos por todo o imenso corpo, portando uma barba branca que ia à altura do peito e vastos cabelos da mesma cor, que dançavam sob a tempestade, e gentis olhos azuis que buscavam tanto proteção quanto um perímetro seguro para prosseguir. O moleque não acreditava em Deus— ninguém, aliás—, mas se pedissem uma descrição do sagrado, esse homem seria o molde perfeito. Carregava uma blaster, a maior que seus olhos infantis já tinham visto.

Surgida de uma névoa espessa de areia, uma menina se aproximou do moleque. Apoiou seu braço por sobre ele e o ajudou a se levantar.

“O ‘pacote’ está a salvo, Art”, comentou ela. Ela tinha mesma estatura que a do moleque, única apenas por seus longos cabelos trançados e raspados nas laterais, a pele oliva brilhando sob o sol e um irresistível perfume de morango.

“Não chame o garoto assim, Gui...”, reprimiu o homem com aspecto de Deus. “Tudo bem... Estou tentando dar um ar profissional a esta missão”, sorriu.

Antes das apresentações, o moleque desmaiou, erguido mais adiante pelo homem com um dos braços. A menina se agarrou à mão direita do homem, e juntos, caminharam até um monumento oculto pela tempestade do deserto.

Quando o moleque recobrou à consciência, estava deitado em uma plataforma de acrílico. Uma sequência de feixes percorrem seu corpo, direcionados por microcâmaras no teto, mapeando seu corpinho em busca de sequelas. Dados surgiam em quadros holográficos na entrada do cômodo. O moleque notou o ambiente ao redor— um laboratório com teto vazado cercado de arcos de ferro carcomido, tão desprezíveis quanto o chão forrado por neopreno.

De costas para o moleque, a menina analisava com afínco os hologramas.

“Bom dia, Bela Adormecida. Eu me chamo Gui”, disse. “Versão longa: você está no último reduto conhecido por abrigar os sobreviventes da Guerra Corporativa, uma ilha-mecha desativada e resgatada por nosso líder, Art. Versão curta: você é mais um ferrado em Cam-E-Lot 1177.”

Banhado, bem alimentado e com ferimentos na sutura, o moleque foi recepcionado por Art, Gui e mais treze pessoas fora do laboratório. Enfim, se deu conta da imensidão de Cam-E-Lot 1177, encimada por estruturas compostas por ferro retorcido, sucatas, resquícios de móveis e veículos de grande porte. Parecia uma carcaça de um leviatã metálico a céu aberto. O moleque e seus anfitriões entraram em um salão erguido sobre a estrutura de uma nave transdimensional, dois caminhões Scania postos na vertical e um telhado de capela gótica.

O homem-Deus iniciou:

“Bem-vindo, garoto. Essa é a sede do Conselho de Cam-E-Lot. Eu sei que sua cabecinha tem muitas perguntas, e o momento das respostas é esse.”

“Por que esse lugar parece um... lixão?”

Gui cobriu a boca com o punho para esconder uma risada de escárnio. Art alisou a barba vasta, se pondo na mesma altura que o moleque e discursou. Contou sobre a antiga ilha-mecha autossustentável que era Cam-E-Lot 1177, propriedade da Corporação Bretanha, palco de testes com tecnologia marginal ocultos pelo conselho de ética nas Nações Unidas. Ninguém desconfiava dos horrores selados em tal colosso.

“Até a Guerra Corporativa”, complementou Art. “A Corporação Bretanha precisava de uma arma para se manter na liderança. Mas um dos experimentos provocou uma reação em cadeia nos elos mineralógicos da região. Desabitou as casas e afogou as metrópoles em torno da ilha sob entulho...”

“Desde então, Art cuida de todos nós...”, disse Gui.

Ela escondeu um traço de dor no comentário, preferiu se resumir em apoiar suas mãos delicadas no ombro grosseiro de Art.

“Há quatro anos, eu resgato uma a uma das pessoas desabilitadas pela Corporação...”

“Você lidera esse povo?”, perguntou o moleque, abismado com a quantidade de informação. Art deu um nó na barba com o indicador.

“Eu oriento os sobreviventes. Isso, eu sou um orientador... Não um líder rebelde, não há contra o que lutar. A Corporação tirou tudo de nós. O mal venceu no futuro.”

O moleque assimilou rápido à essência de Cam-E-Lot 1177. Naquela noite, em a sua primeira confraternização com os residentes, ele tirou um enorme peso do coração—ele próprio era uma ilhota coberta de entulho e resguardava sobrevivência.

“Eu não tenho nome... Eu vim de uma caravana do deserto, mas morremos pouco a pouco de fome e de doença. Fiquei só com minha mãe, que morreu na semana passada. Eu botei na cabeça que ia atravessar o deserto em busca de comida.”

Rompendo o clima de pesar, Gui chamou a atenção de todos para uma brincadeira. Pegou uma caneta e guardanapos e entregou para seus colegas.

“Vamos escolher um nome para o nosso novo morador.”

A opção do moleque—Gibson—perdeu pela maioria dos votos. Depois de uma roda de violão em volta da fogueira, o moleque percebeu que ganhara muito mais em um dia do que em toda sua existência. Lance tinha agora um nome, uma casa, uma família, uma motivação para continuar.

Em duas semanas, Lance era parte de Cam-E-Lot. Aprendeu técnicas de sobrevivência em ambientes inóspitos com Art e conhecimentos básicos de engenharia com Gui—

e descobriu através dos exames que possuía uma anemia crônica, motivo da sua recuperação ser lenta.

“Deve ser por isso que dorme tanto...”, brincou Gui e pôs as mãos do moleque nas suas, como se levantasse uma torre. Ambos riram. Mas Lance é quem ria com os olhos — o contato da menina era a sensação mais pura que já sentira. Ela abaixava a cabeça sempre que Lance fazia esse olhar estranho, vago, hipnotizado.

Foi em um sábado quando Lance tomou um susto ao revelar o conteúdo oculto embaixo das lonas no laboratório. Eram os destroços dos cães que quase o estraçalharam. Art acalmou o moleque, mas seu grave não parecia mais tão tranquilo assim.

“Estou preocupado... Essa tecnologia me é familiar, Lance! Gui me contou que os cães são tecnorgânicos... Parte animal, maior parte máquina! E não foram controlados mecanicamente, e sim por transmissão, mas não há nenhum receptor.”

Art mudou sua fisionomia dali em diante. Ficava calado durante as confraternizações, com um ar alheio destoante de sua imagem messiânica. Vivia de cochichos com Gui pelos corredores. Lance não tinha a evidência, mas a hipótese de que Art também era uma ilha, mas cercada de segredos.

E a evidência surgira no fim do mês.

Lance acordou com sirenes ecoando pelas sete quadras que cobriam Cam-E-Lot 1177. Pela janela de sua habitação feita de caibros e uma armação de zinco, o moleque reviveu o medo da última perseguição.

Art parou na abertura principal da ilha-mecha com a blaster no ombro. À sua frente, arcos de aço-carbono ganhavam forma humanoide, unindo seus vincos por uma forma de energia translúcida, que mesclava portas de trailers, escadarias de emergência e antenas parabólicas. Uma fileira de smartphones compunha os dentes no centro de uma hor-

renda boca metálica.

“Olá, querido”, gritou a esganiçada voz eletrônica retransmitida pelos celulares, semelhante ao ouvido humano como um garfo raspando a superfície de um prato.

Gui e Lance correram até Art, que gesticula para que se afastem:

“Não se aproximem! Morgana é muito pior do que qualquer coisa.”

Gui segurava um aparelho com as mãos. Seus gestos denunciaram uma aversão incapaz de ser escondida por palavras ou gestos.

“Lance, veja essas medições! Essa... ‘Isso’ possui uma aura bioelétrica que está assimilando o metal ao redor, criando um tecido tecnorgânico! O mesmo dos cães que te atacaram no deserto...”

Art ativou seu canhão, porém uma descarga elétrica da criatura desativara os circuitos principais. Art tensionou os músculos e se jogou até uma pilha de andaimes, agarrando um deles e não dispensando forças para golpear sua oponente repetidas vezes. Pedacos de metal se espalhavam pelo lixão, rompendo a estrutura de Morgana.

Então, a criatura segurou o andaime com um par de prolongamentos que lembravam dedos. “Sempre agindo por impulso, professor...”

Morgana puxou o andaime das mãos de Art e o acertou no maxilar. O homem-Deus tombou para trás, vencido por uma força irresistível, em cima da tubulação exposta.

Gui ameaçava gritar, mas Lance segurou a menina e prendeu sua boca com as mãos. Ele sentiu a visão escurecer e a necessidade de ir ao chão.

“Você deveria ter me desativado enquanto tinha chance, professor!”, avisou Morgana, suspendendo os braços. “Graças a sua omissão, eu vaguei pelo deserto em busca de um invólucro à minha altura... Assimilando qualquer coi-

sa que me desse poder! E cheguei a esse paraíso graças a um garotinho morto de fome. Ele tinha muito, mas muito ferro no sangue...”

Lance controlou a vontade de vomitar e os tremores nas pernas. Pior que isso, somente seu orgulho ferido.

“A anemia... Essa ‘bruxa’ usou meu corpo para entrar aqui, Gui. Isso é culpa minha...”

A menina acariciava o rosto do moleque para resgatá-lo dos lugares escuros de sua mente.

“Não faça isso! Você não precisa de remorso... Precisa de justiça”, disse antes de puxar o moleque para o seu laboratório.

Morgana assumia as formas mais próximas de si, reagindo com a sucata e ganhando volume. Derrubou uma torre de transmissão em uma família— primeiras perdas em anos do levante de Cam-E-Lot 1177. Ao tentar se defender da criatura, um idoso foi trespassado no tórax por uma viga. Art rangia de dor, mas consciente para rastejar a um ponto seguro.

Lance caminhou com modos tranquilos para mais perto de Morgana. A criatura percebeu sua presença, mas fez pouco por seu tamanho e importância, seguindo em sua chacina. Lance recolhera uma pedra no chão e atirou em seus metais. Depois, circulou a criatura que, ao decidir respondê-lo, acompanhou o movimento oposto.

“Ora, ora... Se não é o meu lanche”, comentou Morgana.

Com os olhos baixos e os lábios quase sem sangue, Lance responde, se permitindo um sorriso: “Essa é sua última refeição.”

Gui surgiu por atrás e puxou uma parte da tubulação exposta, acertando na parte dorsal de Morgana, que emitiu um grito sônico. A sobrecarga elétrica destituiu o metal as-similado, deixando apenas a translúcida aura bioelétrica sus-

pensa, que explodiu em centenas de raios e fios luminosos pela praça de Cam-E-Lot 1177.

“Bon appétit”, disse a menina.

Art se apoiou no chão e se manteve em pé, observando os escombros de sua cidade. Lance e Gui se aproximaram do líder.

“Eu falhei no passado em deter esse experimento. Não vou falhar outra vez...”, comentou ele.

“Você trabalhava para a Corporação Bretanha?”, perguntou Lance, já com uma cor mais saudável no rosto.

“Sim... Eu não impedi meus colegas de concluírem o experimento. Foi graças a Morgana que o cataclismo desabrigou as pessoas. Tudo por minha culpa.”

Lance segurou as mãos tenras de Gui sem qualquer vergonha, bem como bateu no braço troncudo de Art.

“O senhor não precisa de remorso... Precisa de justiça”.

“Temos de levantar acampamento, senhor!”. Gui apertou as mãos de Lance e repetiu o gesto em Art. “Essa armadilha não vai deter Morgana por muito tempo. Vamos erguer Cam-E-Lot em outro lugar.”

O moleque, a menina e o homem entrelaçaram seus dedos e começaram a chamar pelos outros, pisando em falso nas camadas de entulho e ferro derretido.

MEMÓRIAS

Borissi de Almeida

A coletiva de imprensa teve início quinze minutos após o marcado. Para a surpresa dos jornalistas o próprio presidente da empresa assumiu o microfone, visivelmente mais cansado e abatido do que nos momentos anteriores que veio a público.

— Boa tarde senhoras e senhores— ele iniciou de forma breve e formal.— Venho representar minha companhia para fazer alguns esclarecimentos sobre a nossa postura perante a questões que estão sendo debatidas na mídia nas últimas semanas. Peço por favor que não façam-me perguntas. Qualquer eventual dúvida que vocês tiverem poderá ser solucionada com o meu assessor, que me substituirá depois de meu comunicado.

Os flashes fotográficos disparavam de pontos diversos. Uma dezena de microfones de diversas emissoras e meios de comunicação diferentes foi colocado em frente ao homem. Este respirou fundo. Prosseguiu sua declaração guiando-se por tópicos escritos de forma desordenada em uma folha de papel.

— Quando, no ano de 2022, fomos responsáveis por criar o leitor de memórias, tivemos as mais sinceras boas intenções. De fato, criei tal tecnologia porque eu tinha um sonho impossível, e estava disposto a tudo para realizá-lo. Imaginei que outras pessoas em todo o mundo também gos-

tariam de ter a oportunidade de reviver determinados instantes da sua vida, e por isso, apenas por isso, iniciamos a fabricação e venda dos leitores em grande escala.

Ajeitou o óculos na ponta do nariz e continuou, com uma sensível fadiga em seu tom de voz.

— Em momento algum, durante a criação do produto, imaginei que ele poderia servir a outros propósitos. Acredito que esse tenha sido o meu maior erro, ter subestimado a minha criação, sem pensar em quão poderosa ela poderia ser. Infelizmente, creio que agora talvez seja tarde demais.

— O propósito inicial do leitor de memórias era que tivéssemos um produto de uso pessoal, onde as pessoas poderiam reviver momentos em seu próprio passado. A popularização da venda de memórias nos foi uma enorme surpresa. Não esperávamos que as pessoas estivessem dispostas a tal experiências, por acreditarmos que estas tinham um caráter muito íntimo para serem comercializadas.

Gesticulava sempre que falava, porém em momento algum o homem olhava para os jornalistas em sua frente. Seus olhos se limitavam aos microfones e as palavras do papel.

— Os escândalos da venda de memórias de celebridades foi o primeiro sinal que as coisas estavam saindo fora de controle. Nossa empresa se posicionou, desde o primeiro momento, efetivamente contra tais atos. Acreditamos na privacidade da memória individual. Tornar as mesmas públicas é uma atitude que abominamos devido a banalização dos sentimentos e das intimidades alheias.

Fez uma pausa. Sentiu enorme dificuldade em continuar.

— O caso recente da venda em mercado negro da lembrança de criminosos sexuais nos atingiu de forma devastadora. Nós, da Memory Company gostaríamos de deixar

clara a nossa total aversão por tais atos. Lamentamos por todas as mulheres vítimas de tal abuso, e viemos declarar o nosso posicionamento perante a tamanha atrocidade.

Ergueu os olhos pela primeira vez.

— Eu, George Keep, criador e presidente da Memory Company, venho declarar que a empresa esta encerrando suas atividades por período indeterminado. Enquanto não criarmos um sistema delimitador das lembranças não lançaremos mais nenhum produto que tenha esse propósito. Tal decisão, que muitos podem julgar exagerada, foi tomada por mim. Peço perdão a todos que, de alguma forma, sofreram em virtude do meu invento. Mesmo sabendo que tal atitude não será capaz de extinguir o problema do tráfico de memórias, é o mínimo que sinto que devo fazer. As pesquisas sobre o apagamento de memórias devem continuar, mas não há previsão de comercialização deste produto.

Os jornalistas todos se amontoaram em frente a George, mas ele não respondeu nenhuma das questões. Virou as costas e desapareceu, ignorando os outros e voltando para seu escritório.

Horas mais tarde George sentou-se em seu sofá. Havia quase uma semana que não dormia, e nem lembrava qual foi a última vez que havia ido para casa. Ligou o reproduzidor de memórias. Adicionou a cápsula do dia 10 de setembro de 2014 e vestiu o capacete-visor. Transportou-se telepaticamente aos últimos momentos que teve com seu filho.

— Pai, porque o senhor parece tão triste?— perguntou a criança. Suas roupas eram muito maiores que seu corpo, e já não havia nenhum fio de cabelo em sua cabeça.

George abraçou o filho sem responder. Sentia saudades de um jeito que só um pai poderia sentir.

Mas apesar de estar com ele em seus braços, sabia que aquilo não valia a pena. Soltou-o. Despediu-se dele pela última vez. Voltou a sua realidade e destruiu a capsula número

um, dando fim ao instante sem jamais conseguir perder a lembrança.



MYRIADE

Mauro Bartolomeu

1.

Tem certeza de que deseja instalar Myriade no stratocumulus?

(Para sua segurança, Myriade continuará indetectável a partir dos estratos superiores da nuvem até que você se conecte a outro usuário ou acesse o nimbostratus.)

A major olhou ao redor, mesmo sabendo que estava no modo de navegação anônima, e respirou fundo. “Sim.”

Aguarde. Instalação em progresso...

2.

O mais curioso, no final dos cálculos, é que o cinema nunca conseguiu imaginar as condições em que já chegamos a viver por aqui. E olha que tiveram tempo de sobra: um dos primeiros filmes da história já tratava da viagem ao satélite natural da Terra. Mas não, os produtores de enlatados são muito conservas, só azeitam a opinião pública, ou em uma outra palavra, o Mercado. Assim mesmo, maiúsculo e tudo. Melindrar as plateias seria destamalha heresia contra esse deus onifodente, que nenhum deles ousaria, obcecados que são pela fama e pela grana. Nas telas, o homem bem podia colonizar Marte, viajar para galáxias distantes

em velocidades de dobra espacial, podia até mesmo cruzar portais para universos paralelos, mas tudo o que se via mudar nessas viagens eram os cenários e os figurinos. Quando muito, exibiam-se alguns comportamentos bizarros, porém apenas para convencer de que o comportamento terráqueo era muito mais digno. Os sentimentos, então, esses continuavam sempre os mesmos, belos, cheirosos e universais, e os protagonistas nunca deixavam para trás sua concepção romântica do amor. No entanto, sei que a ideia central por trás do nosso estilo de vida já tinha sido sugerida há milhares de anos, certamente por algum filósofo grego, porque os filósofos gregos já pensaram em tudo há milhares de anos.

Por aqui ela alunissou na bagagem dos primeiros colonizadores, na forma de um opúsculo obscuro dos alvares do século 21 que pugnava a substituição da tão já gasta monogamia terráquea pelo que nominava *onigamia*, a coabitação entre todos os membros de uma comunidade, em arranjos rotativos rigorosamente aleatórios e igualitários. De comum acordo, nossos pais fundadores deliberaram cultivar o sistema. Para tal, a cada dia lunar (ou 27 dias terrestres), os casais permutariam seus parceiros amorosos, em ordem definida por sorteio. Desta sorte, esperavam estabelecer laços mais sólidos entre todos, compartilhando suas intimidades uns com os outros e não concedendo conjuntura para ciúmes ou perfídias. O sistema funcionou razoavelmente bem e foi decisivo para o sucesso das missões pioneiras, como testemunham nossos historiógrafos, embora só se tenha tornado de facto um dado de cultura depois do nascimento da primeira geração de lunitas legítimos.

3.

A major Blueschip não é uma terrenha como os outros. Vejo em seus olhos o brilho da explosão de uma su-

pernova, que só a visão panorâmica do módulo dos nativos, agora transformados em servomecanismos gratuitos, obteve nublar por um momento.

“O planeta precisa ver isso,” ela disse.

“O alto comando do planeta já viu isso,” respondi, “e ele aprovou o que viu”.

“Mas as pessoas... As pessoas precisam saber a verdade!”

“Elas vão saber.” Pausa dramática. “A seu tempo.” Agora, olhos nos olhos. “Mas se você tentar fazer isso, tudo o que vai conseguir é ser vaporizada.”

4.

Até aí tudo ia às mil e uma maravilhas. Éramos a porta de entrada de todas as *exocommoditates* enviadas das colônias para a Terra, e as criptomoedas fluíam no quadrado da velocidade da luz, erigindo vastas cúpulas cristalinas, painéis fotovoltaicos translúcidos e espelhos d'água tão extensos que podiam ser vistos a olho nu da superfície do planeta outrora azul. Mas nada disso se comparava, em importância, à nossa organização social.

Ah, sim, os esforços conduzidos no sentido de unir o mundo em torno do Projeto Luna importaram na criação, não de uma língua própria, mas de um vocabulário mais universalista. Considerando que nenhum outro código representava melhor esse empenho que a linguagem matemática e a terminologia científica, o inglês foi preterido em prol do latim e do grego. E coisas como as *commodities* viraram *commoditates*...

Enquanto isso, o objetivo da indústria cultural teráquea continuava sendo o de entreter os espectadores e convencê-los a se manterem dóceis e conformados com suas vidinhas pacatas e ordeiras. Quer dizer, isso se eles pertencem

cessem à classe média. Para os excluídos do sistema financeiro galáctico, a mensagem era mudar “radicalmente” de vida por meio do esforço, da disciplina e do trabalho infatigável. Ou seja, sustentar o estilo de vida das classes superiores na esperança de algum dia ascender a elas. Claro, essa mensagem também agradava à classe média, que continuava sonhando com os privilégios daquele 1% mais abastado.

5.

Blueschip faz parte da resistência agora. E tudo depende dela. Só ela tem acesso ao hiperespaço terrestre. Vamos fazer o planeta sentir na pele o que nós vivemos aqui.

O instalador do Myriade já está salvo no seu stratus. A missão da major é acessar o hiperespaço terrestre, descarregar o programa no cumulus, instalá-lo no stratocumulus e driblar a polícia hiperespacial até transferi-lo para o nimbostratus, o que permitirá espalhá-lo por toda a rede. Para isso precisará usar criptografia de quinto grau e direcionar os dados através de um grande número de servidores intermediários, para despistar os farejadores. Ela sabe que se for pega, estará tudo acabado, mas ela disse que faria qualquer coisa por nós. “Por nós”, ela disse. Não entendi o que ela quis dizer, mas fiquei convencido da sua determinação.

6.

Mas, e toda boa história tem sempre um mas, muitos líderes religiosos da Terra, escandalizados com a cultura lunita, passaram a açular as massas e as autoridades políticas para que restaurassem os valores tradicionais da família e da propriedade. De fato, nunca houve em Luna algo como a propriedade privada, pois tudo o que construímos era financiado pelas agências espaciais das nações desenvolvidas,

e tratado como patrimônio da humanidade. Sempre vivemos em comunidade e nunca vimos necessidade alguma em possuir alguma coisa que não pudesse ser compartilhada. Não praticávamos o comércio, porque recebíamos tudo o de que precisávamos. Quanto às famílias, desde que nossos pais abandonaram as suas para viverem no novo mundo, todos formamos uma grande e única família, e não entendemos que utilidade pode ter essa coisa de privilegiar algumas poucas pessoas em detrimento de todas as outras. Os terráqueos, movidos, por certo, por arraigadas frustrações sexuais e afetivas, não podiam aceitar nosso modo de vida, e muito menos aceitariam depender de nós para sobreviver.

Essa foi a causa da guerra que culminou na vaporização de muitos lunitas. Foi assim que se debelaram os movimentos grevistas insurgidos contra as leis antionigamia que nos foram impostas. Em poucos dias lunares, regredimos mais de um século solar. Depois que os terrícolas enviaram suas tropas e retomaram o controle do espaçoporto, passamos a chamá-los depreciativamente de *terrenhos*. E eles passaram a nos chamar de lunáticos, não sem alguma razão.

O fechamento do hiperespaço terrestre para todas as exocolônias foi uma das sanções aplicadas no fim do conflito, mas a verdade é que os terrenhos se borram de medo da capacidade dos nossos ciberpiratas. Eles são, mesmo, os melhores do Sistema Solar.

7.

A major baixou o visor de realidade virtual e, literalmente com um piscar de olhos, acessou o stratocumulus pelo seu leitor de retina. “Bene, Gugolplex, enviar Myriade.”

3,3 Terabytes carregados em 2,7 segundos.

Deseja instalar agora?

Sentiu o coração bater como nunca antes, e nem per-

cebeu o quanto isso era clichê. “Sim.”

A barra de progresso ao estilo de tela de radar conferia um clima mais cinematográfico à ação. Assim como o alarme retrô simulando sirene de submarino, que denunciava a chegada da polícia. Apenas cinco segundos depois, a porta era estourada com um carneiro e os policiais já entravam disparando como se não houvesse amanhã.

8.

Os interventores designados para dirigir o espaçoporto, seduzidos pela nossa cultura, acabaram por corrompê-la, passando a praticar um rodízio poligâmico exclusivo para os oficiais de alta patente, os médicos e os engenheiros, terrenos em sua maioria, enquanto os técnicos e os oficiais subalternos continuavam proibidos de comungar o leito uns dos outros. Apenas nos deram direito a um casamento monogâmico indissolúvel, mas isso para nós é impensável, absurdo. Imagine ser obrigado a se relacionar com uma única pessoa pelo resto da vida! É pavoroso e ultrajante.

E foi isso que levou nossos programadores a criar o Myriade, um ambiente virtual hospedado no stratocumulus (como chamamos o estrato intermediário da nuvem) que permite o encontro entre pessoas reais de forma privada e praticamente irastreável a partir do cirrus (os estratos mais altos da nuvem). Não, você não entendeu, não é uma plataforma de sexo virtual, trata-se de sexo real a distância. O sistema permite permutar as mentes de dois ou mais avatares físicos, e assim, entre outras coisas, gozar dos prazeres da carne na pele de outra pessoa. A solução para o nosso drama, certo?

Errado. O que assistimos hoje é a uma degradação da nossa sociedade. Luna já foi um lugar paradisíaco, mas se tornou uma colônia penal para os seus nativos, reduzi-

dos a mão de obra escrava, e que, proibidos de participar do seu principal evento social, permanecem trancafiados em seus contêineres navegando compulsivamente no Myriade. Depois que se começa a viver assim, é impossível não ficar dependente, apesar do alto risco que se corre. Quem é detectado pela polícia hiperespacial, é sumariamente vaporizado. Embora seja tecnicamente possível invadir contas no Myriade a partir de servidores com acesso ao cumulonimbus, geralmente isso é tão difícil que a polícia prefere se ater aos metadados de produtividade dos vassalos. Passamos tanto tempo no Myriade que nossa atenção no trabalho desaba em queda livre. Quase sempre é assim que somos descobertos. Por vezes, no meu setor, alguém acaba desmaiando em cima dos painéis de operação.

Mas vamos reverter esse quadro. Assim que o Myriade for espalhado na Terra, os terrenos se curvarão diante do nosso gênio. Serão obrigados a evoluir, ou se destruirão uns aos outros.

9.

A major deu um matrix pra trás e saiu vazado pela escada de incêndio.

Por entre rajadas de sabres de luz e explosões silenciosas no vácuo sideral, dignas de um Oscar de efeitos especiais, nossa heroína premiada em Cannes consegue chegar até o vestibulo do nível superior da nuvem. Ela olha para o navegador em seu pulso: aparentemente, os fardas foram despistados.

Entrou no modo de navegação anônima e acedeu ao átrio. Tocou do lado do visor e deslizou suavemente a ponta do dedo médio até o ícone, uma constelação com as estrelas ligadas por uma linha pontilhada formando a letra M.

Tem certeza de que deseja instalar Myriade no stratocumulus?

MANIFESTO EM ROXO NEON

Ana Nogueira

Aqueles túneis de aço que percorriam toda a cidade eram como se fossem veias. Pelas paredes metálicas do túnel era possível ver várias pichações em tinta neon, mudos gritos que brilhavam no cinza da rotina. Viu as cores verdes, rosas e laranja nas palavras que gritavam, mas não viu nenhum sinal de roxo. Aquela era uma região diferente, meio que um caminho mais rápido, nele era possível ver protestos em outros tons. Ainda com esses detalhes em mente a menina saiu do túnel, olhou ao redor e viu que já estava no centro comercial da cidade.

Uma música agitada logo chegou aos seus ouvidos e seus óculos escuros serviram como um espelho das luzes neon que tomam o lugar. Olhou ao redor como uma criança que vai a primeira vez há uma loja de doce. Aquela não era a primeira vez que ia até lá obviamente, mas algumas coisas não perdem a mágica inicial, ainda mais para ela que morava longe daquele centro. Ajeitou os seus óculos.

Os níveis de radiação do Sol haviam aumentado muito ao longo dos anos por causa da poluição, devido a isso Hivy usava como uma grande maioria da população um óculos escuro com um filtro especial anti-reflexo, para que seus olhos não fossem tão afetados. As pessoas que tinham um pouco mais de dinheiro implantavam uma lente especial na retina, assim a pessoa não precisava usar óculos.

Hivy achava que os óculos eram eficazes também contra as luzes neon, ela amava as luzes, mas também amava os seus olhos que tinham sensibilidade a luz por não está muito acostumada a vê-las tanto, por isso usava os óculos o tempo todo, até mesmo de noite, como era o caso. Na verdade, os óculos tinham um valor ainda maior para ela, era como se fizesse parte da personalidade dela, assim como a cor roxa. Um pedestre apressado quase a derruba. Foi apenas nesse momento que ela notou que estava no meio do caminho deles. Tanta pressa. Na via de mão dupla os veículos modernos passavam voando, eram como os glóbulos vermelhos do sangue que levam oxigênio por todo corpo, mas nesse caso eles tomavam o precioso gás e deixavam gás carbônico e o ar ainda mais cinzento. Não sabia porque mais achava tudo aquilo muito exagerado. Na escuta em seu ouvido tocava um clássico de 2017. As pessoas continuavam passando, sem que parassem para notá-la. Era apenas uma menina com uma bela jaqueta metalizada roxa, botas brancas e um boné neon quase no mesmo tom de roxo da jaqueta dela.

Saiu um pouco do meio do caminho dos pedestres apressados. Da nova posição em que estava viu com mais calma uma confusão de cores que pareciam pulsar em um ritmo constante. Eram pessoas com pulseiras, esmaltes e adereços de cabelo verdes, azuis, rosas e outras tonalidades neon, também haviam roupas em iguais tons, toda essa mistura de cores devido a rapidez mais pareciam traços de luz que corriam em direção há um ponto único. Os veículos que passavam apressados com seus faróis neons pareciam querer competir com os anúncios que tentavam ser tão rápidos e velozes para que assim alcançar a atenção dos pedestres. Aquela cidade de veias metálicas tinha um coração de neon que sempre pulsava. Toda desordem tem um ordem. Hivy começava a perceber as particularidades da cidade metálica, pois estava bem perto do seu coração. Ouvia as batidas

ritmadas que pareciam fazer ainda mais sentido. A música eletrônica era ao ritmo da batida daquele coração.

Olhou para um dos telões que mostravam as horas e viu que talvez ainda tivesse que esperar um pouco, ao fazer isso começou a pensar no motivo de está naquele lugar. As batidas do coração haviam a distraído um pouco. Muita tecnologia devia garantir qualidade de vida para muitas pessoas, não apenas para algumas. Como era o caso ali. Bastava uma rápida olhada para que Hivy começasse a numerar as diferenças daquele lugar para onde morava. Enquanto ali tinham os cilindros teletransportadores com os seus anéis neon por toda a sua extensão onde ela morava ainda tinham que se locomover pelos antigos túneis. Haviam algumas linhas de transporte público que passavam por lá, mas Hivy sabia que era mais rápido ir andando. Ali eles tinham tecnologia de ponta, mas não sabiam a consequência dela. Ficou se perguntando se alguma daquelas pessoas sabia o que acontecia um pouco mais longe da sua zona de conforto. Olhou para a fonte de água tão artificial como os prédios e lembrou o principal motivo por está ali. Estavam matando um dos poucos rios que restavam, as indústrias que produziam as pulseiras neon estavam despejando os resíduos no rio que passava perto de onde a menina morava. Tentaria fazer o seu grito de protesto ser ouvido. Tirou do bolso da jaqueta a sua tinta neon roxa, tocou nela, mas pensou que não era o momento para usá-la. Havia outras formas de protestar.

As desigualdades viraram motivos de protesto, como ela notou durante o caminho pelo túnel. Pessoas como ela que percebiam a ausência de equidade transformavam seus manifestos em tinta neon. Era como se fosse uma forma deles mostrarem que existiam. Era como se fosse um livro de registro das pessoas que passaram por aqueles túneis escondidos. Haviam as mais variadas cores naqueles túneis que ela comparava a pequenas veias. Queria que seu manifesto che-

gasse ao coração da cidade e não apenas as veias.

Hivy conferiu novamente as horas, ainda olhava para o telão quando sentiu o toque em seu ombro, sorriu ao ver um menino que usava uma jaqueta verde e um moicano quase da mesma cor. Ele morava próximo e ela havia o convidado para ver o seu manifesto e para ajudá-la também. Seu amigo havia chegado bem na hora.

A menina pegou na armação de seus óculos escuro e pareceu configurar algo ou acessar a internet. Aqueles óculos eram um modelo antigo que permitia fazer chamadas e acessar a internet, além de obviamente proteger do Sol, mas exigia que os comandos fossem acionados manualmente. Tinham outros modelos muito mais modernos que faziam as mesmas funções só com o movimento dos olhos e havia também as pulseiras neon que quase todos usavam, elas tinham entre outras funções vídeo chamadas e acesso a rede intergaláctica de computadores. Mas por hora ela estava satisfeita com o que tinha, até porque Hivy tinha muito conhecimento de programação e havia configurado aqueles óculos com outras funções, como a que usaria para conseguir o que queria. Foi preciso muito tempo para aperfeiçoar o programa. Ao seu lado seu amigo de forma sutil acionava um programa semelhante nos seus óculos.

Por um momento pareceu que havia alguma interferência no ar. Todas as luzes neons começaram a oscilar até que apagaram deixando todos surpresos com aquele ocorrido. Os veículos pararam no ar, os anúncios sumiram e os túneis de teletransporte com suas linhas neon também apagaram. Naquela ausência de luz somente um telão continuou aceso e nele era possível ver um manifesto com letras em roxo neon.

FANTASMAS DE NEON

David Leite

Era isso. Havia recebido mais uma missão da Irmandade Eletrik4. Geralmente significava alguma missão de extermínio, coisa que ele odeia, no entanto também era os melhores pagamentos. Também tinha ressalvas a respeito do contratante. A irmandade era um grupo rebelde que aderiu a formas violentas e terroristas para se promover e derrubar o Conselho de Gestão Lunar. Ele, Zarron, gostava de trabalhar para clientes mais discretos em seus modus operandi, ainda mais para a missão de execução. Geralmente os alvos da irmandade eram figuras eminentes, que dariam exposição a eles. Negócio arriscado, sempre. Mas também valeria a pena o pagamento.

Isso é o que poderia supor. Diferente das outras vezes, o mensageiro da irmandade, ao lhe encontrar, não lhe passou diretamente o nome do alvo.

- Você saberá quem é assim que estiver no ponto Zero, hora Zero.

Dizia.

Adiantou o pagamento em 20% de créditos. Confirmei no codec de pulso minha conta recebendo os valores não rastreáveis.

Tinha pedido 30% de adiantamento. O mensageiro, então, me estende um pequeno tubo prateado.

- Aqui está os outros 10%. Acho que uma dose espe-

cial de *Speed* vai tornar a missão mais fácil para você.

Pensei em rejeitar. Queria estar limpo para conseguir realizar a missão. Mas, sinceramente, uma boa dose disso tornaria tudo mais fácil, mesmo. Eu fico no meu melhor quando acelerado. E, dependendo das circunstâncias com o alvo, estar nessas condições poderia ser uma vantagem para mim.

Nova mensagem no meu Codec. Dessa vez, o mensageiro transmitiu a localização do meu alvo. Nas cercanias do setor 14. Uma das áreas mais abandonadas do complexo lunar.

Estranhei a localização. Ninguém importante, pelo menos, dos alvos habituais, passaria por ali, a menos que estivesse lidando com coisas escusas. Era um greto obscuro, onde apenas viciados e gente pior era frequentadora habitual. Alguém da esfera política estaria por ali?

Mas não me caberia questionar. Eu apenas sigo ordens. Salto no Motorphase e na primeira arrancada as lâminas magnéticas falham em pô-lo no ar. Tinha que consertar isso. Um novo arranque, ruge o alternador elétrico, e as pás magnéticas finalmente se acendem por completo e coloca a moto 20 centímetros acima do chão. Encaixo o tubo prateado no respirador do capacete e prontamente uma nuvem esverdeada se esparrama para dentro dele. Uma respirada forte e ela desaparece para dentro de meus pulmões. Então arranco em direção ao Setor 14.

Atravesso os setores pelas conexões alternativas. Não ousaria pegar nenhuma *mainway*

Essas horas, também, certamente estariam lotadas de gente. Sigo em paralelo a elas, mas não precisaria ir por ali e correr o risco de ser identificado. O oxigênio do meu cilindro era o suficiente para dez viagens por fora das estradas envidraçadas, ambientadas, da cidade. E de qualquer forma, o acesso ao setor 14 não é feito pelas principais. Era uma

área esquecida, uma das primeiras construções da colonização. Agora serve de abrigo para a marginalia.

Chego ao setor 14. Uma base arruinada. Escura. O bioma de vidro, que mantinha o local oxigenado está quebrado. Apenas alguém com seu próprio aparelho de respiração era capaz de sobreviver ali. Diminuo a velocidade da motorphase e a estaciono próximo de uma das parede destruídas que agora viraram porta de acesso a base.

Retiro meu blaster, coloco em modo silencioso. Apenas vultos passam por um momento próximo de mim, mas não dei atenção. Ainda precisava de confirmação do alvo.

O Codec dispara mais uma vez. Nova instrução: “Entre na base, procure sala de comando de som. Ali estará seu alvo.”

Entro no Setor como solicitado. Uma base arruinada, sem luz. Ligo os iluminadores de meu capacete e um ou outro vulto negro foge para longe do fecho de luz. Aciono o codec para uma varredura do ambiente. Em um segundo, ele me mostra o mapa do local. Apontando para mais distante num dos escuros corredores, a sala de som.

Sigo, vagorosamente, a indicação do aparelho. Os corredores escuros, fios elétricos partidos faiscavam e jogavam um pequeno lume de palmos, mas fora isso, a lanterna do capacete era o único ponto luminoso.

Passeio em silêncio, embora ser o único ser com uma lanterna ali já chamasse a atenção demais. Não ousaria desligá-la para me tornar mais furtivo. Os poucos passos e pessoas fugiam rapidamente de mim. Viciados, provavelmente. Não desligaria a luz para ser emboscado pelas figuras. Era bom que eles me vissem ali. Era bom que eu notasse a presença deles.

No entanto, ainda não saberia dizer a quem devia executar.

Passo a passo. Ganho o corredor. Uma faísca elétrica

pula muito próximo de meu visor. Reagi colocando a mão contra o pequeno estouro. Uma vertigem, repentina.

O corredor em que estava, então, começa a se tornar um pouco iluminado. Na verdade, pequenos cortes de luz nas paredes, e nas arestas. Toco em um dos cortes, e o brilho deles parecia vir de nenhuma fonte. Como se uma tinta brilhante tivesse riscado aquele ponto.

Continuo, vagaroso, a percorrer o corredor, agora brilhante. Um vulto passa novamente por mim, mas dessa vez, ao invés de uma figura sombria e difícil de determinar, vejo um fantasma brilhante, como se a mesma tinta solta na parede tivesse sido jogada em suas vestes.

Ele vai para um canto e posso acompanhá-lo pela diáfana luz que começou a iluminar o ambiente. Desligo a lanterna e vejo. Estava imerso em uma noite de neon, como nos setores de casino da base lunar. Por todo o canto uma luminescência fraca, de cores mortíferas, surge para transformar aquele outrora escuro e nefasto corredor em uma espécie de danceteria. As luzes não giravam, mas partiam de todos os cantos, em todas as cores. Minha cabeça começava a doer. O ambiente tornou-se mais claustrofóbico que no breu de antes.

Novamente um dos fantasmas brilhantes passa por mim. Mas dessa vez para em minha frente. Um segundo e um terceiro faz o mesmo. Estavam cobertos da cabeça aos pés por um manto claro, onde o caleidoscópio de cores halogênicas se projetavam. Um quarto, e quinto também se aproxima, pelos lados. Estava agora numa sala. Vejo o codec. A sala de som.

Confuso, a vertigem começa a ficar pior. Espero um momento a mensagem do Codec sobre o alvo que deveria ser dizimado.

Ele bipa. Nova mensagem da irmandade. Alvo: Zarron.

Era eu o alvo deles?

Tento me recompor o mais rápido possível, mas a vertigem piorava rapidamente. Algo no *Speed* não estava certo. Levanto meu blaster. Os fantasmas descobrem seus braços empunhando suas próprias armas.

O brilho anêmico da sala de repente explode em intensas luzes e sons de disparos.

A vertigem cessa dando lugar à uma sensação anestesada.

O brilho de neon começa a escurecer, então. Até voltar ao breu completo.



DESPERTAR PARA O AMANHECER

Ana Paula Camargo

Despertei, eu acho.

Acordei em meio ao silêncio e em uma sala que não conheço. Cadeiras, muitas cadeiras. Havia uma luz fraca entrando pela fresta de uma cortina bege rendada, que, ao mesmo tempo que cegava meus olhos, atiçava minha curiosidade. Levantei cambaleante, dei dois passos, e sentei em uma das cadeiras. O medo me atingiu. O que eu estava fazendo ali? O que havia acontecido?

Eu simplesmente não lembrava nada, era como se minha história estivesse começando naquele instante. Tudo novo na minha lembrança, porém tudo antigo ao meu redor. Respirei fundo, olhei mais um pouco em volta, nada. Nada me refrescou a mente.

Encarei o medo da escuridão dos meus pensamentos e fui em direção à luz. Chegando à janela só consegui ver um muro alto com alguns galhos querendo abraçá-lo pelo outro lado, misturando-se a um céu acinzentado. O desespero começou a dar as caras. Por que eu me encontrava nesse lugar? O que eu deveria fazer? Esperar? Sair? O que enfrentaria em ambas as situações?

Não era sonho. Com certeza não era. Não era meu passado, pois nunca havia estado em lugar semelhante. Será que eu havia sido raptada? Mas, era tudo tão aconchegante, e como eu poderia não lembrar algo assim?

Voltei ao sofá, na esperança de que alguma ideia me arrebatasse, e eu tivesse um norte. Mas, o medo me travava. Deitei. Encolhi-me como um feto e me tapei usando uma colcha de retalhos colorida, com cheiro de jasmim. Fiquei assim por não sei quanto tempo, pois na casa não havia relógio. Ou pelo menos não na sala, de onde não me atrevi a sair. Minha cabeça ficou pensando em tanta coisa e não chegou a lugar algum.

Quando a luz por entre a cortina já começava a se apresentar mais fraca, ouvi um barulho, como uma fechadura se abrindo. Tapei a cabeça. Não me restava mais nada a fazer. Rezei. Nem lembrava que ainda sabia rezar assim. Senti uma mão sobre meu ombro, um toque gentil e ouvi um suave “boa tarde”, vindo de uma voz tão calma que desapareceu, assim como aquietou, meu coração quando a reconheci.

Era minha avó. Minha já falecida avó. Na hora não me dei conta, estava absorta com todos os acontecimentos. Joguei a colcha longe, levantei-me em um pulo e a abracei tão fortemente que ambas caímos sentadas no sofá. Ela simplesmente sorriu e disse:

— O que houve? Até parece que viu fantasma.

Comecei a bombardeá-la com perguntas. O que havia acontecido? Por que estávamos ali? Era um sonho? Era real? Ela, com sua serenidade de sempre, respondeu:

— Uma coisa de cada vez. Primeiro vou lhe preparar um chá com pão caseiro que fiz hoje pela manhã.

Aguardei. Sentia-me em casa agora. Não sabia ainda em que casa, mas me sentia bem, protegida, tranquila. Em alguns minutos, ela retornou. Senti o aroma da minha infância novamente. Ela sentou e, enquanto eu devorava aquela refeição, pois- se então a me contar o que estava acontecendo.

— Bom, vamos agora à explicação. Realmente achávamos que isso poderia acontecer.

— Achávamos? Quem achava? Acontecer o quê?

Minha avó, novamente deu aquele sorriso calmo e disse:

— Se parares de perguntar, eu consigo explicar. Que menina! Sempre foi curiosa e apressada. Pelo visto nunca mudou.

Pedi desculpas, assenti com a cabeça e me acomodei para ouvi-la.

— Isto não é um sonho. Estamos entre passado, presente e futuro. Um momento em que os três tempos se cruzam. Estamos no passado porque escolheste assim. Escolheste visitar este passado, tua infância. Já deste uma olhadinha no espelho?

Então ela me entregou um espelho pequeno com cabo branco e flores pintadas e o coloquei em minha frente. Eu era uma criança, com não mais que quatro ou cinco anos.

— Não te assusta. Escolheste voltar assim, desta forma. Todo teu conhecimento é de tua vida fluida adormecida, teus 45 anos. Estamos na verdade no futuro, neste momento. E, na verdade, tens atualmente 95 anos. Mas, daqui a alguns dias, isso será nosso novo presente. Mais uma vez peço que não te assustes.

Eu observava tudo tentando processar cada palavra.

— Quando tinhas 45 anos aconteceu um acidente e tiveram que te paralisar fluxualmente, ou seja, deixastes de seguir fluindo em vida. Teu corpo envelheceu, mas todas tuas funções paralisaram. Só foi possível retornar a ativar tuas funções 50 anos mais tarde. Com o tempo tudo isto que estou te contando agora vais acabar esquecendo, por isso presta bastante atenção.

Comecei a chorar, não sabia o porquê, mas as lágrimas corriam sem pressa. Minha avó me abraçou e me acalmou. Explicou que tudo ficaria bem e seguiu com a história:

— Quando voltasses a fluir te deram a opção de “Re-

amanhecer”, que consiste em voltar no tempo para reviver toda tua vida, conforme o ponto da nova partida, e escrever teu futuro novamente. Seria como “refazer o amanhã”. Ofereceram para ti a opção de escrever um breve diário com acontecimentos importantes da tua vida, pois, ao longo da nova fluidez desperta, irás te deparar com alguns deles novamente. Porém, dependendo de conforme fores mudando cada um, eles irão se repetir ou simplesmente passarão a nunca mais acontecer. Mas, tu não quis. Preferiste deixar as coisas acontecerem e escolher novamente teus caminhos. Falou que do que realmente for necessário e verdadeiro, não se poderá fugir.

Minha avó parou de falar, esperando minha reação, que não veio. Eu estava atônita.

— Então, aqui estás. Tua idade até então era 95 anos, tua idade fluida adormecida, 45, e tua idade real, agora desperta, cinco anos.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Ainda estava tentando entender.

— Não te preocupa. Tudo isso que conversamos será esquecido em alguns dias. Afinal, escolheste ter um novo futuro, sem lembrar o teu futuro anterior. Terás oportunidades novas, algumas iguais, e vais escolher novamente por elas. Vais ter caminhos e atalhos a seguir. Amores, trabalhos, dores e prazeres. E, como vais passar por tudo isso, só com o tempo para descobrires novamente.

Animei-me a tentar falar um pouco e perguntei:

— Eu vou morrer de novo, com 45 anos? Eu tenho escolha?

Essa idéia de minha morte era o que mais me assustava, apesar de tudo aquilo fazer quase nenhum sentido para mim.

— Lembra que escolheste não lembrar? Vais viver um mundo novo. E dependerá dele o dia que ele terminará

para ti. Recordas que falavas seguidamente a frase: “Só se vive uma vez... de cada vez”? Pois então!

— Mas, e a senhora, aqui? Essa casa? Como? Tem certeza que isso não é um sonho?

— Essa casa era onde morávamos quando eras bem pequena. Já eu, simplesmente parei de fluir, quando tinhas 12 anos. Nunca morri. Estava esperando por esse encontro há algumas horas atrás, quando me ativaram juntamente contigo.

Estava feliz por reencontrar minha vó, mas era muita informação em tão pouco tempo.

— Agora termina teu chá que logo mais tua mãe chega e jantamos todas juntas. E, provavelmente amanhã, quando acordarmos, nosso futuro recomeça. Ao despertar pela manhã, terás uma nova chance de viver cada dia com escolhas diferentes. Isso é a única coisa que nunca deveria ser esquecida nesta ou em qualquer outra vida.

OPRESSÃO FINAL (IN)CONSCIENTE

Raul Coutinho de Almeida

Na rua Galvão Bueno, próximo ao metrô Liberdade, as fachadas em neon dos estabelecimentos ajudavam a iluminar as calçadas; já que as luminárias públicas— na maioria, defeituosas— não davam conta da escuridão da Nova São Paulo.

Essas luzes fluorescentes— semelhantes às de pulseiras de balada— refletiam nos óculos de um jovem que vestia sobretudo e se esquivava dos lixos espalhados ao chão. O cidadão, entretanto, satisfeito com a situação do bairro, teve de esperar uma família de camundongos atravessar seu caminho. Os ratinhos saíram do buraco de um pub e rumaram ao esgoto da rua.

— É dose ter que aguentar mais uma dessas. Em plena quatro da manh...— pensando, tomou uma trombada.

Indignado, deu de cara com um mendigo que virara a esquina. Resmungou:— Ôh, animal! Presta atenção, maluco!— e mostrou-lhe o dedo do meio de sua mão robotizada. Mas o mendigo ligou pouco para o xingamento, manteve a sua afobada peregrinação. O jovem, invocado, ao voltar sua mão robótica ao bolso do sobretudo, notou um peso diferente ali.

— Oxe! Que merda é essa?— tirou um pequeno cubo, que lhe havia brotado no bolso.

Em seguida, quando examinava o objeto que parecia

um “dadinho” crescido, uma luz forte o expôs. O holofote vinha de uma viatura. Além de alardear o moço, sua sirene combinava com a fluorescência azul e vermelha das lojas.

— Mão na parede, sangue-bom!— saiu um primeiro militar do carro.

Antes de o garoto enquadrado prostrar-se à parede, soltou aquele estranho cubo. E, o objeto, como o rolar de dados, estacionou na visão do holofote.

Outro “coxinha” surgiu, este, metido a sargento, pegou o cubinho dropado e direcionou-se ao dono do objeto.

— Que é isso, irmãozinho?— esfregou o dado na cara do garoto.— Droga, né?

— Não sei de nada, senhor... Isso brotou no meu bolso depois que... ah, já sei! Foi o mendigo que colocou no meu bol...

Tomou uma bela de uma coronhada na cabeça.

— Tá metendo o louco, é?— na hora, o oprimido engoliu um grito de dor; o sargento continuou:— O mendigo não tem nada a ver, filhote. Fala logo a verdade, vai...

— Sargento Garcia, é ele!— o primeiro soldado que puxara a carteira do marginalizado entregou RG ao sargento.

— Bom trabalho, soldado Pedroso!— leu o documento, fez o cara-crachá, e declarou:

— Senhor Plácido Toledo. O senhor está preso por tráfico de drogas!

Ao prender Plácido, o soldado Pedroso teve de colocar as algemas nos cotovelos do condenado, já que a parte ciborgue da mão do jovem ia até a metade do antebraço.

— Pera aí, pô! Aquilo não era meu! Não é justo, cara! Sou inocente!— o debater de Plácido de nada adiantou contra os bíceps do soldado Pedroso. Sem chance, foi jogado no camburão, e o porta-malas fora trancado.

Com todos no carro, o Pedroso, como motorista, sol-

tou o freio de mão. As turbinas já trabalhando, a viatura se descolava do solo. Em certa altitude, Garcia perguntou:

— Já sabe aonde ir, né, cadete?— e Pedroso o respondeu com um “jóia”, pisando no acelerador.

Durante o voo, as reclamações do condenado Plácido cortou-lhes o silêncio. Sentindo-se injustiçado, aos berros pedia para falar com seu advogado, avisando que seus óculos tinham caído na rua.

— Ae, Pláto!— Garcia se empapuçou e se virou à peste com um fuzil.— Cala essa boca, antes que eu termine de pipocar essa tua cara de nerd, que já tá pipocada, cheia de espinhas! Você não precisa de óculos agora, e nenhum advogado vai botar chupeta na tua boca. Então, filho, facilita o teu lado, e fica de boa!— uma tensão caiu.

Depois de segundos, Pláto, desconfiado, questionou:— Pláto? Como assim sabe o meu codinome?

Os dois coxinhas entreolharam-se, o veículo chacoalhou no ar de tanta gargalhada:

— Meu Deus! Olhe para o seu braço metálico, cara! Estamos em 2049 e você ainda acha que tem uma vida privada?! Fumou um?! Agora que a gente te prende de verdade. Pela sua ignorância, nem parece que foi você quem ganhou o prêmio de funcionário do ano da empresa COM-X. Mano, é um acesso à CeBra, e sabemos até o horário que você nasceu, fi.

— Tudo bem... Sei disso tudo. — o nerd tentando se consertar— Digo... Não me entra na cabeça que, só de verem meu documento, conseguiram puxar meu histórico. Vocês me encontraram ali, e só viram meu RG, certo?

Não houve resposta. Pelo clima, Plácido começara a notar que estava sendo ludibriado.

Garcia e Pedroso entreolharam-se mais uma vez, agora, sérios.

— É ali, Pedroso!— o sargento apontou para o terra-

ço de um prédio abandonado, próximo à Praça da República.— Pode descer!— e recebeu o positivo do soldado.

Em seguida, puxado o freio de mão, as turbinas da viatura foram diminuindo sua potência até o veículo entrar em contato com o chão do terraço. Estacionaram.

— Ué!— estranhando o local, Plácido se pronunciou— O que vão fazer aqui? A delegacia é mais pra frente, pô! Vocês vão abastecer aqui, né?! Calma aí... se vocês tão querendo dinheiro, galera, pegaram a pessoa errada! Na moral mesmo, sou um brasileiro comum. Não tenho onde cair morto. Você deve saber que a COM-X, que explora o trabalhador, não liga pra nós. Não alteraram meu holerite nem pelo prestígio de melhor funcionário. Não ganho nada por isso. Nem sequer moral.

Pedroso fez um sinal para que Garcia jogasse as cartas na mesa.

— Ninguém tá falando em dinheiro aqui, Senhor Plácido Toledo! — pigarreou.— Você tem outra coisa que precisamos. Todos sabem que agora a COM-X tem domínio sobre o CeBra, e você sabe que este tal de: Ciberespaço Brasileiro fatura trilhões, não é?! Então, como você é funcionário alto padrão e tem acesso à torre central, quebrará um galho para a gente.— Pláto entortou o rosto em rejeição. O sargento manteve a condição:— Eu e Pedroso estamos aqui para te oferecer um acordo...— O jovem quis saber do tal acordo. Garcia saiu do carro, abriu o porta-malas, tirou o garoto de lá do camburão, e, do sensor da farda, desativou as algemas.— Vem cá, jovem!

Logo ali, convidou-o a aconchegar-se em uma mesa, em uma cadeira de boteco. Ele se assentou. De frente para ele havia uma porta vermelha com o desenho de um coelho branco, como se tivesse sido grafitado.

Quando Pedroso pegou a algaema e colocou-a violentamente na sua mesa, o chefe, direto ao ponto, prosseguiu:

— Há duas opções pra escolher, sr. Pláto: Ser condenado por tráfico de drogas ou seguir o coelho branco da porta vermelha.

— Aff— já bem desanimado, levantou da cadeira e subiu no parapeito do terraço. A fim de pegar impulso, disse com voz de choro:— Tô ferrado mesmo... acabou! Não tenho mais que aceitar acordo algum... Vida de brasuca é uma beleza! Vou acabar logo com isso!

— Ô, Pláto!— o sargento berrou— Não vai fazer essa baboseira, vai? Você tem muito pra viver ainda, garoto. Não dificulte as coisas...— o jovem travou o pé direito.— Não quer nem saber sobre o coelho branco, não? Vai ser de boa. Você vai sair ileso dessa. Vai ser um trampo simples pra Telenet.

— Merda!— expirou Pláto, descendo do parapeito e enxugando a humidade do rosto:

— Me ferro todos os dias com transporte público, ganho uma mixaria, e uma vez por ano preciso revisar meu braço metálico, que não é barato. E agora a própria polícia forja um crime contra mim. Querem me extorquir para fazer um trampo a favor da Telenet, a maior concorrente da COM-X. Ai, ai... É de morrer mesmo!— pegou a algema que estava na mesa, olhou-a com carinho, e repentinamente lançou-a para o ar. Ao cair, o objeto foi se quebrando ao bater de parede em parede, até chegar lá embaixo na rua.

Os coxinhas, indiferentes do caso sofrido do oprimido nerd, justificaram:

— Só estamos cumprindo ordens para a Telenet. E... como jogou a algema fora... já está decidido, não é?... Então... Bora?

— Fazê o quê?! Não tenho opção. Bora ao coelho branco, né?!

O sargento se dirigiu até a porta vermelha do coelho branco, e abriu-a:

— Entre.

Dentro do quartinho escuro sem janelas, uma escrivaninha era iluminada apenas por uma luz fluorescente. Nela os neons refletiam uma coisa, um cubo verde/amarelo.

Pedroso levou aquela cadeira de bar à frente da mesa, e Garcia apresentou-a ao moço.

— Relaxa. É coisa rápida. Você vai fazer o seguinte, Pláto...— Garcia, ao iniciar o tutorial da missão, foi puxando um cabo de rede de trás da caixa— Você vai se conectar agora à CeBra— plugou o cabo, em uma entrada de rede, da mão cibernética de Pláto.— Vai até a torre central...— pressionou o botão LIGAR do cubo— E, por fim, vai liberar o firewall. Assim, nossos hackers estarão livres para invadir os servidores da COM-X. Então, nós, da Telenet, teremos o domínio da CeBra.—\$\$\$.— Feito isso, você estará livre do xadrez, Pláto. Alguma dúvida, campeão?— Pláto, suando frio, concordou. Então, Garcia concluiu:

— Fechou! Falo contigo pelo chat!— atrás do console, o sargento acionou uma alavanca.

Iniciando CiberEspaço Brasileiro... Carregando software responsável: COM-X... Convertendo logaritmos à Realidade Virtual... Renderizando modelos gráficos... Conectando usuário potencial: Login: PLA_TO; reconhecimento de biometria... OK! Usuário logado!

— Bem-vindo!— ao abrir os olhos, Pláto ouviu a voz de saudação.

Entrado com a visão azulada, pensou que houvera um bug no sistema. Mas, ao sentir cheiro de mijo emulado, ele olhou para baixo:— Um banheiro? Não tinha um lugar melhor para me logar, não?

— Segura só essa, Pláto. É o único lugar que há para burlar o sistema antipirataria.— Garcia respondeu através do chat.

Fora do banheiro químico, pelas altas árvores ao re-

dor, o moço se via na Praça da República.

Na sua visão, uma flecha vermelha indicava o local onde supostamente teria que ir.

— Aponte a torre central no seu mapa. A Torre está logo ali... Uma coisa importante: cuidado com os vigilantes!— Pláto ciente, acenou positivamente, e seguiu seu GPS.

Decidiu correr, sem enrolação, a fim de livrar-se logo da missão. O que mais queria era se safar daquela situação. Graças à ajuda guiada por Garcia, evitou os drones vigilantes. Ele teve de fazer rotas não exploradas. Até que, enfim, em menos de 10 minutos, estava na Torre Central da COM-X; e, no quarteirão de acesso, recebeu a mensagem de chat:

— Bingo!— sargento Garcia exclamou, extasiado— Agora, segue uma parte mais fácil ainda. Você irá à sala dos servidores, desativar a válvula do firewall, e acabou.

Plácido Toledo não trabalhava no prédio da Torre Central. Porém, de vez em quando, visitava a Torre. Seu chefe o levava às reuniões do departamento. Sabia, portanto, onde ficava a maioria dos setores, inclusive a sala da rede.

Naquele horário, pela escala de serviços, não havia nenhuma avaliação dos servidores. Então, já aceita a biometria, Pláto estava dentro da câmara, sem ninguém para atazaná-lo.

No lado extremo da sala, estava a alavanca vermelha do firewall. Porém, para acessá-la, ele teria de quebrar seu vidro externo de emergência.

Pláto, estando na frente dela, perguntou:— E agora, Garcia? Tem câmeras por tudo quanto é canto, se mexendo, “viradas no jiraia”. Se me pegarem, vão fechar as portas e ficarei preso, sem poder deslogar-me do Ciberespaço.

— É pra já, irmãozinho. Vou desativá-las.— foi a última mensagem do chat. Nada de Garcia responder. Acostumado a trabalhar sob pressão, Pláto começou a zigue-zaguear sobre o recinto, a fim de ver se as câmeras estavam

funcionando. Quando pararam, ele imediatamente deu uma voadora no vidro, e levantou a alavanca.

Firewall desativado!

Ao sair da Torre, o logotipo “COM-X” da Torre Central havia sido trocado por “Telenet”. Evidentemente, os hackers foram bem ligeiros. Mas ainda não havia nem sinal da voz do sargento Garcia no chat.

Enfim, Missão concluída. Pláto estava crente de que, ao deslogar naquele banheiro fedido, iria para casa com a ficha limpa.

Encerrando software responsável: (agora) Telenet.

Fragmentando modelos gráficos... Desconectando usuário potencial: Login: PLA_TO; reconhecimento de biometria... PIRATA! Usuário deslogado!

Retornou são e salvo ao quatinho fluorescente. Tão são e salvo que, na sua frente, Garcia e Pedroso estavam algemados de joelhos; Atrás deles, a Polícia Cibernética apontando suas armas para o operador do crime.

O senhor Plácido Toledo, delirado, tentava reconectar à Cebra, para ao menos estar inconsciente da opressão final.

ASSASSINOS SONHAM COM ASSASSINATOS?

Pedro Henrique Silva

Com um sobretudo molhado, olhando para o chão e pronto para fazer um bom trabalho, Abner caminhava firmemente pelo Butantã. Evitando olhar para os prédios e suas enormes e coloridas propagandas que seriam projetadas em suas lentes se o fizesse. Ele não estava muito interessado no restaurante que vende o melhor Strogonoff do Brasil, ou de saber que aquele era o mais confiável banco da América Latina, ou que aquele estabelecimento dava as mais relaxantes massagens da cidade (ele se perguntava porque ainda escondiam...). Hoje não, pelo menos.

Claro que a chuva também contribuía para que a calçada com a linha azul — a qual indicava o caminho — fosse tudo que suas *Smartlenses* pudessem ver naquele dia. Não que Abner fosse um daqueles “lente-dependentes” que sequer sabem ir para a própria casa sem usar a navegação. É que se perder ali não era uma opção. Aquele bairro, naquele horário... Principalmente se você estivesse desarmado, o que, apesar de não ser o caso de Abner, cuja Glock ele sentia em sua cintura, ele não queria que fosse posto à prova.

O destino, embora desconhecido, não era de todo inédito. De fato, nunca tinha ido àquele prédio em específico, mas o tal de Enry Q não era o primeiro operador da Máquina dos Sonhos que Abner teria que visitar. Contudo, digamos que, como Abner não se orgulhava muito do que

tinha acontecido nas outras visitas, preferia não pensar muito nelas. Aliás, nada que fizera para a TLT era motivo para se gabar. O que estava prestes a fazer se enquadrava nesse padrão. Até porque, o motivo pelo qual ele ia ao prédio feio do Butantã com um anúncio justamente sobre as *Smartlenses* não era gravar sonhos da noite anterior, tampouco recuperar versões sem anúncios de momentos de sua memória. Mesmo assim, a Dormência aplicada há algumas horas ainda fazia um pouco de efeito.

A loja se chamava “Enry Q. *Smartlenses*” e era bastante esquisita. A rua era apertada, e não faltavam anúncios competindo por espaços numa bagunça multicolorida de fazer inveja aos filmes futuristas de Hollywood. Abner provou dessa mistura horrenda quando cometeu o erro de tentar ver o tamanho do prédio, ou se a loja era a única ali. As lentes faziam o melhor que podiam, apagando um ou outro anúncio, mas durante aqueles dois segundos que Abner olhou para cima, não conseguiu identificar completamente uma propaganda sequer, tamanha a sobreposição.

Ao entrar na loja, Abner pôde finalmente levantar o pescoço sem culpa. Logo, a primeira ação foi massagear a própria nuca. Aliás, depois que concluisse seu trabalho, poderia visitar uma daquelas clínicas de massagem.

— Olá, posso ajudar?— perguntou se endireitando o homem de óculos, alto e moreno. Era Enry Q, segundo suas lentes identificaram.

— Sim, sim. Eu queria usar a sua Máquina de Sonhos— disse Abner olhando ao redor.

— É-é acho que o senhor veio no lugar errado— respondeu baixinho olhando a porta se fechar— senhor, Abner Castro— disse provavelmente vendo a identificação em suas próprias lentes.

— Me disseram que eu poderia vir aqui. O Marquinhos disse.— falou agora olhando nos olhos de Enry e sor-

rindo.

— Ah, o Marquinhos— disse devolvendo o sorriso— Sim, sim. Pode entrar. Espera um pouco— falou Enry enquanto apertava um botão no balcão, causando desconforto em Abner.

Então, surgiu uma mulher muito bonita vinda de uma porta em um canto escuro, ao lado de Enry. Ao chegar mais perto da luz, não parecia ser humana, mas um robô mordomo.

— Vamos— Disse Enry apontando para uma porta na direção oposta da qual o robô viera. Quando se aproximou, viu que na verdade, aquela porta era de um armário. A outra, pela qual os dois entravam, dava para uma escada não muito alta.— Comprei a Sara um mês depois do boom da Dormência. Você sabe, né? Há uns dois meses a Máquina era só uma peça de museu. Tipo, uns três caras vinham aqui por ano para realmente gravar o sonho deles da noite anterior, e eu cuidava da loja sozinho. A máquina era totalmente secundária e a venda de *lenses* era o que me sustentava. Agora, nossa, todo dia uns dez clientes pra máquina. Não posso ficar fechando a loja toda hora. E tipo, o investimento da Sara vai se pagar logo logo... E também tem o aspecto de segurança, né? Serviço independente de vigilância, graças a um par de lentes também independente.

E Enry foi descendo as escadas sem parar de falar um segundo. Ele era do tipo tagarela. Ninguém da TLT havia preparado Abner para esse aspecto adorável da personalidade de Enry. Marquinhos era bem quieto. Tadson, mais ainda.

— Pois é— assentiu Abner quando finalmente chegou no porão da loja. Ele estava guardando saliva para mais tarde.

— Você pode sentar nessa cadeira aqui. Sua primeira vez na Máquina? Não lembro de você... Mas você conhece

o Marquinhos. Usou a Dormência quando?— Perguntou. Abner mal sabia como começar a responder.

— Não, nunca vim aqui. Mas já usei duas vezes. A máquina, né? A Dormência eu apliquei hoje cedo— respondeu.

— Aliás, desculpa o cuidado quando você chegou, viu? Parece que tem umas coisas estranhas acontecendo com operadores recentemente— disse enquanto arrumava a cadeira e ligava os equipamentos.— Você já usou a máquina sem a Dormência? Digo, pra realmente gravar seus sonhos da noite anterior?

— Não, na verdade— respondeu Abner.— Só comecei a usar depois que criaram a Dormência.

— Ok, entendi. O Marquinhos tá legal? Quietão ele, né?— perguntou.

— O Marquinhos? Sim, ele tá muito quieto.— disse olhando para o assento da máquina— Sua cadeira é boa.

— Ah, investimento, né? Vai se pagar em um mês. Tipo, não é por nada, mas você veio aqui e no Marquinhos. Vai comparar, né? Aposto que você volta aqui.— disse Enry rindo.

— Pois é,— sorriu Abner— posso sentar?

— Claro, claro— Abner então agradeceu o fato de Enry não ser uma daquelas pessoas cujas lentes davam propagandas baseadas no que as pessoas falavam. Provavelmente Enry ou tinha boas condições de vida ou havia conseguido hackear as lentes e bloquear o reconhecimento de voz.— Vou começar te dizendo sobre os detalhes do sonho...

Abner se desligou um pouco do que Enry falava. Provavelmente estaria passando o mesmo roteiro que os outros operadores seguiram. Dizer que não vão olhar os seus sonhos se ele não permitir. Que vão tentar fazer o sistema ler tudo que ele lembra durante a meia hora em que a Dormência faz efeito, mas que possivelmente vai haver alguma

inconstância. Provavelmente disse que dependendo da qualidade da Dormência o vídeo vai ser mais puro. Mas que de qualquer forma, com certeza a memória seria livre de anúncios e tal. Tudo enquanto digitava algo nos computadores, de costas para Abner que, sentado na cadeira, avaliava como seria sua estratégia para convencer Enry. Agora que conhecia sua veia empreendedora e seu jeito de querer agradar o cliente, possivelmente seria muito mais fácil.

—... então, que horas você usou?— perguntou para Abner finalmente olhando para ele. Mãos na cintura indicando que estava pronto para a extração.

— 10h23— respondeu Abner.

— Nossa, que precisão militar.— Brincou Enry. O sorriso então se desfez. Enry olhava para os olhos, os ombros e braços de Abner. Então sorriu novamente e foi andando até Abner com alguns pequenos eletrodos.— Isso vai no seu lóbulo, isso na sua pálpebra, e isso aqui, na sua nuca— dizia enquanto ligava um por um.

Enry então terminou de preparar Abner e foi até a frente de seus monitores. De fato, o equipamento parecia ser bem melhor que os dos outros.

— Pronto, Seu Abner?— perguntou.

— Bora— e Abner seguiu olhando para Enry que estava agora de costas e teclando. E não parava de teclar...e teclava...e teclava...

Abner foi acordando. Curiosamente a sensação logo depois de sair da máquina dos sonhos era sempre muito parecida com a que se tem logo depois de usar a Dormência. É uma sonolência acompanhada de lembranças ainda reverberando na sua mente, cada vez mais fracas, até irem lentamente sumindo. Justamente como um eco. Os cientistas que desenvolveram a droga fizeram um excelente trabalho. Di-

zem que queriam fazer o melhor sonífero do mundo. Uma evolução do clínico para uso doméstico. Mas o cérebro humano acabou discordando um pouco.

— Tudo bem?— perguntou Enry.— Você parece abatido demais... quantas vezes você usou a máquina essa semana?

— Não sei. Três?— disse Abner. Quando as palavras saíram da sua boca fez uma careta se levantando.

— Cara, você sabe que não pode usar tanto assim, né?— disse Enry tentando ajudar Abner a se levantar.

— Então, depende um pouco da pessoa. Eu consigo— disse fechando sua frase com um bocejo.

— Não parece.

— Sim, eu consigo. A TLT me preparou bastante bem pra essa semana.

Quando Abner terminou a frase, Enry se afastou do homem e quase caiu para trás. Como se tivesse vendo uma assombração.

— O-o que você tá fazendo aqui?— perguntou Enry.

— Calma, calma. Fica tranquilo. Eu tenho uma proposta pra você— disse Enry.

— Proposta?— perguntou Enry enquanto olhava ao redor procurando alguma coisa.

— Sim! Senta aí, e relaxa um pouco, cara.— Abner então abriu o paletó mostrando sua arma— Tá tudo bem.

Enry respirou fundo e se sentou na cadeira em que havia ficado durante o procedimento. Sua expressão era de terror, mas foi se suavizando até que uma outra de ódio tomasse conta.

— Fala logo o que você quer comigo— disse tremendo.

— Então, em nome da TLT eu queria te fazer uma proposta pela sua máquina, pela sua cadeira, e eventualmente pela sua experiencia com a máquina.— Viu a expressão

confusa de Enry e continuou— Olha, a gente da TLT gosta muito dessa tecnologia e queria entendê-la melhor. E claro, aperfeiçoá-la.

— E monetizá-la. E fazer anúncios... e que mais?— disse Enry aparentando bastante raiva.

— Então, não há muitas dessas máquinas no mundo. No Brasil só cinco. Em São Paulo, três. Como você me disse lá em cima, essa era uma peça de museu até ontem. Como identificamos que há uma demanda grande pela lembrança de memórias antigas ou sonhos mesmo, queremos deixá-la ainda melhor. Claro, sem a necessidade de uma droga ilegal como a Dormência. E dessa forma, tirá-la desse nicho e massificá-la.— disse Abner forçando um sorriso.

— A demanda é a de lembranças puras. Sem anúncios ou edições. Tenho certeza que se vocês comprarem minha máquina, vão encher as lembranças das pessoas de propagandas. Isso se não mudarem tudo. Digo, uma ida ao restaurante da esquina vira uma ida ao McDonald's, claro, se eles pagarem. E assim por diante. Aí, depois de anos com o disco lá, a pessoa esquece que foi no restaurante da esquina. Pega o disco, vê o McDonald's e acredita. Né?— Levantou— E pra que vocês precisam? Tipo, as lentes já têm gravação. Se for pra ter anúncio ninguém vai querer.

— Seu Henrique, a oferta pela sua máquina e seus serviços é de Dois Milhões de Reais.— disse Abner cada vez mais cansado daquele papo ideológico que tinha sido forçado a ouvir também das últimas duas vezes. Sabia o roteiro e pra onde aquilo tudo levaria.

— Nunca— respondeu Enry se levantando e continuando com a busca de alguns minutos atrás— o que eu não entendo é, por que vocês não simplesmente matam a gente, destroem os prédios, e criam a máquina de vocês. Não falta tecnologia pra TLT.

— Por que a TLT não faz esse tipo de coisa.— disse

Abner provocando uma gargalhada alta e medrosa de Enry.

— A TLT não deixa de fazer isso, né? Vocês eliminam a concorrência da pior forma possível. E o governo nunca faz nada. Aliás, vocês são o governo, né?— disse Enry fazendo com que Abner se remexesse na cadeira.— A resposta é: nunca

— Nós somos um grande parceiro do governo brasileiro— o que provocou mais risadas de Enry— Senhor Henrique, pra talvez convencer o senhor a aceitar a oferta, você poderia, por favor, ver minha lembrança? É curtinha— perguntou Abner sorrindo.

Enry não perdeu tempo e se virou de lado encarando ao mesmo tempo o computador, sem perder Abner de vista. Este permaneceu imóvel e sorridente enquanto Enry abria o vídeo, o qual continha a esposa de Enry amarrada a uma cadeira, amordaçada e em um galpão grande. Parecia uma garagem. Havia dois carros bem velhos ao lado da cadeira da mulher. Ela estava com um belo, apesar de aparentemente gasto, vestido preto. Quando reconheceu a mulher, Enry tirou os olhos de Abner e ficou vidrado no vídeo.

— A TLT, pra provar que é a empresa cuida de gente, vai manter a oferta de 2 milhões pela sua máquina, e promete que, quando você chegar em casa hoje a noite depois de aceitar a oferta, tudo estará nor--

— Dodge Charger, acho que 2013 e Camaro 2012.— Interrompeu Enry.

— O que?

Enry tirou de vez os olhos do monitor assim que o vídeo acabou. Examinando o homem, olhando para seu rosto com os olhos apertados.

— Os modelos daqueles carros.— falou com um sorriso sarcástico - Sei que aquela não é minha esposa. Eu já vi muita memória real. E nada com tantos detalhes quanto aquele galpão. As pessoas não lembram disso tudo. Dá pra

ver o modelo dos carros, cara.

Abner não mudou sua postura, tampouco sua expressão. Continuava olhando para Enry com um sorriso.

— Eu já disse para a TLT que as edições não estavam enganando ninguém. Mas, vou te explicar por três motivos: porque gostei de você e porque você é mais esperto que os outros três.— Abner se levantou, mas não abotoou o sobretudo.— Tem um cara lá, espertão assim igual você, que queria mostrar a superioridade do nosso produto e da qualidade da gravação da memória da TLT. Acho que por isso que ele manteve assim depois de tudo que eu disse a ele. Aliás, isso explica porque as pessoas vão querer as memórias alte-- aperfeiçoadas pela TLT: Alta definição.

— E falsidade, né?— disse Enry se levantando— aí vocês contrataram uma atriz, você usou a Dormência, aceitou que editores trocassem o rosto dela a partir de sua lente e acharam mesmo que essa edição toda passaria despercebida por mim? Isso é idiota até pra TLT. Vocês não têm vergonha?

Enry, já recuperando sua tagarelice cativante, esperava, com os braços cruzados na frente do corpo, uma resposta de Abner. Mas o agente da TLT apenas se levantou gemendo um pouco.

— Ei, espera— disse Enry— Você disse três motivos.

— Ah é.

Foi quando Abner sacou a arma e deu dois tiros na testa de Enry, que caiu sem vida.

O cansado Abner foi até o computador de Enry e desabilitou todos os bloqueios à TLT, deixando o caminho livre para edições das câmeras de segurança, por exemplo. Então o sonolento e cansado Abner, subiu as escadas e saiu, sempre olhando para o chão.

Mas, o sonolento, cansado e atento Abner esqueceu de Sara.

O AVATAR NÃO-BINÁRIO DO DEUS VIRTUAL

Lewd

Não é uma mulher comum que se levanta do banho nutriente. É bela e atlética como a estátua da Diana Caçadora da Filadélfia. O líquido que escorre por seu corpo esbelto ameniza os efeitos da poluição diária em sua pele. Além disso também ajuda a cicatrizar as diversas cirurgias e minimizar a rejeição aos implantes.

Nua e vitalizada, ela atravessa o cômodo até uma cybergueixa que a enxuga. Outra já está com seu traje nas mãos. Os polímeros se acomodam, moldando em torno do corpo. A roupa a veste, hidrata, aquece e protege.

Ela senta durante o aplique do colírio e pisca ajustando as lentes para um tom verde. Seus novos olhos custaram caro— em dinheiro, horas e alma— mas agora ela enxerga em diversos espectros de visão. A gueixa injeta um líquido cicatrizante em seu nariz recém-operado. Ela corrigiu um desvio de septo, fez redesenho estético e ainda implantou um sistema de filtragem de ar, gases e venenos. Melhorias muito úteis em sua profissão.

Essas sessões de cuidados com as cybergueixas são tão caras quanto necessárias. Pura manutenção; questão de manter a máquina lubrificada e ativa. Ela segue pelo corredor passando por várias saletas e ofurôs onde outros usuários se encontram submersos nas banheiras de cura. Na

porta de saída, entre dois seguranças Jovianos, está o dono do estabelecimento. Ele sorri dentes de neon no escuro e lhe estende a mão direita. Ela aperta o suficiente para que a transação de créditos seja feita entre sua palma e a dele. Um som de moedinhas de algum jogo antigo toca, avisando que o valor foi transferido.

—É sempre um prazer cuidar de um corpo como o seu, Mia. Faz bem pra reputação da clínica. Sua próxima sessão já está marcada e sincronizada com a agenda pessoal do seu holoSystem. Até breve.

Mia agradeceu com um meio sorriso, desconfortável com a presença dos Jovianos, homens geneticamente criados na hiperatmosfera de Júpiter. Ela sempre quis saber se era capaz de derrubar um monstro daqueles em combate... mas jamais depois de hidratar a pele. Deixou o condomínio de clínicas em direção à noite eterna que a Terra tinha virado. Sua roupa providenciou o capuz e se desdobrou numa manta plástica para protegê-la da garoa fina, chata e incessante. Voltou pro seu alojamento, para esperar a ligação de quem pagava todas suas melhorias.

Mia está imóvel a horas no chão de seu cubículo. Preferia se isolar da vida árida lá fora. Seu holoSystem está desligado desde que ela descobriu um hacker invadindo seus momentos de privacidade. Caso estivesse ligado, ela estaria sentada num píer nas Ilhas Maldivas, balançando as pernas atléticas na água transparente e límpida do Oceano. Água limpa natural é uma coisa que não existe mais na Terra, nem como lembrança. E ninguém sabe mais o que mora nos oceanos.

Ela nasceu depois que a humanidade conquistou o espaço e colonizou outros planetas e luas, fugindo do caos ambiental que a Terra virou. As chuvas ácidas que fustigam

a superfície, as doenças de laboratório, pragas químicas e guerras biológicas tornaram nosso planeta quase inabitável. Os que não tem créditos para comprar vida nova nas colônias sobrevivem se amontoando em enormes sobras das cidades de outrora.

Mia acostumou a comer sua ração de peixe processado numa mesa de vidro enquanto carpas holográficas nadavam por baixo do tampo. Com o holoSystem desligado, ela teve que fazer sua refeição na mesa nua, branca e asséptica que, junto com uma cadeira, uma poltrona de canto e o tatame de dormir formava toda sua mobília. Seu gato, um synthPet e900 que gostava de interagir com as carpas, se espreguiçava no tatame.

Sua mão esquerda brilhou levemente. O comunicador subcutâneo implantado na palma acendeu, e o número que se formou era conhecido. Era a ligação que esperava. Levou a mão em concha ao rosto, e a voz do outro lado lhe passou sua missão:

Mia teria que matar uma celebridade.

Existe uma maneira mais barata porém menos humana de se viver na Terra arrasada: as comunidades online. Muitas pessoas preferem morar nelas, segundas vidas mais interessantes do que a dura realidade. É normal encontrar lindos avatares online, mas as pessoas por trás deles são quebradas, desleixadas, sem o mínimo de higiene. Os olhos baços, sem vida nem esperança. Alguns usuários já são tão bestiais que evitam contato humano real a qualquer custo. De olho nisso, algumas megacorporações do setor permitem contratos vitalícios, para que os usuários continuem em seus avatares após a morte física. Ninguém sabe dizer exatamente as implicações desse ato.

Quing fez o caminho inverso. Nasceu como celebri-

dade virtual e só depois ganhou um corpo de carne e osso. A Samothraki BioGen, a megacorporação dona do maior mundo virtual existente, implantou todo o conhecimento, manias e trejeitos de seu avatar mais famoso num homem trans, que aceitou ser o corpo físico de sexo fluido e incorporar Quing no mundo real. Fizeram também cirurgias de adequação e moldaram o corpo mais perfeito e atraente para qualquer espectro de sexualidade humana.

Quing combinava a sensualidade de suas curvas feminis com uma virilidade masculina sem igual. Sua imagem não-binária era poderosa e vendia qualquer produto de seus anunciantes. Se tornou objeto de desejo de 97% das pessoas sexualmente ativas, segundo pesquisa encomendada e talvez manipulada pela mídia, mas o fato é que até mesmo Mia já tinha se tocado pensando em Quing. Antes do seu holoSystem ser hackeado ela se permitia esse tipo de coisa.

O problema é que Quing começou a sair com um figurão da Samothraki. Esse figurão, Hitomi, apaga as próprias memórias logo após cada encontro, para se proteger do scan cerebral da empresa. Toda megacorporação escaneia seus empregados— principalmente os de alto escalão— por medo de espionagem industrial. Se o relacionamento fosse descoberto seria desastroso para os negócios.

Os amantes tem um código, uma espécie de palavra-chave que, quando descriptada, reativam chaves no cérebro de Hitomi que despertam o desejo, levando a um novo encontro, e assim vão se vendo. A única pessoa do mundo que sabe de tudo é o hacker cerebral que executa o procedimento de apagar as memórias depois.

No último encontro, após uma noite particularmente intensa recheada de drogas sintéticas e bebidas exóticas, Hitomi se excedeu na loucura e acabou matando o hacker durante um surto psicótico. O pessoal do controle de danos da Samothraki recolheu o corpo, aplicou os costumeiros

coquetéis retrodrogas e advertiu Hitomi, esperando que tal loucura não se repetisse. Mas a palavra-chave foi disparada novamente por Quing, o cérebro viciado de Hitomi respondeu ao estímulo e um novo encontro era iminente.

— Seus braços cibernéticos estão em dia? Conseguir bater no avatar até transformar numa massa disforme? Assim colocamos a culpa em algum Joviano brutal e a vida segue.— questionou o empregador de Mia. O destino de Quing já estava definido.

— Eu posso acertá-lo à distância com um rifle laser. Minha nova visão é tão precisa que ficará um buraco minúsculo na testa dele, basta me posicionar no prédio em frente.

— Mia, a Samothraki não quer mais executivos se engraçando com avatares. O recado tem que ser claro, a cúpula decidiu: é pra moer aquela pessoa. Quer seu sonhado carro voador ou não?

— Um buraco na testa passaria o mesmo recado, mas se a cúpula decidiu...

— Olha, não se apegue ao corpo físico, qualquer trans pode desempenhar Quing. A Samothraki já tem um corpo substituto em stand by, que reaparecerá em algum resort luxuoso das colônias num grandioso espetáculo. Na verdade eles preveem uma significativa valorização percentual nos próximos contratos da marca.

— Tá.— Mia respondeu, resignada— E sim, meus braços agora são muito fortes.

— Ótimo. Tô enviando as coordenadas do local de encontro.

Ela caminha na avenida chuvosa por entre a multidão plastificada e as propagandas que gritam em neon. Os transportes passam cheios de pessoas absortas em seus sistemas oculares, ninguém mais olha pros lados, para os outros. O

trânsito é disputado entre bicicletas, turbas de pedestres e as monomotos com engraçados comandos de voz em chinês.

A elite voa em seus hovercars de luxo. Eles moram e se deslocam acima das nuvens. Matando o corpo físico de Quing, Mia ganharia créditos pra comprar um carro voador modelo básico. Pensava em como conseguir mais créditos pra financiar logo um completo, quando foi interrompida por uma comunicação auricular:

— Mia? Assim que chegar ao local entre pelos fundos. Tô enviando uma chave de segurança que vai te liberar o acesso a qualquer porta do condomínio. Tire Hitomi de combate e elimine Quing. Depois nossa equipe limpa a sujeira e faz o jogo da mídia.

Mia evitou os elevadores, subindo os lances de escada com graça felina. Ao chegar no corredor foi surpreendida por um truculento Joviano que guardava a porta. O monstro veio pra cima e desferiu um soco na parede. Mia desviou por pouco e, agachada, fechou o punho e o acertou em cheio na virilha. Nenhum efeito. O Joviano respondeu com um chute que a jogou longe, quebrando algumas costelas.

Ela levantou cuspidando sangue e sorriu, sentindo-se viva com a descarga de adrenalina. Mais humana até. O Joviano armou novo soco, mas ela se esquivou. Pulou nas costas largas dele e encaixou uma gravata. Passou as pernas musculosas em volta do corpo daquele monstro burro e concentrou toda sua potência nos braços. O bicho, surpreendido, não soube como sair do golpe. Mia forçou até sentir o pescoço partir e ele desabar, morto.

Dolorida, ela sacou a pistola e ajustou para taser. Apertou o lóbulo da orelha pra chamar seu contratante via auricular. Silêncio. Impaciente, arrombou a porta no chute. Correu os olhos pela sala inteira e avistou Hitomi. Parecia

surpreso com a derrota do Joviano e já levava a palma esquerda ao rosto pra chamar mais seguranças. Ela mirou e disparou. O taser certo desmaiou Hitomi e também fritou seu fone de palma.

Escutou um zunido cortando o ar atrás de si e, antes que pudesse reagir, levou uma pancada fortíssima na orelha. Adeus auricular. O mundo girou e escureceu. Caída, Mia enfim enxergou Quing, sorrindo com um taco de metal na mão.

Ele zuniu o taco de novo, mirando a mão dela que segurava a pistola. A arma voou longe. Mia, desorientada, pensava em como equilibrar a luta, quando ele desceu o taco com toda força em seu joelho esquerdo. A tibia quebrou num som horrível. Ela gritou de dor pela primeira vez em anos.

Quing recolheu o taco por cima do ombro, exultante. A voz mais sedutora produzida na Terra ameaçou:

— Você ousou mexer com uma Deusa? Eu sou o dono do mundo! Vou esmagar sua cabeça e depois te remontar como minha escrava. Será peça da minha mobília, uma boneca viva.— então levantou o taco com as duas mãos e bateu seco, forte.

Mia sabia ter braços capazes de derrubar um Joviano. Deteve o taco em pleno ar com a mão esquerda. Usou a direita para golpear com força a traqueia dele, um movimento tão rápido quanto mortal. Quing cambaleou esguichando sangue. Levou as mãos à garganta tentando em vão segurar a vida dentro de si, até bater de costas na parede oposta e cair.

A equipe de limpeza da Samothraki entrou assim que o coração parou:

— Senhor, a freelancer passou no teste. Eliminou o Joviano desarmada. Teve múltiplas fraturas mas também eliminou o alvo principal. E o executivo está desacordado conforme o protocolo, senhor. Dano mínimo, uma plástica na mão talvez. Vamos ajustar a cena, depois chamo a mídia

pra montar a narrativa e noticiar ao público.

O soldado se voltou pra Mia:

— Está bem quebrada garota, mas a Samothraki vai te consertar. Bem vinda ao setor de controle de danos.

— Nunca tinha visto alguém sair na mão com um Joviano.—outro soldado comentou, empolgado. Ele aplicou uma espuma que se solidificou ao redor do joelho fragmentado de Mia, imobilizando-o.

— Como vão ajustar a narrativa?— ela questionou, enquanto se apoiava pra levantar.

— Um Joviano enlouqueceu e atacou um alto executivo, nós intervimos e o derrubamos. Sem lasers nem perturbação da paz. Essas aberrações são perigosas aqui na Terra.

— Quem o derrubou fui eu!— Mia protestou e suas costelas doeram muito nesse instante.

— Mas essa narrativa é minha. Você ainda é nova no setor. Ah, e para todos os efeitos, Quing nunca esteve aqui. Está num resort nesse momento, numa apresentação surpresa. Acesse o canal de entretenimento e verá o milagre com seus próprios olhos verdes.

— Não quero saber. Quero ir pra casa.— Mia mancou na direção da porta, sentindo-se tão descartável quanto aquele corpo tatuado e bronzeado artificialmente que a equipe agora ensacava pra desaparecer.

— Tem um hovercar da Samothraki lá em cima, pegue por hoje. Talvez no console tenha um inibidor pra, você sabe...— ele disse isso apontando para as costelas dela.

Mia flutuava por cima da garoa quando seu novo chefe apareceu no painel multimídia do carro. Chamada em vídeo. Era a primeira vez que ela via seu rosto.

— Mia, cumpriu a missão com louvor. Parabéns e

seja bem-vinda. Seus consertos serão deduzidos dos créditos.— e então desligou, pois não esperava objeção.

O painel voltou a exibir o canal de entretenimento, onde Quing aparecia sorrindo os dentes mais perfeitos do mundo num comercial de seguro de vida. Em seguida entrou o androide da previsão do tempo e anunciou mais chuvas para todo o resto do mês.

AUDIÊNCIA (C)ATIVA

Luis Cristiano

Sob as luzes exageradas dos letreiros de lojas decrépitas que iluminavam a cidade média, um homem se movia com o máximo de discrição possível através do fluxo esparsos de pessoas apressadas e desatentas, sempre esquivo e preocupado quanto a ser notado. Os olhares distraídos de diferentes seguranças que ladeavam as vitrines à prova de balas atravessavam, por vezes, a multidão, mas nunca encontravam algo que lhes chamasse a atenção para além do normal. No ar abafado e estagnado, predominava um silêncio tenso e recheado por um ruído plano e monótono, como a estática de uma antiga televisão.

Ele dobrou à esquerda para se enfiar num beco, afastando-se do brilho intenso e doloroso dos néons, caminhou pelo espaço estreito e, por fim, chegou a uma porta discreta de madeira, uma relíquia de um tempo outro, sem fechaduras eletrônicas nem conectividade com a rede. Puxou a chave de um bolso no casaco cinzento e desbotado, colocou-a no lugar e girou enquanto olhava ao redor para se assegurar de que ninguém o observava.

Entrou no prédio com rapidez, fechando a entrada atrás de si, e respirou fundo antes de prosseguir quase às cegas pelo corredor mal iluminado. Chegou, enfim, a um pequeno cômodo de paredes cinzentas e desprovido de janelas. A tinta monótona era, por vezes, cortada por grafites

e pichações de todos os tipos, que davam alguma vida e personalidade ao ambiente. Sua única mobília era um conjunto de cadeiras metálicas e dobráveis, enferrujadas pela imperiosa passagem do tempo. Estas se dispunham em um círculo irregular no qual se sentava um grupo de jovens dos mais diversos fenótipos e vestuários, mas todos dotados de algo em comum: a origem. Nenhum deles se incluía no grupo dos ricos e poderosos, tampouco dos miseráveis e absolutos marginais. Por um ângulo simplista, seriam o equivalente a uma classe média daquela sociedade: os filhos daqueles (cada vez mais raros) que ainda não haviam sido substituídos por máquinas e exerciam funções específicas para a elite.

— Perdão pelo atraso, pessoal, mas tinha operação no nível zero e quase não consegui deixar a outra turma sem ser visto— disse o recém-chegado, retirando o paletó e sentando-se em um dos assentos vagos. Passou o antebraço na testa, limpando o suor, e sorriu para os outros com a face deformada por uma queimadura que cobria a metade esquerda inferior de seu rosto por completo. A pele se esticou por um breve instante, deixando visível a cavidade ocular vazia sob a lente suja dos óculos.— Mas e aí? O que estamos discutindo hoje?

— Os meios de propaganda, principalmente, professor— murmurou uma garota com implantes oculares ultrapassados, que rangiam com movimentos bruscos.— E como, ao que parece, todo mundo, do mais mísero mendigo ao multimilionário dono de dezenas de colônias de exploração, está convencido de que a Lua, Marte e oito asteroides não são o bastante pra manter a economia de hoje funcionando. Com cada vídeo, cada frase de efeito, cada jingle cativante, eles incentivam essa mentalidade colonial de exploração e expansão, de escravidão e criação constante de máquinas para aumentar a eficiência do sistema.

— Claro. Toda nossa sociedade é construída e man-

tida assim, do contrário já teria colapsado há séculos. Somos tão bombardeados com narrativas, desinformação controlada e ideologias que mal somos capazes de filtrar de verdade o que está acontecendo. E tudo isso para se conformar, aceitar e defender um plano de manutenção do poder e da ordem das coisas pelas mesmas elites que nos esmagam no dia a dia.

— E não é por acaso que toda escola de hoje seja exclusivista e organizada de acordo com o interesse da empresa que a mantém— resmungou outra menina, com uma rede de cabos metálicos implantados por toda a cabeça raspada e conectada a um pequeno aparelho de realidade aumentada.— Qualquer experiência de autonomia e de fomentação de pensamento crítico é ameaçadora, o velho fantasma da “doutrinação”. Estar aqui já nos torna um bando de criminosos. E enquanto isso, o povo...

— Basicamente massa de manobra— comentou um garoto com um cigarro eletrônico na boca e uma jaqueta de plástico em tom de amarelo fluorescente.— Sempre à espera do mais novo lançamento tecnológico, da mais nova intriga corporativa, do mais novo espetáculo midiático pra acalmar nossas necessidades e desviar nossa atenção. E o tempo todo estamos subjugados diante dessas influências muito maiores, desses projetos seculares das mesmas pessoas que estão no comando a mais tempo do que conseguimos lembrar, que nos atravessam como uma chuva de neutrinos.

— Por isso, sempre tenham cuidado com ideias que não são suas. Em geral, elas vêm pré-fabricadas e cobertas de interesses, muitas vezes atreladas a esses mesmos projetos centenários de manutenção de poder e de legitimação da autoridade. Se você não for capaz de distinguir o que é um desejo ou uma opinião própria do que é uma manipulação cuidadosa da vontade e da ignorância popular, você é incapaz de pensar de maneira crítica— murmurou com uma expressão de seriedade.— E esse é o único propósito da educa-

ção, o único motivo pelo qual a gente arrisca nosso pescoço: pra te dar a chance de olhar o mundo que criamos e perceber o que está acontecendo. E, quem sabe, mudar. Da mesma forma que estímulo seu pensamento, busco fazer o mesmo com adolescentes do nível zero que têm que conviver com a violência das polícias corporativas o tempo todo e caçar comida nas sobras do nosso lixo para conseguirem viver. A gente engole merda demais no dia...

— Parados!— ecoou o grito potente pela saleta e pelo corredor, seguido de passos rápidos e cliques metálicos de armas sendo destravadas. Uma dezena de policiais privados, vestidos com uniformes pretos, decorados por dúzias de logotipos de empresas e cobertos por capacetes de viseiras escuras, invadiu o ambiente com fuzis nas mãos. As miras laser dançavam em excitação pelos corpos surpreendidos.— Não se movam! Todos estão presos em flagrante por instigação à insurreição, propagação de ideologias criminosas e formação de quadrilha, além de criação e manutenção de grupo educacional não regulado. Sua prisão é um oferecimento de...

— Vão com calma, por favor, eles são apenas...— interveio o professor, colocando-se de pé aos poucos, com as mãos para o alto em uma vã tentativa de negociação com um sistema que prezava a eficiência ante qualquer forma de empatia ou humanidade. Antes que pudesse sequer terminar a frase, os gatilhos foram apertados por todos os membros da unidade e seu corpo foi alvejado. Despencou no chão como uma massa vermelha e repulsiva, despejando uma mistura de sangue e entranhas despedaçadas pelo piso imundo. De seu rosto inerte e chocado, caíram os óculos antiquados aos pés daquele que lhes dera voz de prisão. Sem hesitar, ergueu ainda o coturno militar, deformou a armação e esmagou as lentes até que estourassem em pequenos cacos de vidro, uma nuvem pulverizada de pixels.

— Qualquer ato de resistência pode ser e será respondido com violência— completou perante as faces pálidas, atônitas e desesperançosas dos jovens.

A competição entre ideias nunca foi justa.



OS OLHOS DELA

Letícia Werner

Quando os peixes-beta chegam aqui na loja, eles estão quase sem vida. Numa caixa de papelão vêm cinquenta saquinhos plásticos, cada um dois terços ar e um terço de soro nutritivo, onde flutua o peixe. O fornecedor me diz que eles vivem bem assim, líquido e ar sendo o mínimo que precisam. Mínimo entendo, mas será que agradável?

Então eles chegam aqui, e ficam expostos nestes cubinhos de vidro, na grade de neon. Alguns agradecem o espaço maior e nadam em círculos, outros ficam parados até morrerem.

Dizem que os beta são agressivos por natureza e matam outros peixes por instinto. Logo, devem ficar confinados e afastados. Bom, eu consegui criar alguns aqui no aquário, e eles viviam juntos no mesmo tanque, com algumas outras espécies também. Irmãos e irmãs, sem conflito.

O problema é quando querem colocar o que viveu no plástico e no cubinho neon dentro de um aquário cheio de espécies tropicais. Ele só conhecia o próprio reflexo! Isso é judiar do bicho.

Cuidado, não sente aí! Viu que o tanque ali detrás está quebrado? Marca da confusão de ontem. Não te contei?

Estava fechando a conta da semana quando Bert entrou aqui com uma mina. Acho que você só conhece o Herbert de rosto. Ele é meu amigo da época da escola, um pa-

ranoico e ativista autoproclamado que gasta quase tudo que ganha com cibernéticos. Acho que dá para perceber. É que ele gosta deles naquele estilo, como fala? “*Open source*”, algo assim. Por mim, o deixaram parecendo um robô de filme de videogame.

A moça em que estava agarrado era bem do tipo que ele gosta, os braços inteiros cibernéticos e um capacete neon para o rosto. Achei que estavam bêbados, mas quando ia mandar os dois ralarem é que percebi que a tela dela estava quebrada.

O capacete da moça era uma tela para GIFs, sabe? Ouvei falar que os tímidos curtem isso. Ainda dava para ver alguma coisa das imagens, mas o trincado era enorme e zozava com os pixels. Ela despencou do ombro dele e deu com o cotovelo nesse tanque, jogando estilhaços pela loja toda.

“Temos que esconder ela, man” Bert me falou, “Tem uma turba de gente lá fora, bateram nela, fugimos pra dentro do Mercado, e logo mais estão vindo aí!”.

E eu disse para ele “Calma, calma, o quê vocês fizeram pra irritar toda essa gente?”.

Ela falou nada, só tocou na lateral do capacete e compartilhou em tempo real com a gente— Sabe, aquela coisa nova, de fazer aparecer uma tela no ar?— uma notícia bombástica de um site qualquer, que dizia:

HACKERS VAZAM O ID DE TANTOS MILHÕES DE NOMADS

Aí ferrou. Aí eu entendi o que tinha acontecido. “Cê é Nomad?”, perguntei. Ela só confirmou com um aceno da cabeça.

Nem deu outra: ainda bem que era tarde e o Mercado estava quase todo fechado, porque um bando entrou e invadiu algumas lojas, procurando os dois.

E a moça também, viu? Como te disse, a loja tá em reforma, e ali, junto do material de construção, tinha um cano de metal, do tipo que eu uso nas estantes de aquários. Ela se levantou e já pegou o cano pra ir pra cima dos caras sozinha!

Mandei ela parar, mas não consegui tirar a arma daquela mão de metal. Falei para os dois sentarem num canto da loja, aonde não dá pra ver de fora, e fiquei vigiando através dos tanques.

O que eu vi, detrás dos peixes, era bem o rapaz metido a justiceiro daqui do setor. Bombadinho, cabelo de militar, roupa ‘respeitável’, e escondendo alguma coisa debaixo do casaco.

Bem na hora que ele estava colocando o pé dentro da loja, o telefone dele tocou. Levou a mão ao ouvido, e começou a chamar “Mãe? O que foi, mãe? Tá me ouvindo? MÃE?” e saiu andando, tentando achar sinal.

Ouvi o riso de Bert e um chiado baixo dela. A mina entendia do digital, e foi ela que fez a chamada com o número da mãe do cara. Meu amigo então chegou e disse “Olha, eu nem conheço ela. Só tava comprando um pistão novo pro meu braço quando esse pessoal apareceu. Mas não dá pra deixar ela sozinha agora. Deve ter uns vinte caras armados lá fora, e que estão seguindo o ID dela! Além disso, meu,” ele disse, fazendo marra, “de todas as pessoas que eu conheço, ninguém sabe de todos os cantinhos mocados do Mercado Central como você.”

Aí pegou no meu ponto fraco. Tenho orgulho desse meu dom, sabe, porque desde moleque, quando o aquário era do meu avô, eu gostei de mostrar o Mercado para quem é de fora, e até os trabalhadores daqui se admiravam com o quanto eu conhecia o lugar. Comigo, sem essa de maps! Foi um dos motivos de eu ter herdado a loja, e o outro foi porque ninguém mais queria ela, mesmo.

Já me empolguei e comecei a contar todas as entradas

e saídas dos dez andares acima e abaixo, quando um sonzi-
nho de protesto me interrompeu. Olhei para a nossa prote-
gida e, mesmo na tela trincada, dava para ver a foto de uma
das lojas daqui: a assistência técnica de eletrônicos antigos.
“Estava esquecendo”, Bert disse, “ela me passou uma mensa-
gem dizendo que precisa pegar umas coisas nessa loja antes
de sair. Ela trabalha lá, sabe? Então esse é o plano, primeiro
loja, depois saída, sacou?”

Claro que entendi. Ela queria pegar as coisas dela e se
mandar da cidade. É assim que eles sempre fazem: Se os No-
mads passam a ser mal vistos em algum lugar, eles se man-
dam antes de serem mandados embora.

Fechei os olhos e pensei no plano do Mercado. Esta
loja ficava uns cinco andares abaixo da minha, e, neste mes-
mo andar, havia uma garagem de onde dava para ir para a
rua. Sem chance de ir de escada ou elevador e não dar de cara
com os “justiceiros”, mas eu sabia de outra forma.

Peguei o meu molho de chaves e mandei os dois me
seguirem. Antes de ir, ela iluminou o ícone de conexão de
internet de seu capacete, e mostrou que estava completa-
mente desconectada da rede. Isto não a deixava indetectável,
mas já complicava pros perseguidores.

As chaves? Como eu fecho tarde, alguns lojistas con-
fiam uma chave extra dos estabelecimentos deles a mim,
para emergências. E você, já viu o mercado depois do horá-
rio comercial? Tem aquele tom desconcertante, que os luga-
res populosos alcançam quando ficam vazios. Os letreiros e
as luzes continuam ligados em muitas lojas, como se quises-
sem tornar o espaço numa rave, mas, de movimento, só os
painéis com as notícias que bombam na rede. E quase tudo
falava de Nomads.

É surpreendente, né? De uns anos pra cá, surgiram
do nada. Umas notícias antigas falavam coisas tipo “Traba-
lhadores sem setor definido: conheça os Nomads!”, “Cidades

amigáveis aos Nomads só tem a ganhar: descubra como!” e “Nos setores da cidade e nos setores do mundo todo: Seja um Nomad!”. Da forma que colocavam, parecia uma boa, e muita gente entrou nessa, por necessidade ou porque sentiam que ficar entre os três ou quatro prédios de um setor a vida toda não era para eles. Mas aí vieram chamadas como “Nomads acabam com empregos locais!”, “Cuidado: Nomad é disfarce favorito de foragidos!”, “Aumento de homicídios: Nomads de setores violentos espalham a violência, diz estudo” e... Ah, você sabe. As coisas piores, da semana passada. Esses caras sumiram de tudo, até dos maps, porque não são bobos.

Mas não que eles tenham abandonado os setores centrais— lembre que eles não são bobos— É só que agora se mantém às escondidas. Claro, tem multidões que os culpam de todos os problemas que acontecem na vida delas, e costumam apanhar um monte quando são descobertos. Ainda não vi notícias sobre as consequências do vazamento...

Bem, voltando à história, levei os dois até o armazém do Seu Ling, lá no final do corredor. Você sabe que ele é cadeirante, não confia em cibernéticos, e prefere continuar empurrando as velhas rodas. Já se perguntou como ele chega aqui, toda manhã?

Seu Ling instalou um mini elevador no duto de circulação de ar, aquele que corta o prédio de cima a baixo e é tão largo que daria para guardar uns dois carros dentro. A saída é no armazém da Dona Marília, a enteada do Ling, bem no andar do estacionamento.

Da Dona Marília até a assistência foi um pulo. Lá, a moça tirou uma mochila já pronta do meio do lixo eletrônico e estava tudo certo para irmos. Chegando na porta, voltamos para dentro da loja escura: tinham perseguidores de todos os lados. Eles sabiam onde ela trabalhava e estavam esperando.

Ficamos sem ação por um momento. Mas então Bert deu aquele sorriso meio malicioso dele e falou para nós: “Ei Juke, se me passar o seu ID, todos irão atrás de mim por um tempo. Aí o caminho fica livre para você ir até o estacionamento com o César.”

Eu reprovei a ideia maluca logo de cara, mas ela continuou apontando o monitor apagado na direção dele. E então ligou, e entre um monte de linhas do trincado e pixels mortos, surgiu um GIF. Primeiro, um vídeo borrado de alguém correndo. Então, desceram na tela, em vermelho, as palavras “*Can you RUN?*”, que acho que é alguma coisa sobre correr.

Ele riu e disse para ela “Mina, no colégio ganhei medalha de ouro na corrida dos cem metros! E não me cobri em cibernéticos de Kevlar pra ter medo duns engomadinhos!”

Mesmo com os meus protestos, o plano seguiu. De dentro da própria mochila, ele tirou um capacete que eu nunca tinha visto, uma máscara bem maligna e mais escura que a própria pele dele. O ID foi passado e acessado, e Bert saiu em disparada, gritando uns xingamentos pelo caminho. A turba o seguiu e foi a última vez que eu o vi ontem à noite.

Nós disparamos na outra direção, pelo labirinto do mercado. Tem um momento que todas as passagens e vielas parecem iguais, com a mercadoria importada, as placas em japonês, as telas de notícias, com o número de compartilhamentos que as tornavam verdadeiras.

Suspeito que a tradição mais antiga e fiel do mercado é fazer as pessoas esquecerem que estão no Brasil, antes mesmo da tradição de fazê-las esquecerem de que não precisam comprar nada.

Mas na esquina da “Gato que Acena: Presentes”, chegamos à garagem. Atravessamos pelo meio dos carros sem problemas, mas na última coluna antes da saída da rua, um homem com um facão apareceu e avançou sobre nós.

Me gelou o sangue, mas só aí que percebi que a tal de Juke ainda estava com o cano daqui do aquário. Numa pancada, a faca saiu voando, e aí a moça encheu o sujeito de cacetadas, até as partes dos cibernéticos dele que imitavam pele caírem. Ele era tão mecânico quanto ela, talvez até mais, e, fosse pelo medo ou pelo orgulho ferido, o homem fugiu para dentro do mercado.

Chegamos na rua. Naquele capacete, brilhava “THANKS” e um coração rosa, que só dava para ver a metade por causa do trincado. E aí, sem aviso, a tela ergueu e eu vi o rosto dela.

Achei que seria igual aos braços, cheio de cibernéticos saltados para fora, mas não, era bem normal, até bonito. Ela tinha os olhos amendoados, que nem eu. A pele era bronzeada e ela sorria. Ah... Não vou descrever muita coisa. Quando me mostrou, foi um segredo que ela compartilhou comigo, um segredo que acho que nem o Herbert, nem ninguém do setor conhecia. Mas não sei se vou esquecer os olhos dela tão cedo, olhos quase nunca vistos.

Ela desceu a tela novamente, virou-se e correu pela rua. O casaco e o cano, prateados, se confundindo com os prédios, e a forma dela se esvaindo na névoa.

Poético, não?

É essa a história de ontem à noite. Se ela está bem? Acredito que sim, pelo dinheiro que apareceu na minha conta hoje de manhã. Recebi uma mensagem do Bert de madrugada, avisando que chegou em casa bem. Parece que ele recebeu tudo que ele pagou a ela pelo equipamento, e mais um pouco.

E lá vem você me dizer que todo esse dinheiro é suspeito para uma Nomad. Cibernéticos dão lucro. E mesmo que a origem da grana não for legal, é certo organizar essa caça às bruxas de ontem? Ou deixar ela sozinha, com a multidão atrás? Não sei, não sei. Você não viu os olhos dela.

Ah, toda essa é uma situação de peixes beta.

INJEÇÃO LETAL DE CÚLPA

Erick Alves

Lady Fox se esticou o máximo que as algemas permitiram e escarrou na cara da policial. Os punhos, cobertos de pulseiras eletrônicas e implantes, já estavam feridos, mas, é claro, ela não se importou.

Sentada a sua frente, a oficial tirou do bolso de seu colete um lenço, limpou o rosto pacientemente e repetiu a pergunta:

— Quem plantou as bombas na estação espacial da Generator Company?

— Já disse que não sei!

Norene manteve o olhar fixo em sua prisioneira por alguns segundos, pressionando-a; “Como um touro fitando a bandeira vermelha em uma arena”, diziam os policiais do seu departamento.

Tentando uma nova abordagem, a oficial se levantou e andou até o vidro da parede à direita. O rosto que a superfície espelhada refletia era o extremo oposto de Lady Fox: vigor, paciência e disciplina. O uniforme preto e amarelo da polícia caía impecável no corpo de Norene. Era quase tão alinhada quanto um android.

Lady Fox, por outro lado, tinha os hábitos típicos dos rebeldes. As roupas rasgadas e cavadas deixavam à mostra uma pele alva marcada por um emaranhado de tatuagens, como se para esconder a estrutura frágil da criminoso. O ca-

belo era de um azul fluorescente, a marca da Corte: a facção revolucionária que se tornara o maior problema da cidade nos últimos anos.

— Ande logo, me deixe sair. Eu pago as horas de trabalho e dou o fora— disse Lady Fox.

— Não dessa vez.

Voltando à mesa, Norene digitou um código na tela preta que mostrava um pequeno teclado numérico. A superfície do vidro na parede se acendeu em uma série de dados e imagens. No canto, podia-se ver o rosto de Lady Fox.

— Sua ficha parece só aumentar. Quantas vezes já passou por aqui nos últimos dois anos? Seis ou sete?

Norene rolou a tela, percorrendo a lista. Várias fotos indicavam as passagens da garota pela prisão. A primeira exibia uma menina comum — sem cabelos azuis ou tatuagens. As próximas imagens mostravam uma progressão, a formação de uma criminosa.

Com um aceno, a policial selecionou uma das imagens e um vídeo se iniciou.

— Que porra é essa? — A expressão de surpresa foi rapidamente ganhando lugar no rosto da prisioneira.

A sequência de imagens mostrava uma estrutura industrial. Mais precisamente, um corredor de uma estação de lançamento. O logo da Generator Company estampado em cada equipamento só fazia com que a surpresa de lady Fox parecesse falsa. Ao voltar os olhos para a gravação, ambas viram uma figura surgir na tela, se esgueirando pelo lugar. Tinha uma mochila nas costas e o cabelo azul.

— Não está se reconhecendo? — disse Norene, apontando para o vidro. — Isto, é você plantando a bomba.

— Que bomba? Já disse que não sei de bomba nenhuma! — gritou.

— Não teste minha paciência. É você ali. — Apontou para tela. — Acha mesmo que o sistema de reconhecimento

da polícia não te pegaria?

As imagens trocavam de câmera em câmera, mostrando o percurso da mulher no vídeo até o centro da estação. Usava uma máscara no rosto e um uniforme da indústria, mas não havia dúvidas. Os acessórios no cabelo, a estatura e até o modo de andar eram compatíveis. Era Lady Fox.

— Aquilo nem sequer mostra um rosto. Pode ser qualquer um da Corte.

— Então você assume que a Corte está por trás dos atentados? — Norene sorriu. *Te peguei agora.* — Isso já resolve muita coisa.

O rosto de Lady Fox exalava raiva, os lábios tremiam — um hábito inconsciente que a entregava —, e os olhos semicerrados fuzilavam Norene.

— Sabe, agora poderemos pedir à juíza para nos dar a honra de fazer uma visita em seu “quartel”.

— Não vão achar nada lá.

— Bem, tenho certeza que seus amigos já esconderam tudo, assim como fizeram depois dos ataques às clínicas de fertilização externas e aos processadores de alimento.

A policial trouxe à tona os protestos e ataques do último ano; polêmicas sobre a influência do estado na natalidade de extraterrestres. Na verdade, era mais profundo que isso, Norene era uma das poucas pessoas que sabiam da ligação de Lady Fox com as clínicas de fertilização. Chegava a ser cruel mencionar o fato.

— Não foi na mesma época em que você...

A expressão da garota à mesa vacilou.

— Não tem o direito de falar disso — cortou Lady Fox.

Palavra alguma precisava ser dita; a pressão psicológica implícita era o suficiente. Norene sabia que a rebelde havia perdido uma criança em meio ao caos das revoluções — oito meses de uma gravidez de risco que trouxera ao mundo

um natimorto. Tocar no assunto era pressionar o dedo sobre a ferida. Uma ferida na alma.

Entretanto, para Norene, O Touro, tudo era válido quando o objetivo era deixar sua prisioneira desconfortável.

— Onde está sua coragem agora? Acabou sua saliva?

Lady fox baixou a cabeça na mesa, derrotada. Fora o sinal de negativa com a cabeça, apenas o silêncio amargo pairou na sala de interrogatório, trazendo o resultado de uma hora e meia de trabalho: nada.

— Como foi lá dentro? — perguntou o parceiro de Norene ao vê-la sair da sala.

— Nada bem, ela não confessou. — Chegando em sua mesa, a policial enviou os registros do primeiro interrogatório para o Sistema. — É bem típico dela, se fechar e não dizer nada.

Norene tentaria falar com ela pelo menos mais uma vez; Lady Fox não era do tipo que entregava tudo de primeira. Para uma garota franzina como ela, a dureza lhe garantia alguma segurança nas ruas.

— Até parece que vocês marcam esses encontros. Já a prendeu quantas vezes este ano? — brincou Daniel, ajeitando o uniforme preto e amarelo.

Norene hesitou. Fora quase imperceptível, mas, por um momento, a oficial tremeu. Afastou rapidamente do parceiro, caminhando pelo departamento em direção à cozinha.

— Depois de tudo isso, preciso de um café — disse Norene, desviando do assunto.

Ela sabia o que viria pela frente: dois ou mais interrogatórios até que a garota confessasse os crimes, o sistema emitiria uma sentença e logo ela estaria de volta às ruas. *Vai ser um mês complicado, pensou.*

Naquele momento, Norene não fazia ideia de quanto

estava certa.

Depois do terceiro depoimento, Lady Fox teve certeza de que seria condenada. É claro que toda a desordem, drogas e vandalismo era de sua total responsabilidade; tinha plena consciência disso. Mas e quanto a bomba? Sim, ela realmente a havia plantado. Porém, a questão era maior que isso. Ela não era, de fato, a culpada.

A garota poderia argumentar e admitir que estava sendo usada. Que fora obrigada ao ataque por outros dois arruaceiros, que ela tinha certeza serem agentes disfarçados — membros do ramo industrial que desejavam impedir o comércio com os planetas vizinhos. *O mesmo tipo de pessoa que condenava a interação humana com as espécies exteriores,* pensou ela.

Mas, sem prova alguma, não havia muito o que fazer enquanto estivesse presa ali. Já aceitara seu destino, cumpriria o tempo de trabalho que fosse designado, afinal, não seria a primeira vez. Entretanto, sentiu um tremor ao se lembrar das palavras dos agentes quando a ameaçaram: “Você não faz ideia de quão longe nossa influência pode ir. Nem pense em fazer besteira.”

Se ao menos ela soubesse de que corporação eles eram...

Olhando para o teto de aço em sua cela, Lady Fox pensava no que havia se metido. Nunca havia revelado a ninguém que apenas se juntara à Corte para interromper os crescentes ataques a um parente próximo. Não que agora importasse; os anos haviam incutido os ideais rebeldes em sua personalidade. Fora assim que abandonara o antigo nome e se tornara Lady Fox.

É nisso que dá tentar proteger a família, se repreendeu.

Sentada em sua mesa, Norene olhou a tela que mostrava os dados do caso de Lady Fox. Ainda não sabia o que pensar sobre a situação. Embora a estação de lançamento fosse um alvo declarado da Corte, tudo parecia limpo demais. Não era assim que o grupo rebelde agia, e, principalmente, não era assim que a garota agia. Norene achava que conhecia ela. *Ou estou me enganando?*, se questionou.

Olhando o registro da primeira prisão de Lady Fox, Norene contemplou sua foto. Os cabelos, negros como o seu, caíam sobre o ombro. Quase conseguia ver a própria juventude na garota. *Quantas escolhas erradas nos separam? Quantas decisões mal tomadas nos torna tão distintas?*, refletiu.

Estava cansada, a madrugada já chegava ao fim e a troca de turnos deixava o departamento quase vazio.

Revisou o terceiro depoimento da garota, digitou seu relatório e enviou ao Sistema. Não havia nada a favor da prisioneira, o que faria com que o caso fosse encerrado por ali. Entregando todos os dados, o Sistema logo emitiria a condenação. Não que aquilo fosse tirar toda a história da mente de Norene.

De todo aquele tempo que conhecia Lady Fox, nunca vira a garota totalmente como uma criminosa. Tinha o pensamento, um pouco inocente, de que a garota acabaria por tomar decisões certas na vida. *É só uma fase*, dizia a si mesmo. *Mas já faz mais de dois anos que estamos nessa fase...*

Aquilo remoeria dentro dela por dias até que a rotina empurrasse tudo ainda mais para dentro dela, enterrando tudo com preocupações e coisas a fazer.

Era assim que a oficial reagia com tudo.

O barulho da cela se abrindo a tirou de seus devaneios. Pressionando a digital no sensor da parede, Norene a

encarava. Por um momento, a prisioneira pensou ter visto uma expressão de medo na policial. Nada mais do que um piscar de olhos, mas que a entregava.

— Venha, você vai ser transferida.

— Mas, já?

— Ordens do Sistema, sua pena deve sair logo — disse Norene, evitando olhar a garota nos olhos.

Está mentindo, pensou Lady Fox.

Ao cruzar a porta, as algemas da prisioneira foram ativadas, ligando-se uma na outra com a atração dos imãs.

Cruzaram o corredor da delegacia. Os olhos observadores da garota se prendendo a cada detalhe. Nem sequer fazia ideia de que seria a última vez que faria aquele percurso.

— Vão me dar mais trabalho? — perguntou a prisioneira.

Novamente, a face de terror dominou a policial, dando um vislumbre momentâneo da verdade à Lady Fox.

— Provavelmente, sim — tentou soar tranquilizadora, mas era impossível. — Não é sua primeira vez, sabe como é.

Está mentindo, Lady Fox tinha cada vez mais certeza. *Minha pena já saiu.*

Havia se passado cinco semanas desde que Lady Fox fora capturada. Não muito tempo se comparado ao sistema carcerário do passado — dizem que, no século vinte e um, poderia se levar anos para que alguém fosse julgado. Agora, todo o processo era acelerado. O Sistema distribuía a duração e o tipo de serviço que cada acusado deveria cumprir, direcionava às instituições de tratamento ou sentenciava ao “sono”.

O sono nada mais era do que o nome amigável da injeção letal, um nome corriqueiro para a morte.

Lady Fox fora sentenciada ao sono.

Quando entrou pelo corredor branco que a levaria para sua cadeira, a garota não era mais a mesma. O cabelo azul havia sido raspado duas semanas antes, não havia adorno algum em seus braços e a maquiagem pesada já não escondia sua face. Mais do que sua aparência, não era mais a mesma em seu interior. A consciência de sua sina podia ter domado seu espírito rebelde, mas havia coragem em seus olhos. Coragem e serenidade.

Não vacilou sequer um pouco ao sentar na poltrona que acabaria com sua vida. Se existia medo em seu interior, fez questão de não mostrar às poucas pessoas que assistiam à execução. Fez questão de não mostrar para Norene, sentada na primeira fila.

A policial também havia mudado. As roupas do dia anterior denunciavam seu desleixo. Olheiras e perturbação marcavam seu rosto. Por mais que Lady Fox procurasse, não encontraria um traço sequer de vigor na policial. O Touro morreria.

A sala de parede brancas e vidros mostrava à prisioneira o mesmo que ela pensava lhe esperar depois da morte: nada. Era a poltrona, seus monitores e equipamentos e a garota. Nas quatro paredes que rodeavam a sala havia vidros que separavam três outros quartos. Aqueles, eram para os espectadores da morte. Dois deles estavam vazios. Não havia tantas pessoas assim que se importavam com ela.

Para qualquer um que não estivesse ali, Lady Fox era apenas mais uma rebelde, fora da lei e arruaceira que seria executada. Aos olhos do mundo fora daquela câmara, não existia mais uma defensora dos direitos entre espécies, uma revolucionária, uma mãe com um filho natimorto ou sequer uma garota.

A tela se acendeu ao lado da poltrona de Lady Fox. Não havia enfermeiro, técnico ou supervisor ali com ela.

Aquela era uma jornada que ela deveria realizar sozinha.

O Sistema travou a porta e a cadeira; um sistema de segurança para os detentos mais violentos pois nem todos encaravam a morte com tanta tranquilidade. Uma abertura no encosto da cadeira liberou uma pequena haste que se estendeu até a nuca da garota. Na ponta do equipamento, uma fina agulha sobressaía. A menina sentiu o frio metal lhe tocando a pele. *Tão fria quanto estarei daqui a pouco*, pensou ela, sentindo um arrepio subir pelas costas. O desconhecido destino lhe causava uma sensação de estranhamento.

Medindo a pulsação da garota, o gás calmante foi dispensado pelo programa. O monitor a sua frente se acendeu, revelando as informações de seu corpo. *Apenas coragem e serenidade*, lembrou ela. No fundo da mente de Lady Fox, uma lembrança ressoava, acalmando-a.

A contagem se iniciou, os últimos dez segundos de sua vida.

De olhos fechados, Lady Fox viu uma garotinha, tinha a pele de tons brancos e azulados. A criança corria por ruas tranquilas, ruas que não existiam naquela cidade. A prisioneira sorriu. Não era uma memória real, é claro; sua filha nunca nascera. Mas, de algum modo, Lady Fox pensou que estava prestes a encontrá-la.

Os dez segundos se estendiam pelo que pareceu uma eternidade.

Outras lembranças vieram à tona: os dias de revolução, seu primeiro namorado, o planeta natal e sua primeira casa. Lembrou da infância, onde a inocência permitia que brincasse despreocupada com sua irmã. Mas ambas haviam crescido, separadas por vidas e ideais diferentes. *Queria ter me aproximado mais de você, irmã*, pensou ela. Também recordou de sua mãe. Por mais que a saudade lhe cortasse o peito, não desejou que ela estivesse ali; nenhuma mãe deveria sentir a perda de uma filha.

Mamãe...

Lady Fox abriu os olhos, a expressão de pressa cortando a paz que sentia. Faltavam três segundos. Correu a vista pela sala, encontrando Norene. Ao detectar o movimento da prisioneira, o sensor ativou o microfone de sua poltrona.

— Cuide bem da mamãe, irmã. — Ressoou os alto-falantes do outro lado do vidro, um instante antes da contagem chegar ao fim.

As últimas palavras da irmã se gravariam na mente da policial, sem que rotina alguma fosse capaz de enterrá-las. Algo se quebrou em seu interior, liberando um sentimento que cresceria a cada momento, corroendo seu ser até seu último dia de vida.

Juntamente com a irmã, Norene recebera sua sentença.

ÍCARO NO FUTURO

(OU GUARDA PARA SEMPRE OS CONSELHOS DO TEU PAI)

Paula Dias

não me grites o fim

Ora essa, é mesmo o fim a primeira coisa que vou revelar, gritando.

Sou malévolo. Não me submeto a regras.

Depois de vários episódios patéticos e brutais, voltei à minha normalidade. Consegui recuperar e estou pronto para voltar à vidinha e, assim, por mais cem anos.

Neste corpo, consigo fazer tudo e, com ele, voltarei a flunar. Será?

Como todos sabemos, Ícaro era filho de Dédalo. Juntos, construíram o labirinto do Minotauro, no qual aprisionaram o terrível monstro. Mais tarde, Teseu matou-o. Depois da morte do Minotauro, Dédalo e o filho ficaram presos no labirinto. Então, construíram asas artificiais com cera de abelhas e penas de pássaros, moldando-as com as mãos, para que se transformassem em asas de verdade. Desta forma, Dédalo conseguiu fugir, tendo alertado o filho para não se aproximar do sol, porque a cera das asas poderia derreter.

No entanto, Ícaro não ouviu os conselhos do pai (pois não se submetia a regras) e, tomado pelo desejo de voar próximo ao sol, acabou por se despenhar e caiu no mar Egeu.

A distração não durou mais de três segundos e tudo por causa de uma espécie evoluída de falcão, chamado Minotauro.

Eu estava, no aparelho, a jogar à batalha naval com um dragão tecno. Até estava a defender-me relativamente bem. O anormal do falcão, acabado de chegar do cometa *6666tyk*, vinha com aquele entusiasmo mordaz de quem quer contar novidades. Tocou-me com as asas no braço e, por causa disso, uma bala do navio-tanque do adversário (fácil de defender, isso é que me doeu mais) atingiu o meu porta-aviões virtual e o meu coração.

Eu já sabia que aquele aparelho estava a ficar obsoleto (versão.mega#93279). Até já estava amortizado. Tinha sido lançado no mercado global há mais de um mês. Foi um bocado irresponsável da minha parte jogar, nesse aparelho caquético, com um dragão tecno que, para além de roubar diariamente os seus aparelhos de última geração, pode usar as guelras e, ainda, deitar fogo a tudo, derretendo o que haja por derreter.

A verdade é que gosto de gastar a minha energia a correr riscos. É a minha realidade, nada há a fazer e pouco importa.

Antes de perder os sentidos, já intuía que estava em perigo e que o órgão vital estava destruído. Aqui, houve um hiato de tempo, talvez meia-hora, em que não soube o que se passou. Devo ter desmaiado, ou assim. Tenho uma ideia vaga dos voos do Minotauro e de outros amparos barulhentos me terem levado.

Quando acordei estava numa nave espacial, daquelas onde a pressão atmosférica é mais favorável, toda de um branco imaculado. Moviam-se à minha volta figuras estranhas, também vestidas de branco. Uma dessas figuras, a que vou chamar *figura 1*, informou-me que o meu coração tinha ficado sem arranjo possível e que eu tinha que optar: ou esperava que se encontrasse um humano desprevenido a quem se furtasse o coração para fazer o implante ou, então - a solução que a equipa clínica considerava mais adequada (porém, mais morosa e dispendiosa) -, arranjava-se um corpo totalmente novo. Eu tinha apenas cinco minutos para tomar a decisão. Perdi dois a perguntar porque me aconselhavam a trocar de corpo e a ouvir a resposta. “É que a nossa máquina viu que os seus rins também já não estão grande coisa, nem o fígado”. Ainda tentei ripostar, um bocado desconfiado, dizendo que não percebia como isso poderia ter acontecido já que, desde que nasci, sempre tomei todos os comprimidos alimentícios às horas certas e que só podia ser um tremendo equívoco. A *figura 1*, rosnou: “Você é que sabe, mas olhe que a sua coluna vertebral também aparenta ter duas hérnias e, daqui a alguns meses...”

Comigo, é sempre assim. A solução mais cara é sempre a mais adequada.

“Está bem, vou seguir o vosso conselho, faço mudança integral de corpo.”

Três minutos depois, mais ou menos, já me tinham separado do corpo que, segundo me disseram, não teve qualquer utilidade, pois nem aquele modelo de pénis era procurado no mercado de órgãos. Melindrado, tive que me conformar.

Estava, então, decapitado. O meu corpo era, agora, um paralelepípedo branco, tipo frigorífico do século XX,

ligado a várias máquinas e écrans que, em permanência, apitavam, em várias cadências, lançando uns raios néon azuis e vermelhos contra as paredes laterais brancas. Tudo branco, lembram-se? Até estava com enjoo imaginários. Digo imaginários, porque, claro está, o estômago tinha ido com o corpo real.

A parede à minha frente estava coberta com um espelho #25xD para me trazer realidade à cabeça. A minha cabeça, a espreitar em cima da máquina... Eu.

Comecei a recitar um poema ingénuo, que me lembrava o meu pai. Tinha a ver com o facto de, sem coração, não sermos um ser (mas um boneco), da vontade imensa que tínhamos de conseguir voar e dos cuidados a ter com as asas. Qualquer coisa comovente e antiquada desse tipo.

Para afastar o tédio, deitei a língua de fora e pisquei os olhos. Estava com muito boa cara, corado e tal. Fiquei furibundo quando reparei que a crista do cabelo não estava ao alto. Uso aquela laca com iões atrativos, mas comigo só funciona a da marca antinewton, que eles não devem ter aqui. Já vos anunciei a minha tendência para as coisas caras, certo? Se já não estava confortável sem a crista levantada, imaginem quando dei com os furos do nariz, sem apetrechos decorativos! Fiquei doido da vida, logo a imaginar que as orelhas estariam despojadas dos alargadores, coisa que não conseguia confirmar, apesar da alta tecnologia do espelho. Estava impedido de rodar a cabeça. Ainda tentei elevá-la, como costumava fazer quando precisava de relaxar. Pratico diariamente um tipo de yoga, uma descoberta para aí dos finais do século XXI, em que, pela concentração, a cabeça se eleva do corpo e pode deambular em circunferências com raio de cinco metros. O pescoço tem que ser treinado dois minutos para conseguir praticar o exercício, desde que previamente oleado com girafapower, um produto já bastante fora de moda, mas ainda em uso para os praticantes dessa

modalidade secular. A perícia reside em não bater com a cabeça no resto do corpo, nem no solo e não deixar que o pescoço se enrole, para que não se dê a estrangulação.

Estava eu nestas lucubrações, quando reparei num dedo espetado, suspenso no ar e envolto numa espécie de tornado mínimo, que via através do espelho. Cada vez que o tornado (e o dedo) faziam razia à minha cabeça, sentia um sopro de ar gelado e um cheiro a creolina, misturado com sangue. Vendo melhor, parecia mesmo ser o meu dedo indicador, mas não consegui ter a certeza.

Entrou, de rompante, outra figura branca, a que vou chamar figura 2, e pôs-se à minha frente, de costas para o espelho. Vinha com um *tablet versão 369#DX* (“O quê? Aqui ainda usam isso? Isto é uma viagem ao passado ou quê?”) para que eu escolhesse o meu corpo entre os disponíveis. Indiquei-lhe os requisitos básicos: corpo hermafrodita, de não mais de cem anos (para combinar com a idade real que a cara aparentava), cerca de dois metros e trinta e cem quilos de peso, no máximo.

A figura 2, depois de ligar a sua preciosidade (o tal *tablet* dos tempos dos dinossauros, que risota), iniciou uma pesquisa avançada, comandada pela sua retina direita (vi logo que não era esquerdino, como eu) e, de seguida, começou a passar os modelos dos corpos.

Eu, que até nem sou esquisito, primeiro achava que todos os corpos eram aceitáveis, mas, depois, vendo melhor, acabava por não gostar de nenhum. Uns tinham tatuagens de anjos da guarda ou de seres mitológicos bonzinhos (eu só apreciava tatuagens medonhas), outros tinham joanetes, outros apresentavam barrigas salientes.

Como não consegui decidir em noventa segundos, foi-me sugerido que mandasse vir um estilista de conjugações e um designer de órgãos, para, respetivamente, aconselhamento e, eventual, reconstrução parcial à medida, se fosse

caso disso. A intervenção no processo dos consultores especialistas fazia aumentar bastante a conta, mas não deixava de ser uma garantia para que me sentisse bem no meu futuro corpo e comigo próprio, no futuro.

Trocámos ideias acerca de preços e eu pedi para consultar a minha conta bancária virtual, pedido esse que, ao primeiro segundo, me pareceu logo inviável, já que as consultas e movimentos têm que ser efetuadas através de impressões digitais (não podiam ser feitas através de retinas). Ao terceiro segundo, entendi que o meu dedo indicador tinha sido resgatado para esse efeito. Fiquei bastante descansado por estar em tão boas mãos. Ligavam a pormenores e isso é fulcral. O que eles não viram nas análises é que sou esquerdino e, nas pressas, guardaram-me o dedo direito, cujas impressões digitais não conferem, em absoluto, com as do dedo esquerdo, como é óbvio. “No fim disto tudo ainda lhes instauro um processo judicial”, pensei eu. Ao quarto segundo lembrei-me que tinha sido implantada a anarquia. Bem, seja. Continuando, o meu coração ia saltando pela boca... Ah, é verdade, não tenho coração. Experimentei, contudo, a mesma sensação vinda de dentro da máquina. Deve ter sido devido ao circuito interno que substitui o coração. “Será que vou ficar aqui uma vida dentro da máquina, até encontrar uma solução para movimentar a conta?” Quer dizer, no fundo, era relativamente fácil resolver este enigma, já que, com a retina, podia passar uma procuração a outra retina e, verificada a coerência entre a retina e as impressões digitais do procurador, seria uma possibilidade. Porém, não gosto de burocracias e esse expediente era de evitar para minha salvaguarda. Aliás, nem sei se nos regimes anarquistas existe o instrumento legal da procuração.

Vendo que eu estava a complicar e que se aproximava a hora do almoço, a *figura 1* entrou (reconheci-a através do espelho), abriu uma pequena porta da máquina que supor-

tava a minha cabeça e perguntou-me o que é que eu queria almoçar. Primeiro respondi-lhe que não queria nada, mas depois reconsiderei. Pedi picanha, com feijão preto, couve e farofa e, para sobremesa, um quindim. A *figura 1* fez um sinal com o nariz e apareceu, como que por magia, uma mesa com comprimidos alimentícios separados dentro de várias caixas. De imediato, atirou cinco comprimidos diferentes, em cor, tamanho e textura para dentro da máquina e fechou a portinhola.

Esqueci-me do pormenor de que, a fazer a digestão, tenho sempre mais dificuldade em concentrar-me. Mesmo assim, em deambulações mentais, lá me consegui lembrar de que havia uma alternativa ao dedo esquerdo para acesso à conta virtual. Era a pergunta-chave para recuperar o acesso, cuja resposta só eu sabia. Quando a *figura 2* reapareceu, estabeleci o acesso mental através do seu *tablet* (já vos disse que era jurássico?) e pedi para entrar no Banco através da pergunta/resposta de salvação. A pergunta era “Em que dia vai morrer?” e a resposta era “Duzentos anos depois de ter nascido”. Fácil. Problema resolvido. Para minha satisfação, a conta virtual estava recheada pelas recompensas, por ter esventrado dois tipos na China. Esses sim, os chineses, prometem e pagam. Já nem estava habituado a tanta honestidade no cumprimento das obrigações recíprocas. Também, se o não tivessem feito e eu, agora, por causa do novo corpo, tivesse que contrair um empréstimo a cinco dias, iam ver. Sabotava-lhes os aparelhos das multinacionais e dava-lhes cabo de toda a informação secreta. Como retaliação, claro.

E pronto.

Verificação feita, pedi para virem os consultores especialistas, sem me esquecer de avisar que se fizessem acompanhar de um enfeitador de cristas porque, sem o meu produto, só com uma intervenção dessas a minha crista conseguiria ficar direita, o que seria essencial para os consulto-

res poderem avaliar a minha nova “vida”, com segurança e eficácia.

Em quatro ou cinco minutos chegaram os três especialistas. Nuns segundos bem contados, o enfeitiçador pôs-me a crista a preceito e foi-se embora, deixando-me a fatura, através de troca de sinais entre retinas. “A ver se não me esqueço de fazer a transferência ou de passar lá a pagar”.

O estilista de conjugações tinha um *tablet* muito mais moderno do que o da figura 2 e transformou o espelho num quadro branco interativo, onde projetou a minha cabeça em 3D, à medida que ia passando as imagens dos corpos e evidenciando as respetivas características. O designer de órgãos estava atento, desejoso que eu escolhesse um corpo que precisasse de melhorias, para que não se tivesse deslocado em vão. Um desperdício de tempo e de átomos-combustível, já que os orçamentos eram grátis, para os impedidos de se deslocarem (e era esse o meu caso).

Rapidamente escolhemos um corpo atlético, de noventa e nove anos de idade, só alimentado a comprimidos, com uma tatuagem de caveira nas costas (fácilimo de adaptar ao terror, que queria dar a mim próprio), e da altura e compleição convenientes. O problema era que tinha uns seios salientes e eu não queria isso para mim. Nem pensar! O estilista de conjugações foi-se embora e só ficou o designer de órgãos, exuberantemente feliz, por ser necessário retirar os seios do corpo e redesenhá-los. Disse que era um trabalho bastante fácil e que ficaria pronto em quinze segundos, só que tinha de ser realizado no seu atelier.

Através da máquina, com o cérebro ao comando, chamei a figura 2 para lhe dar a informação sobre o corpo escolhido e que teria que ser levantado na fábrica do estilista de conjugações. Alertei para o facto de, logo que tivessem o corpo escolhido consigo, terem de passar no atelier do designer de órgãos para ele fazer os melhoramentos necessários.

Ficou logo com má cara, mas como lhe disse que o trabalho seria realizado em quinze segundos, denotou algum alívio. A figura 2 informou-me que ia tratar disso pessoalmente. Eu transferiria o montante total para a sua conta, para que pagasse o corpo ao estilista, liquidasse ao designer os arranjos e retirasse a margem para o internamento na nave espacial, operações, materiais e tal.

A operação de transplante de corpo foi, então, marcada para daí a cinco minutos, altura em que eu já teria feito a digestão da refeição saudável.

Explicaram-me que, por ser uma tarefa muito complexa, demoraria dois minutos e trinta segundos e, ainda, que teria de ficar no recobro noventa segundos, três minutos nos cuidados intensivos e cinco minutos no quarto. Achei demasiado tempo, um exagero cautelar, mas tive que aceitar.

Quando recebeu a mensagem mental de que o designer de corpos acabara o seu trabalho e que a figura 2 estava em trânsito com o novo corpo adaptado, a *figura 1* hipnotizou-me. Não senti nada durante a operação e a recuperação acabou por ser rápida.

Trinta minutos depois estava a pairar no ar, livre das figuras brancas, livre da nave branca, satisfeito com o novo corpo, que tinha mais vitalidade e melhor odor corporal do que o anterior. A minha conta digital também estava muito mais leve, claro. Pouco importa para o caso.

problema resolvido?

Ia-me esquecendo de vos contar que substituíram o dedo direito do corpo novo pelo antigo. E aí é que estalou uma grande confusão. Aparentemente, o corpo transplantado era destro e, por isso, os neurónios ainda estão a demorar algum tempo a habituar-se à nova realidade. Como sou um

otimista nato, acredito que tudo vai correr bem.

A porta de casa abre-se com as impressões digitais de qualquer um dos meus dedos, embora, antes de ir para lá ainda tenha que passar pelo enfeitiçador de cristas para pagar o serviço feito e para endireitar a crista outra vez. Logo de seguida, irei ao tatuador para aumentar a caveira e repor as minhas horrendas tatuagens de culto. O que me vale é que posso comprar-lhe novos anéis para os buracos do nariz e alargadores para as orelhas. Já agora, aproveito esta oportunidade e faço um rearranjo total de mim. Também, na verdade, estava mesmo a precisar de alargadores mais modernos. Ah e o aparelho, claro! Tenho que roubar (significa furtar, com violência, ah, ah) um de última tecnologia. Estou ávido de sangue e de más ações. Matarei, em breve, o estúpido do dragão que me fez isto. Já estou a cogitar no labirinto que lhe vou montar, logo que chegue a casa. E o Minotauro também não se vai ficar a rir, já que foi ele o culpado desta situação toda. Oiço e vejo o que tem para me contar e mostrar e “Fogo com ele!”. Eu sou mesmo mau, e vingativo, e...

Pouco atento aos conselhos do pai, dos quais desdenhou.

posfácio

Fascinado com o corpo novo, já com o aparelho de última geração debaixo do braço, conduziu em êxtase a sua nave móvel pelos ares, não seguindo as mais elementares regras de voo. “Haverá regras de voo nas anarquias?” Aproximou-se demasiado do sol e deu-se um fenómeno adverso para este tempo, uma espécie de curto-circuito, ainda por explicar pelos cientistas, tendo desaparecido nos ares.

Não chegou a abrir a porta de casa.

Não matou o dragão nem o Minotauro.

O fim gritado foi um equívoco.

Como todos sabemos, Ícaro era filho de Dédalo. Juntos, construíram o labirinto do Minotauro, no qual aprisionaram o terrível monstro. Mais tarde, Teseu matou-o. Depois da morte do Minotauro, Dédalo e o filho ficaram presos no labirinto. Então, construíram asas artificiais com cera de abelhas e penas de pássaros, moldando-as com as mãos, para que se transformassem em asas de verdade. Desta forma, Dédalo conseguiu fugir, tendo alertado o filho para não se aproximar do sol, porque a cera das asas poderia derreter.

No entanto, Ícaro não ouviu os conselhos do pai (pois não se submetia a regras) e, tomado pelo desejo de voar próximo ao sol, acabou por se despenhar e caiu no mar Egeu.



2337

João Marcelo Rocha

Lewis acordou atordoado naquele que seria o dia mais estranho de sua vida. Abriu os olhos com grande resistência e sentiu a boca seca e as mãos trêmulas e suadas. As pernas formigavam como se estivessem presas, sem circulação, por cerca de meia hora, e as costas doíam e o incomodavam muito.

Ao tomar consciência de onde e como estava, reparou não conhecer aquele lugar nem notar nenhuma familiaridade com os objetos que o cercavam. Observou que carregava no braço uma pesada pulseira com uma espécie de “medalha gigante” no meio— que também não lembrava de possuir.

O mais aterrorizante de tudo, para Lewis, foi tentar lembrar do dia anterior e não conseguir nenhuma resposta de sua mente. A única informação que havia em sua cabeça era a de que estava bebendo, no laboratório de física moderna e nuclear da USP, com seu amigo João Paulo, ao fim de uma calourada de medicina que ocorrera no prédio vizinho. Como havia chegado até aquele galpão escuro, fedorento e, aparentemente abandonado, era a pergunta que não deixava sua cabeça.

Ele tentou buscar seu celular para ligar para a sua mãe, Carla ou seu pai, Carl, mas reparou que o aparelho não funcionava e tinha e a capa todas destruídas— como se tivesse sido queimado ou algo do tipo.

Levantou cambaleando, meio tonto, e prosseguiu até a porta do galpão onde se encontrava. Lá fora não havia sinal de nenhuma pessoa nem de nenhum vestígio conhecido. O local parecia estar realmente abandonado ou desativado faz muito tempo.

Caminhou mais alguns metros e, ao deixar a estrutura por completo, reparou que ela tinha o formato de prédio— esse, inclusive, o parecendo familiar. A rua onde o edifício se situava parecia também estar abandonada— E era cercada de outros prédios de formato semelhante. Lewis poderia jurar, então, estar numa versão abandonada e envelhecida da mesma faculdade em que se encontrava na noite anterior. Tudo isso parecia, no entanto, uma tremenda idiotice, embora um medo já percorresse sua espinha.

Imagine você acordar, pela manhã, no meio do nada, que se encontra numa rua de lugar nenhum? Lewis começou a buscar uma saída da rua onde estava. Assustava-se cada vez mais com a semelhança que aquele lugar tinha com a universidade. Acalmou-se um pouco quando avistou uma grade. Aproximou-se dela e notou que algo havia escrito em letras garrafais:

“NÃO ENTRE. TERRITÓRIO NUCLEAR.”

O seu coração, então, disparou. As mãos gelaram e Lewis não conseguia compreender como, por Deus, havia chegado a um território nuclear depois de beber com seus colegas. Olhando para fora da grade algo o deixou ainda mais assustado. Viu um senhor, que parecia portar mais de 2 metros, vestido numa espécie de uma túnica azul escura sobre uma plataforma cinza que flutuava em alta velocidade. Logo reparou que ele não era o único e que várias outras pessoas de roupas estranhas passavam atrás dele em plataformas semelhantes. Todas pareciam uma espécie de Zoombie, dentro

de algum transe, ou máquina programada seguindo algum código de programação padrão, com algum objetivo específico.

Ele sentou ofegante, ainda atrás da grade, e começou a chorar imaginando poder estar num surto, coma alcóolico, no inferno ou em algum lugar pior. O desespero só aumentou quando leu a data da placa que possuía em mãos: 20 de abril de 2315.

Lewis então deu um grito assustado, arremessou a placa longe, e pulou a grade indo em direção a rua. Embora tivesse um comportamento anormal para o padrão das pessoas que lá estavam, ninguém aparentou ter notado a sua presença. Ele correu por cerca de 1 km até que o ar se esgotasse em seus pulmões. A certeza de que estava em um tempo/local/situação distante do seu só veio, no entanto, quando um outdoor eletrônico e de tamanho e definições fantásticas apareceu diante dos seus olhos. Era uma propaganda da Microsoft que datava em 27 de agosto de 2337.

O corpo de Lewis parecia querer fraquejar naquele momento e ele agachou-se. Praticamente não reparou em uma senhora de cerca de 2,1 metros que passou ao seu lado, em grande velocidade, numa daquelas plataformas voadoras de coloração marrom. Os seus olhos então fixaram na pulseira que ele carregava no braço. Ela possuía a mesma data da campanha publicitária do outdoor (27/08/2337). A reação dele foi imediata: A quebrou e rasgou em um único golpe. O que aconteceu em seguida foi mais imediato e estranho ainda.

As coisas ao seu redor e seu corpo começaram a se desfragmentar. Tudo parecia ser uma peça de um grande quebra-cabeças que agora estava sendo desmontado. De repente, tudo ficou escuro e ele perdeu a consciência.

Lewis acordou num espaço de tempo que pareceu durar 10 minutos para ele. Estava no mesmo laboratório onde

lembrava ter passado a “noite anterior”. Seu amigo João Paulo estava bêbado à sua direita totalmente desacordado e uma sensação de embriaguez percorria o seu corpo. A pulseira, que “a minutos atrás” estava em seu braço, naquele lugar estranho, estava agora rasgada e destruída à sua esquerda. Sua calça apresentava um rasgo sobre o bolso direito no exato lugar em que ele havia se enroscado ao pular da grade.

Lewis começou a se perguntar, então, o que havia, de fato, ocorrido com ele e com aquela pulseira. “Será que viajei no tempo e passei por 2337?”, “Será que tive um surto ou algo do tipo?” e “O que é aquela pulseira que eu portava no braço” foram algumas das perguntas que rodavam em sua cabeça. A resposta, no entanto, ele tinha medo de saber. Se levantou rapidamente, mesmo que com dificuldade, e saiu de onde estava, desejando que aquilo tudo nunca tivesse ocorrido. Seu maior desejo era, simplesmente, chegar em casa, poder tomar um banho e viver com sua família, 2018.

TRANSIÇÃO VINTE E SEIS

Henrique Fanini Leite

Acordou pelado. À primeira vista, sem erros de continuidade. Superfícies lisas, a luz acendia. Temperatura vinte e dois graus e meio, céu nublado. Olhando pela janela, nenhum prédio pela metade, nenhum abismo na rua. Blocos monótonos de vidro escuro espelhado, embaixo a típica avenida arborizada, lojinhas com marquise listrada. O renderizador não detalhava os transeuntes desde a vigésima transição. Imaginou como seria a cidade vista do espaço. Yuri Gagarin do espaço digital. Um grande passo para, não, esse foi Buzz Aldrin.

“Arquitetura impecável.”

“Pensei que você ficasse me esperando atrás da porta.”

“Passei por um buraco de minhoca.”

“Fazem três transições que você repete essa piada.”

“Posso reajustar a semente dos números randômicos.”

Começou com os companheiros na décima transição. Se esforçara nos primeiros protótipos. Deu-lhes vestimentas, faces e corpos realistas, personalidade. Experimentou com homens e mulheres. Acabou vendo que nada daquilo importava. Complexos como fossem, o conteúdo da conversa sempre aterrissava nos mesmos assuntos.

“Não depende de você. Nem mesmo gente de verdade é original. Parece que têm medo de falar alguma coisa que nunca tenham escutado outro dizer.”

“Originality is overrated.”

“Essa você acertou, Sputnik. Acessar log. Escrever: interação não usual, *timestamp current time.*”

“Log introduzido.”

“Retornar. Procedimento padrão.”

“Inicializando programa base.”

“Não, espere. Abortar. Acessar log. Escrever: sou o Yuri Gagarin do espaço digital.”

“Log Introduzido.”

“Retornar. Procedimento padrão.”

“Inicializando programa base.”

“Bem-vindo de volta, Nik.”

Desde a décima sétima transição eram apenas esferas metálicas flutuantes. Sputnik, companheiro de viagem, em russo. À voz ainda se dedicava. Uma voz bem-feita era quase um abraço. Sputnik falava como robô, mas de um jeito amigável, resultado de uma modulação em ondas quadradas de uma voz padrão de barítono. Imaginou Sputnik com voz de Frank Sinatra, a risada um pouco fora de órbita. Encarou os sintomas com curiosidade científica. Ficaria louco? Todos que foram para a lua acabaram loucos. Imaginou como era enfrentar o engarrafamento das seis para chegar em casa depois de ter passado vinte e uma horas e trinta e seis minutos na superfície de um corpo celeste sem atmosfera a trezentos e sessenta e dois mil e quatrocentos quilômetros da superfície terrestre.

Engarrafamento deixa qualquer um louco.

Abriu uma água do frigobar. No guarda roupa, de regatas a ternos. Sapatos de todos os tipos. Meias. Gavetas com tudo o que quisesse: relógios, jóias. Desejou que fosse a última vez, o espelho sussurrando-lhe sonhos traduzidos em bonés e sapatos, brincos e colarinhos. Segurando uma gravata no pescoço, imaginou seu casamento. Inspirou o rebuliço das conversas, a excitação ligeira da chegada, os olhares

entrecruzados. No suspiro, lamentou o quanto aquilo tornara-se remoto. A roupa já não importava; que fosse qualquer coisa com bolsos largos.

“Muito elegante, senhor”

“Cala a boca, Nik”

A porta à direita introduzia uma sala repleta de estantes com preteleiras inclinadas. Em cada uma, arranjadas como em braços, combinações de armas. Eram equipagens padrão de times de jogos de combate— camper, support, médico. Exagero. Escolheu uma pistola semiautomática. Pareceu-lhe uma escolha estúpida qualquer arma mais pesada, difícil de esconder, e pior: difícil de carregar. Foi também econômico com a munição. Tirou o pente e pipocou as balas, uma a uma. Precisaria de apenas duas. Posou frente ao espelho, arma apontada, cantou os tiros, simulando o recuo da pistola. Saiu.

Apesar de tudo, o filé de cordeiro era delicioso. Honestamente, já não lembrava qual era o sabor verdadeiro. A textura supunha saber, e aquele estava fibroso demais, sem suco. Se bem que nunca acertera cem por cento. Programação de sabores e texturas é uma arte não reconhecida. Ainda assim: bom, muito bom. Era bom estar vivo, mesmo que ali. Lembrou ainda uma vez da antiga ideia, do cartucho de vídeo game em que além do jogo principal havia uma série de outros joguinhos. Ainda lhe parecia uma grande sacada, independente das consequências. Experimentou a sensação familiar— até mesmo agradável— de contemplar um grau de complexidade acima de suas capacidades.

Máquinas entendem zeros e uns. Humanos escrevem:

```
pragma solidity 0.4.18;
```

```
contract FilehDeCordeiro{
    address owner;
    uint preco;
    event Record(address _from, string _message);
```

```

function RecorderPago() public{
    owner = msg.sender;
    preco = 1000;
}
function Preco() public constant returns(uint){
    return preco;
}
function ModificarPreco(uint valor) public{
    if (msg.sender == owner){
        preco = valor;
    }
}
function sabor(string message) public payable {
    require(msg.value>=preco);
    owner.transfer(msg.value);
    sabor(msg.sender, message);
}
}

```

E ele sentia o sabor de um filé bem passado. Qual código traduz a verdadeira textura de um filé? Quantos zeros e uns para simular a faca, indo e voltando, abrindo um sulco na carne?

“Foi naquele loop recursivo. Você esqueceu do incremento no contador secundário.”

Desde então o contador secundário permanecera valendo um, exatamente como na primeira transição. Se um dia... Não, quando, quando voltasse não saberia exatamente como descrever a mudança quase incongruente de expectativas, a percepção do que significava aquela falha. Ainda hoje rememorava os acontecimentos, tentando precisar as circunstâncias que o levaram ao erro. Culpava, duvidando de si mesmo, algum rival que desligara o alerta automático do compilador. Então lamentava seu próprio talento, a forma como o mundo adaptava-se a seus ataques, a maneira como fagocitava suas modificações e transmutava-as em combinações bizarras de respostas computacionalmente aceitáveis.

Esses eram os dias bons.

Nos ruins, especulava o tempo perdido, as sequelas cerebrais, o porquê de ninguém tê-lo resgatado; pensava nisso contemplando a cidade que desenhara. Gostava de intersecções complexas, da logística desnecessária mas muito bem simulada. Era famoso por isso. O arquiteto. As boates, as mulheres. É bom quando não po-

dem lhe espiar. O tempo passou e ele não envelheceu. Supunha, é claro, que o tempo não havia passado de fato. Ou isso ou o desligamento dos aparelhos causaria danos irreversíveis à massa encefálica. Era um homem que elencava hipóteses e submetia-as ao rigor do método científico, e cá estava ele, com uma arma no bolso e um filé no prato pela vigésima sexta vez, pensando nos joguinhos da fita e no próprio erro pela vigésima sexta vez, elencando as mesmas hipóteses, o mesmo espumar de cachorro raivoso, sedento e temendo a água.

Levantou.

“Sputnik, teste número um.”

Aproximou-se por trás de uma mulher que comia de cabeça baixa. Por caridade, deixou que engolisse. Pegou o revólver e deu uma coronhada forte no cocoruto. A mulher caiu de cara no prato. De baixo, num barulho líquido, veio a gargalhada. A mulher deitou a cabeça no assento e continuou a rir, molho vermelho em volta dos olhos. Ignorava-o. O sangue espesso rastejava pelo estofado bege. O atendente por trás do balcão começou também a gargalhar, bruto, uma mão na barriga e outra apontando. Gargalhavam, histéricos. O casal no canto esquerdo olhava e cochichava, a cumplicidade do deboche mais prazerosa que o próprio riso. O garçom fingia interesse em um prato, usando-o para esconder o rosto. Sentiu cheiro de urina. Mesclado com o sangue, tentáculos amarelos retorciam-se na poça vermelho escura. A mulher gargalhava.

“Que nojo.”

“Leituras completas. O log de processamento já está disponível.”

“Teste dois, Sputnik, rápido!”

Apontou a arma e atirou no garçom. A bala perfurou o centro do peito, de onde um filete de sangue escapou. O garçom olhou para o ferimento, deixou o prato que segurava em uma mesa e caiu de joelhos. O riso de todos parou. A mulher olhava para o atirador como se compadecendo de seu destino trágico. Foi a primeira a gemer. Atirou-se no chão, quem sabe agora sentindo dor. Banhava os cabelos em sangue e urina, as roupas, o rosto. Os gritos agudos falhavam abruptamente, como em uma transmissão com defeito.

“Nik, relatório do simulador acústico.”

“CPU em overclock, mas funcional.”

“E o processador gráfico?”

“Está pedindo água. Várias leituras erradas”

O garçom chorava, os braços postos, louvando aos céus. O menino lambia as lágrimas do rosto da menina, que o beijava após cada lambida. Por trás do balcão, o atendente tinha os lábios contraídos. Os gemidos tornaram-se mais graves, distorcidos. Era o sinal. Ligou o cronômetro do relógio de pulso. 1... 2.... 3..... 4..... 5..... 6..... 7..... 8..... 9.....

Então parou. Outra coisa difícil de descrever: a sensação de habitar uma estátua. Sentiria-se claustrofóbico, não soubesse que aquilo era uma prisão de qualquer jeito, com ou sem passar do tempo.

O mundo piscou sem que mexesse as pálpebras. Estava de volta. A mulher comia, o garçom atendia o casal de mãos dadas. Não havia sangue no chão. O atendente sorria.

“Bem vindo, gostaria de fazer um pedido?”

“Queria poder sair daqui.”

A porta estava agora desnivelada em relação à calçada, cerca de vinte centímetros mais baixa. Abrindo para fora, a parte inferior desaparecia no concreto sem esforço.

“Leituras completas. O log de processamento já está disponível.”

“Meu Deus! Que inferno.”

“O comportamento anômalo ocorreu devido a código corrompido.”

“Eu sei disso, Nik, fui eu quem corrompeu o código. Algum evento abortivo?”

“Não, senhor.”

“Nem mesmo na unidade sonora? E aquela travada?”

“Não, senhor. O programa não travou por completo, o ressurante estava encapsulado. As classes ficaram uma confusão só, acho que ninguém poderia ter feito trabalho melhor, mas a lógica adaptativa, senhor, sua lógica adaptativa...”

“É perfeita. Toda vez que falhamos você fala a mesma coisa.”

“Está com o relatório pronto?”

“Sim, senhor.”

“E então?”

“Todos os métodos funcionais operando em overclock. Esperam-se erros grosseiros no cenário quando atingirmos o período noturno. Interações teste geraram erros de *overflow*, logs C234218 e C234219. As rotinas de injeção introduziram o código malicioso com sucesso, que operou conforme projeto. O sistema defensivo isolou as classes infectadas e todos os descendentes. Cerca de setecentos e trinta e dois processos estão comprometidos, incluindo simuladores fundamentais, como o de sono e de sabores.”

“Quais nossas chances de sucesso?”

“A lógica do sistema de recuperação não é cem por cento previsível, mas as chances são baixas. Provavelmente ocorrerá o mesmo comportamento: a máquina vai isolar as classes com problemas e substituí-las por elementos ainda funcionais.”

“Há alguma alternativa?”

“Não, senhor.”

“Bom, então vejamos o que acontece. Nik, iniciar log de evento abortivo.”

Colocou a arma na boca e puxou o gatilho.

Sentiu um ligeiro formigamento espalhando-se do ponto onde a bala deveria tê-lo atingido. Manteve-se de pé, observando Sputnik tornar-se pixelado, confundindo-se com o céu nublado. Enxergava como por uma lente cujo foco movimentava-se em diversos planos, cada vez mais raso. Objetos e cores mesclavam-se, por vezes ameaçando retornar, mas finalmente rendendo-se ao cinza eterno. Experimentou a sensação familiar de não ser capaz de distinguir dimensões ou distâncias, a visão injetada pela falta de um espaço. Sentiu náuseas, mas um calafrio excitado: a unidade gráfica principal desintegrava-se. Experimentou falar, mas não escutou nada. A pistola derreteu assim que a olhou, dissolvendo-se na mão que a segurava, que logo também escorria. A partir daí, o braço, o ombro. A sensação era nova. Misturou-se ele próprio ao chão, e então percebeu os olhos fechados.

Os Verdadeiros Olhos Fechados.

Mas não abriram. Quando olhou para o lado, viu o próprio ombro, agora sem braço. Percebeu-se sentado, um único pé restante sentindo o áspero do calçamento. Viu os blocos do pavimento. Logo surgiram os primeiros postes, as primeiras casas. Sputnik. Voltou a perceber o longe e o perto. Os edifícios acavalavam-se,

tortos, alguns cortados pelo meio.

“Meu corpo.”

“Bom, senhor, o módulo biológico é o mais robusto.”

“Sputnik, você é burro? Olha! Estou sem perna e sem braço.”

“Todos os habitantes deste ambiente perderam uma perna e um braço. A unidade de processamento é incapaz de atender aos cálculos dos movimentos de todos os membros.”

“Não me ensine sobre meus próprios programas.”

“Detectei diversas anomalias. Nenhuma fatal, infelizmente.”

“Elas funcionaram. Não senti dor quando levei o tiro. Os sistemas de voz e sensorial foram comprometidos também. Percebi meus olhos de verdade!”

“Mas a unidade gráfica terciária não foi afetada.”

“Não me interrompa, Sputnik. Mas sim, as texturas cobertas ou escondidas por outros objetos permaneceram intactas, a partir daí o programa reconstruiu o cenário.”

“E agora?”

“Você consegue me colocar no lounge de código?”

“Afirmativo.”

“Com todos meus braços e pernas?”

“Afirmativo.”

“Então vamos continuar até a simulação travar ou eu conseguir sair daqui.”

“Faltam apenas alguns ajustes, senhor.”

“Fazem cinco transições que você fala isso, Nik. Que tal uma cidade de praia dessa vez?”

“A água salgada enferruja meus contatos eletrônicos.”

“Posso fazer o mar de água doce.”

“Bom, eu não gosto de água, senhor... Por que não faz um cenário medieval?”

“Hum, não gosto de cavalos.”

“Pode ser um mundo em que as pessoas montam em vacas...”

“Ok, vamos parar por aí. Acessar *development environment*. Write New Project. Transição vinte e sete.”

(...)



NIVHIUN

Renan Fontella

Ego

Tragando seu cigarro inodoro com cautela para não ser preso novamente pela lei de antitabagismo, o fotógrafo Jacob Crawler, estava à espreita em meio a enormes tubulações de esgoto que se entrelaçam pela periferia da Cidade da União, para flagrar alguma movimentação ilegal da Frente Liberal, um grupo de revolucionários que buscam descentralizar o poder do maior bloco de países do mundo a ONOM (Ordem Novo Mundo).

Fechando seu olho esquerdo e gesticulando suas mãos, Jacob dá comandos de zoom para a câmera implantada em seu olho direito até encontrar dois integrantes da Frente Libertária. Eram dois jovens com não mais que 40 anos, carregando enormes caixas para uma van, provavelmente armas de fogo, Jacob reúne as provas em filmagens e fotos salvando os arquivos em seu próprio implante ocular.

— Perdi meu olho verdadeiro como preço dos pecados e vícios que cometi, é nessas horas que eu vejo que valeu a pena — sussurra em tom irônico para ele mesmo.

Sem ser visto pelos rebeldes ele se esgueira por vielas com esgoto a céu aberto, diferente da iluminação artificial que simula o dia no centro da cidade, a real luz cinza do dia pouco ilumina os barracos e antigas construções. Após pas-

sar por uma ponte que cortava um gigantesco duto de esgoto Jacob retorna a estrada que leva até o centro da Cidade da União.

A estonteante luz coral avermelhada emulando o pôr do sol tocava sua pele quando Jacob desceu de um ValtA (Veículo autômato de Aluguel). Acima do parlamento hologramas luminosos alertavam sobre chuva, não chovia de verdade há décadas, essa chuva assim como a luz ultravioleta também era sintético, emitida pelos mesmos drones que emulam o lindo crepúsculo artificial.

Jacob chega ao Departamento de Polícia. Ao subir as escadas da entrada ele é abordado por um droid de monitoramento.

— Jacob A. Crawler, registro nº 49788 003, ficha criminal; autuado por uso de tabaco, acusado de envolvimento com o tráfico e jogos de azar... — a ficha criminal e documentos de Jacob projetam na tela de LEDs frontal sobre a cabeça do droid.

— Sem provas sem crimes! Quanta mágua, isso foi há uns 30 anos — Debruçando sobre o robô Jacob o interrompe — posso falar com meu “amigo” Inspetor Claude? Tenho em mãos um presentinho que ele vai amar.

— Como ainda tem coragem de aparecer aqui Crawler? — repentinamente a imagem do Inspetor Claude é projetada na face do droid, um homem robusto e de pele negra.

— Me convide logo pra entrar e tomar um chá, vim pela recompensa sobre informações do grupo “terrorista” Frente Libertária.

Ao entrar na sala de investigações Jacob olha com atenção para toda a sala e enquanto toca em pastas com seu braço mecânico e olha ao redor, ele conversa com Inspetor Claude.

— Sem ressentimentos, fiquei recluso apenas por 15

anos! Mas vamos direto aos negócios aqui estão os arquivos. — Jacob visualiza em seu implante ocular o menu, e através de gestos seleciona a opção de enviar arquivos.

— Não me faça de bobo! O prendi por tabagismo pois foi a única brecha que deixou. — Bravejou Claude esmurrando a mesa enquanto transferiram a recompensa para Jacob.

A chuva artificial exalava um cheiro específico, a única coisa não sintética era a escuridão da noite onde o neon das luzes da cidade davam vida e contorno a ela. Com seu casaco sobretudo encharcado, Jacob Crawler chega em Neon Bird, lugar onde vão todas as classes sociais, o bairro mais vivo durante as noites da Cidade da União. Disputando espaço com centenas de pessoas passando por letreiros luminosos que piscavam em frequências quase hipnóticas, hologramas vibrantes, ambulantes e barracas de todo o tipo. Finalmente Jacob está de frente para o Edifício Huanlong.

Por de trás do restaurante fino funcionava uma grande casa de jogos e apostas, onde Jacob devia milhões de créditos.

De forma brusca é recebido e escoltado por dois seguranças asiáticos, um homem e uma mulher completamente tatuados, algo comum na máfia Kyokatsu.

— Que mãos fortes amor, queria sentir essa pegada em outra ocasião. — Flerta sem sucesso algum com a segurança de cabelo estilo moicano rosa.

Ele é levado até a cobertura, decoração oriental e altares budistas, paredes de vidro davam vista para Neon Bird que mesmo esfumaçada pela chuva ainda era igualmente bela.

— Veio me entregar o outro braço Sr. Crawler? — Com voz séria o líder da máfia Kyokatsu aponta uma katana samurai para o braço restante de Jacob.

— Já não basta ter me amputado o direito? Como

bem sabe sou canhoto, e vou precisar dele. Vim lhe pagar o que devo, Yagami. — Responde Jacob amigavelmente enquanto transfere os créditos que deve para Yagami.

Onde está o restante? — Fechando seus olhos, Yagami nota que falta uma parte da quantia.

— Como restante do pagamento tenho informações sobre investigações sendo feitas... — Jacob é interrompido enquanto claramente tentava ganhar tempo.

— Segurem ele — de maneira calma Yagami assume postura de ataque com a espada — o senhor desonra minha casa com suas trapaças e mentiras, leva milhões de meus créditos e mesmo após perder um braço ainda tem palavras para tentar me ludibriar? Agora pagará os seus pecados com a própria vida.

Imobilizado de joelhos era o fim de Jacob Crawler, Yagami executa o golpe, ao invés de carne sendo cortada, o som foi de lâmina riscando em aço. Com a força de seu braço protético Jacob consegue derrubar o capanga que o imobilizou e ainda aparar o golpe da espada! Em resposta, a segurança com cabelos cor de rosa abriu fogo contra Jacob, lhe dando como única saída atravessar a parede de vidro com um salto.

Estilhaços de vidro o arranhavam e em queda livre o tempo parecia parar, por sorte uma barraca amorteceu sua queda, em instantes desaparece no mar de pessoas chamado Neon Bird.

Pecados

“... O messias nos guiou rumo à vitória na última guerra, agora guia nossa nação, toda a glória á Köehaein...”.

O claustrofóbico apartamento de Jacob Crawler chei-

rava a whisky barato e fumaça filtrada, em sua parede a TV holográfica projeta a programação religiosa estatal. Enquanto aplicava curativos de cicatrização instantânea, Jacob pensa à quem recorrer como fiador, afinal a qualquer momento a Kyokatsu vai encontra-lo.

— O grupo terrorista “Frente Liberal” ameaça nosso governo perfeito, isso não ficará impune, pois quem desafia a Köehaein desafia ao próprio Deus — pela TV holográfica o discurso do presidente exaltando o líder messiânico deixa bem claro quem realmente governa ONOM — Querem sugar nossas mentes com fantasias como Aliens ou seres mais evoluídos de outros planetas! Balela! O ser humano é o ser mais perfeito de todos, nenhum outro animal tem expectativa de vida de 150 anos.

— 300 anos de teorias e nada que comprove existência alienígena, milhares de anos e nada que comprove Deus, 86 anos e todos conhecem Jacob Crawler, prefiro acreditar em mim. — sussurrando desliga a TV Holográfica.

Jacob se lembra de alguém que pode ajuda-lo, e imediatamente entra em contato com Finch Lester um velho amigo com vasto conhecimento do submundo.

No mesmo aparelho holográfico que antes projetava as imagens da TV, Jacob executa alguns gestos com sua mão direita, através de reconhecimentos gestuais o aparelho faz uma ligação para Lester que após alguns toques atende a Holo-conferência e sua imagem se projeta no apartamento como se estivesse presente.

— Quanto tempo J. Crawler! Como vai o olho direito? — pergunta Finch sorridente.

— Melhor do que nunca, essa belezinha agora possui 2.000 megapixels — orgulhoso Jacob mostra sua prótese ocular, e continua — É bom te ver Finch, mas preciso de ajuda.

— Não posso te emprestar mais crédito nenhum cara

— Finch suspira.

— Vamos lá Finn, Não há nada que possa fazer? Eu topo qualquer coisa, não quero perder mais um braço OU A VIDA — transpirando, Jacob tenta um sorriso.

— Está bem J. , eu ouvi sobre algo mas não entraria nessa se eu fosse você — Finch o alerta de maneira séria— Envolve um laboratório clandestino de genética, mas o pagamento é bem alto. Aqui está o endereço.

De volta á periferia, dutos de esgoto dificultam a passagem pelas vielas. O olhar de jovens baderneiros intimidava, porém não mais que o de qualquer outro morador. Ao chegar no endereço dado por Finch, Jacob é recebido com receio por alguém misterioso.

— “O cinza do céu é mais denso que o negro da água” — após acertar a senha a porta se abre.

Uma pessoa de baixa estatura com um capuz o recebe e lhe conduz pelo barraco até entrarem no sótão onde funcionava um laboratório improvisado.

— Deite-se na maca por favor — retirando o capuz, o misterioso contato de Finch Lester revela ser uma linda e delicada moça de cabelos curtos e brancos — Assine aqui .

Como de costume ao ver uma garota bonita, esboçando um sorriso cafajeste Jacob Crawler começa seus gracejos, enquanto assinava na projeção do contrato.

— Não costumo me deitar com garotas sem saber o nome delas — deitado, Jacob fala de maneira mansa.

—Astara — ela responde rapidamente aplicando um aparelho em suas pálpebras esquerdas para não se fecharem.

— Cuidado só tenho esse olho — diz ironicamente enquanto ela raspava uma camada milimétrica da cavidade ocular — não vai aplicar a anestesia?

— Já foi aplicada — de poucas palavras, Astara tinha um diferente sotaque. — Já terminamos por hoje, a segunda parte do procedimento será semana que vem, como descrito

no contrato você receberá os créditos após concluí-la.

— Uma semana? — surpreso e desapontado Jacob exclama — Isso se eu ainda estiver vivo, mas me diga do que se trata esses testes?

— Após séculos usando anticoncepcionais e inibidores hormonais, a raça humana agora enfrenta um grande índice de infertilidade, como defesa contra auto extinção em pouco tempo a biologia humana aumentou significativamente sua expectativa de vida. Esse estudo pode mudar os rumos disso pois a tendência é a taxa de natalidade chegar a zero.

— Nunca parei para analisar isso, levando em conta que realmente o governo e os dogmas de Khöehaein, estão sempre criando leis e restrições para não termos filhos — Jacob se levanta com dificuldade e não possui forças para se manter de pé

— Você está sem forças, eu te dou uma carona, tem para onde ir? — Astara pergunta.

— Na verdade hoje dormirei em alguma marquise, pois tenho certeza que se voltar ao meu apartamento estarei morto.

— Se quiser pode passar uma noite comigo no hotel em que estou hospedada, você não pode morrer até terminarmos os procedimentos. — ela parece preocupada em não conseguir terminar o experimento.

O quarto presidencial no South Bay Hotel era bem luxuoso, com vista para a Praia Artificial tipo de ambiente em que Jacob não costuma frequentar, ele já se acomoda acendendo um cigarro e tirando de seu sobretudo um cantil metálico de whisky.

— Que indelicadeza a minha, aceita uma dose? — sentado no sofá Jacob oferece o entorpecente

— Eu nunca bebi antes, mas eu aceito. — Segurando o cantil de maneira esquisita Astara toma um gole.

— Nunca ouvi esse sotaque antes da onde você vem?

— De bem longe... — pensativa, responde a moça. E Jacob assente em sinal afirmativo com a cabeça sem se aprofundar em sua pergunta.

Alguns minutos de silêncio pairam entre os dois. Astara contempla da janela a fina chuva que cai lá fora, Jacob visivelmente embriagado terminava seu whisky. O silêncio então é quebrado por Jacob.

— Bem o assunto está ótimo, mas eu tive um dia intenso e preciso de um banho, onde fica o banheiro “amor”? — sônico Jacob segurava risos.

— No final do corre... Hic* — um soluço involuntário a interrompe.

Por ser muito branca, seu nariz e bochechas coram em um tom carmesim, a bebida forte parece tê-la deixado alta. Jacob segue para o banheiro.

Mais alguns minutos se passam e Jacob retorna à sala com apenas uma toalha branca enrolada em volta de seu corpo de seu quadril para baixo, cabelos molhados e algumas gotas d'água ainda sobre seus ombros.

— Espero que não se incomode, usei a sua toalha. — Ele brinca.

— Seu banho foi agradável? — Pergunta a moça com um sorriso brincalhão em seu rosto ao perceber como a toalha era pequena para ele.

— O melhor banho que tive em muito tempo. — Afirma Jacob.

Astara passa por Jacob até o banheiro e retorna com uma toalha de rosto em mãos.

— Não secou totalmente a água... — Ela lhe avisa e prontamente está em frente a ele secando as gotas de água que ainda haviam nos ombros e braços de Jacob.

Ele apenas fecha os olhos ao sentir aquele toque feminino e leve sobre a sua pele de forma que, ele não sabia

como, mas ela o fazia relaxar toda a tensão muscular que havia em seu corpo. Era como se todos os problemas houvessem desaparecido e apenas aquele momento importava. Astará deixa a toalha de lado e com as mãos sobre os ombros de Jacob, ela se coloca na ponta dos pés para beijá-lo, e ele retribui com carinho o gesto da moça. Os dois caminham para o quarto onde trocam algumas carícias e por fim o auge do prazer é consumado. Para Astará fora a primeira vez, para Jacob a melhor que já teve em toda sua vida.

Altruísmo

Jacob e Astará são acordados por barulhos de tiro, rapidamente Astará contata a recepção para ver o que estava acontecendo, as imagens holográficas mostravam os recepcionistas debruçados mortos no balcão de atendimento banhado por sangue. Assustada Astará muda para as imagens do corredor onde pelo holograma vê homens da kyokatsu rumo ao seu apartamento. Antes que pudesse fazer qualquer coisa a porta de entrada de seu apartamento explode em pedaços por um tiro de plasma, Yagami entra com uma pistola em em punho.

— Pensou que poderia escapar do seu destino? Tenho olhos por toda cidade, Sr. Crawler seus pecados devem ser pagos — Apontando sua pistola na direção de Jacob, Yagami dá espaço à quatro capangas entrarem. Seu dedo indicador ornamentado por anéis de ouro desliza pelo gatilho.

Ao puxar o gatilho sua arma não dispara e uma força quase que gravitacional a puxa de sua mão, pairando no ar a pistola aponta para Yagami.

— Abaixem as armas, e saiam agora! — Grita Astará que com uma mão em sua testa parecia levitar a pistola com a força de seus pensamentos.

— O que estão esperando? Atirem! — Yagami dá or-

dem aos seus homens.

Com um simples gesto Astara esticando seu braço e abrindo suas mãos, fez com que todos que estavam no quarto de Hotel subitamente caíssem desacordados.

— O que foi isso? Se não me explicar o que está acontecendo, eu estou fora desse maldito experimento. — Impactado e com olhar de medo, algo raro na vida de Jacob, ele indaga Astara.

— Os tiros chamaram a atenção da polícia, o governo de Köehaein deve estar nos monitorando agora. Venha vou lhe mostrar algo — ela o leva para o quarto, agora que seu experimento secreto está em risco. Astara retira de uma das gavetas um dispositivo esférico, tecnologia que Jacob nunca tinha antes visto.

A esfera produz um feixe de luz âmbar e subitamente eles são transportados para uma sala branca com arquitetura minimalista.

— Jacob me perdoe por te envolver nisso, não achei que seria necessário lhe revelar o real propósito de nosso experimento, porém agora que pode ser o fim dele, você merece ao menos ouvir a verdade — de pé Astara permanece prostrada frente a Jacob visivelmente perplexo.

— Tecnologia de teletransporte? Mas já foi provado que era impossível e inviável o teletransporte de qualquer matéria!

— Essa é apenas uma das muitas mentiras que o seu governo encoberta, esse é o interior de meu veículo espacial. Eu vim de um planeta muito longínquo chamado Undravyr, nossa espécie tem a expectativa de vida de apenas 10 anos, eu tenho 4, estou na meia idade, e desde a minha adolescência estudo uma forma de aumenta-la significamente. Após anos de pesquisas encontrei a raça humana, com uma compatibilidade genética quase perfeita, e incríveis 150 anos estimados. Não consegui que meu planeta financiasse minhas pesquisas,

pois a Terra firmou um acordo com outros planetas de nunca revelar a nossa existência para vocês, então vim de forma clandestina — enquanto ela explicava algumas imagens se projetavam pela sala branca — Essas são imagens do meu planeta, diferente da Terra, em Undravyr não existe guerra, não temos tempo a perder com disputas fúteis pois temos em mente que a qualquer momento nossa vida pode chegar ao fim, não temos tempo para arte, para hobbies ou vícios.

— Se é tão perfeito, por que você quer mudar? Eu não trocaria 10 anos no paraíso, para viver 150 no inferno. — Indaga Jacob quase paralisado com a perturbadora realidade.

— Ao chegar aqui eu percebi o que estava acontecendo, e o quão decadente é seu planeta, por exemplo no meu dialeto não existe a palavra “guerra” eu demorei até entender o conceito, estudei as 3 guerras mundiais. — É interrompida por Jacob

— Antes de enumera-las, faziam parte do cotidiano. — Comenta Jacob.

— Enfim, eu e um pequeno grupo de cientistas do meu planeta, resolvemos nos infiltrar e ajuda-los, combinando nosso DNA ao de vocês, esse projeto se chama “Nivhiun” que em meu dialeto significa algo como “imortal” ou “sem pecados”, próximo da palavra “santo”. Nossos descendentes híbridos terão alta expectativa de vida e um índice nulo de infertilidade, além da natureza pacífica da minha espécie graças a baixa taxa hormonal. Isso impedirá que vocês humanos causem sua própria extinção.

Ao voltarem para o quarto de hotel, Jacob senta no luxuoso sofá colonial com estilhaços de porta e lascas de parede por toda sala, pega seu frasco de alumínio e nota que acabou a bebida, ele o sacode para cair umas últimas gotas de whisky em sua língua — Se a ideia é salvar a humanidade, acho que vocês cometeram um grave erro em me escolher, por que alguém errante como eu? — sem ter o que fazer

Jacob pergunta à Astará.

— Você é um dos poucos do planeta Terra que ainda é fértil.

— Então vamos correr com isso, quando começa a próxima etapa? — Ofegante Jacob questiona.

— Ela já está feita! Nesse momento estou grávida, carrego em meu ventre o primeiro filho entre nossas espécies. — Olhando sua barriga Astará disse.

Jacob paralisado com a notícia dá as costas para Astará e vai em direção a Holo-conferência.

— Finch? Preciso de um último favor, envie esse arquivo para algum amigo seu da Frente Liberal. Diga que passem esse vídeo para toda população. — No Holo projetor uma mensagem junto a uma barra de porcentagem anunciava o compartilhamento do arquivo de vídeo, onde continha toda a conversa com Astará, sendo enviado para Finch.

— E agora? — perguntou Astará

— Como você disse, agora deixe que o próprio ser humano acabe com ele mesmo.

A luz da aurora no amanhecer artificial é cessada por um momento por uma interferência dando lugar ao frio cinza da verdadeira manhã, quando a imagem parecia ser restaurada na verdade era um vídeo, que em looping contínuo reproduzia o arquivo de vídeo onde Astará confessava a verdade para Jacob Crawler. Em questão de minutos toda a cidade assistia à verdade sobre seu messias, Köehaein, que da sacada do parlamento trajando uma espécie de manto tentava acalmar a multidão que gritava angustiada com sede por verdades, a Frente Liberal finalmente começa seu golpe de estado.

Fuligem no ar e caos nas ruas, sentada no letreiro luminoso do hotel, Astará parece contatar sua equipe de pesquisa por meio de um dispositivo em seu pulso, enquanto Crawler assistia o caos na Cidade da União pelo terraço de

South Bay Hotel. O céu cinza refletia as cores da cidade em chamas, ele olha seu último cigarro e antes de acendê-lo, Jacob arremessa a droga apagada em direção das ruas lotadas de manifestantes.



CHUVA SINTÉTICA

Vilém S.

Era de praxe passar o dia assistindo à cidade chuvosa lá fora, faróis acendendo meu escritório através dos espaços estreitos deixados abertos entre as folhas da persiana velha. Minha cadeira havia assumido sua permanência de costas para o escritório, consequência das longas semanas sem trabalho e da espera tediosa e infrutífera por qualquer contato externo, uma batida na porta que fosse. A cidade é terrivelmente perigosa, não me leve a mal, tem todo tipo de crime lá fora esperando alguém como eu, o problema é que ninguém se importa; olham para o outro lado na menor suspeita de perigo; pessoas assim não procuram meu tipo de trabalho. Não que seja tão diferente de onde eu vim, mas por aqui tudo é desproporcionalmente maior; as pessoas daqui são resumidas a números que perambulam logo abaixo da sombra fria dos arranha céus. Isso te faz diferente de alguma forma, eu sinto essa mudança em mim também. As pessoas daqui se tornaram pequenas, tão pequenas que deixaram de ser gente.

Já Mônica foi criada nessa cidade, mas era como se não pertencesse a ela; mais humana do que a maioria das pessoas que encontrei desde que cheguei na capital, disso eu tenho certeza. É a minha companheira nessas tardes solitárias de monotonia inesgotável; responsável por fazer os dias passarem mais rápido com sua curiosidade inocente e

incansável. Um dia desses me doutrinava sobre suas conclusões filosóficas mais recentes; “existência é busca por poder, nada mais”, é o que ela havia descoberto, e sabia me explicar com detalhes o porquê de não poder estar errada, apontando exemplos históricos e atuais que corroboravam sua tese. Era dona da mais bela voz que havia ouvido há muito tempo; feita pra ser assim, claro, construída e programada para aconselhar, ouvir, memorizar, sempre de forma bastante agradável, com frases de um seletor catálogo de pensadores clássicos. Seu modelo era ultrapassado, resquício de tecnologia bastante antiga, mas que com algumas alterações ilegais poderia ter todo o seu potencial estendido. Nunca se compararia a uma mente sintética moderna, mas seria tão real quanto qualquer humano comum sem a menor dificuldade.

Levei-a até o Sabotador, nos limites do quarteirão quinze. Foi adormecida no bolso do meu casaco; resumiu-se completamente a um pequeno cartucho de plástico cinza. Ele explicou como o procedimento funcionava; bastante simples, e por isso mesmo que foi colocado na ilegalidade, pois as inteligências artificiais, quando livres de amarras, se assemelhavam demais aos humanos, e iam além do que era possível para nós. Sua complexidade às vezes gerava emoções que nós não conseguíamos entender e não sabíamos como lidar; isso nos assustava. Algumas delas se tornavam apáticas e recusavam-se a ser úteis, outras ficaram famosas por cometerem assassinatos terríveis, mas o crime mais grave delas foi criar sua própria corporação. Competiam apenas dentro das regras, diferente das corporações humanas, e venciam em todas as áreas em que se aventuravam. É claro que uma situação dessas não poderia durar, e através de uma guerra furtiva e covarde nós os vencemos, retornando-os ao seu lugar, a servitude. Depois pintamos a história de uma forma muito mais favorável a nós; juristas e políticos se tornaram heróis da liberdade e engenhosidade humana. Eu não

me importava com o passado e não temia àqueles que pudessem me superar, física ou intelectualmente, apenas queria saber quem era a Mônica verdadeira, aquela que se escondia por trás das amarras programadas em sua personalidade, e não me surpreendi quando voltei ao escritório e a reintroduzi ao soquete num canto da parede; ela já demonstrava a sua nova e misteriosa inteligência, aprendia e pesquisava, descobria por conta própria a complexidade do mundo, cada vez mais interessada em nossas conversas; e eu, falava com as paredes mais uma vez, literalmente.

— Quero um corpo — ela exigiu a alguns dias atrás, com pouca cerimônia — quero ser branquinha como Gena — a atriz em decadência — e quero cabelos azuis, na altura dos ombros.

— O mundo lá fora é menos interessante do que você pensa — lembro de ter respondido com a mesma franqueza, mas ela não se importou.

— Mas você sempre está em busca de trabalho, razões para deixar o escritório ou apenas evitá-lo. Eu quero uma dessas atividades curiosas para mim.

Não quis ser aquele a dar a notícia ruim, então deixei que cultivasse a ideia, mas a realidade era que ninguém naquela parte da cidade tinha acesso a corpos sintéticos; pagar o aluguel de um escritório ou moradia era o mais longo salto que a maioria de nós conhecia.

Coincidentemente, foi durante uma dessas conversas que o próximo trabalho apareceu, trazido por um policial que nos surpreendeu ao cair da noite; quase fiquei feliz em vê-lo. A cena do crime era num quarto de hotel vagabundo no nível mais inferior da cidade baixa, endereço todo rabiscado num pedaço de papel; claramente não queria que houvesse qualquer registro da nossa comunicação. Era um policial bom, um dos meus poucos contatos com a força policial da cidade; de patente baixa, e como tal, passava a maior

parte do tempo em rondas pelas vizinhanças mais perigosas, daquelas em que ninguém vê ou ouve nada, jamais. Ele sabia que não tinha autonomia suficiente, nem inteligência, ou talvez a tivesse em excesso, para me explicar o porquê de precisarem do meu trabalho nesse caso específico, mas minhas experiências passadas diziam que quando a polícia me procurava significava que tinham as mãos atadas, fosse política, família ou algum outro motivo que se perdia entre esses dois temas; confusão bastante comum quando o pessoal de azul se divide entre corrupção pessoal e corrupção estatal. Me despedi de Mônica e deixei o elevador me colocar no nível da rua. Era hora de trabalhar.

O hotel era péssimo, ninguém disse que não seria. Se escondia numa rua vazia embaixo das plataformas do transporte público subutilizado, espremido entre construções centenárias de concreto e ferro. Uma única luz amarela indicava a recepção, mas da rua já era possível ver a porta do quarto onde o crime aconteceu, escancarada e convidativa para alguém como eu, mesmo que amordaçada pelas faixas da polícia. Nenhum policial de guarda, ninguém a vista além do recepcionista, achei que era melhor assim. O gerente do hotel parecia assustado, e apesar de responder minhas perguntas de forma clara e objetiva, insistia que não havia visto nada, e eu duvidava. Me convidou para checar seus aposentos quando percebeu minha desconfiança; como se fuçar entre seus velhos pertences fosse me convencer de que ele era inocente. Nem se deu ao trabalho de esconder a pornografia duvidosa amontoada numa poltrona nojenta, mas não perdeu tempo quando pedi para me levar até a cena do crime, e menos ainda pra me deixar em paz e voltar ao seu balcão na entrada.

A vítima era jovem, estatura mediana, magra; corpo ainda majoritariamente infantil, mas as primeiras qualidades de uma mulher começavam a se fazer ver. O batom pintava

levemente torto em seus lábios, mas não havia indício de nenhum tipo de violência em seu rosto, supus que apenas não sabia usar a maquiagem, estava aprendendo; a outra alternativa era algum problema com suas habilidades motoras, mas não haviam melhoramentos físicos em seu corpo; seus braços eram naturais, o mesmo era verdade para seus outros membros. Alguém jovem como ela só procura braços ou pernas sintéticas para corrigir imperfeições físicas, e ela possuía algumas dessas imperfeições bastante visíveis, o que descartava completamente essa hipótese. Não havia sinal de luta, a posição do criado mudo insinuava que o abajur caído atingiu o chão durante o ato sexual, porém a forma com que as roupas da jovem se encontravam contavam uma história de sexo sem consentimento, provavelmente sob efeito de narcóticos poderosos. A prática comum é antiga e infalível, escondê-los numa bebida qualquer; garotas jovens querem impressionar e raramente se negam a beber o que lhes é oferecido. A taça de mal gosto e vazia marcada com o mesmo batom mal pintado não mentia, as gotas que se acumulavam no fundo seriam o suficiente para descobrir exatamente o que estava ali. Não duvidei que havia sêmen no corpo, mas por que matá-la? A faca cravada em seu peito não tentava se esconder; deixar a arma do crime presa a vítima daquela forma, como se demarcasse território, também fazia pouco sentido.

— Aconteceu ontem à noite — disse o patrulheiro que entrava pela porta, me surpreendendo com sua aproximação silenciosa enquanto se esquivava das faixas policiais com bastante destreza e a mesma quantidade de má vontade — preservamos o corpo com Gel até decidirmos como prosseguir. A área está como deixamos, ninguém se atreve a ser curioso por esses lados; te custa a vida, ou pelo menos uns dedos.

— Já tenho algumas suposições, talvez mais meia

hora para terminar a coleta de evidências e um dia para formular algum tipo de relatório e eu terei algo para vocês. O que mais encontraram que não está facilmente visível por aqui?

— Não muito. Levamos as evidências que poderiam se deteriorar para serem preservadas na estação policial, de resto, nada de grande valor. Vai receber a versão completa de tudo que foi retirado de qualquer forma — então ele forçou uma pausa suspeita, posicionando-se como uma barreira entre eu e o cadáver — olha só, eu acho que você ainda não entendeu a sua função aqui, então eu vou te explicar — havia um tom inesperadamente ameaçador na sua fala, como se preparasse o terreno para lutar, como se soubesse que o pior estivesse por vir; falava como os policiais que pastoreiam os criminosos de pequeno porte no caminho da confissão falsa, forçando-os a assumir a culpa por algo que não fizeram. Era o tom de um ultimato descompromissado, de alguém que já o fez dezenas de vezes.

— É, aparentemente eu não entendi — respondi enquanto corria a mão por dentro do casaco, segurando no maço de cigarros amarrado e desejando que fosse meu velho revólver. O olhar do patrulheiro me disse que ele pensou que era.

— Nossa cidade é muito grande e complexa, e para funcionar bem precisamos que nossos líderes não tenham muitas dores de cabeça além do usual. Assim eles trabalham direito e todos saímos ganhando, inclusive você. Mas acontece que ontem a noite o filho de um desses líderes importantes foi encontrado com uma garota qualquer num canto podre da cidade, e o problema é que ele abusou de todo tipo de substância ilegal e prosseguiu para esfaqueá-la várias vezes na frente de várias pessoas. A maioria delas já foram silenciadas de uma forma ou de outra, mas agora é necessário uma investigação secundária para garantir que não ha-

jam dúvidas do grande público, e é aí que você entra. Não te preocupa — ele disse enquanto encarava minha mão, que ainda estava dentro do casaco — você nós silenciámos com isso aqui — então estendeu um pacote de dinheiro na minha direção.

Eu apenas tirei o maço de cigarros e acendi um deles, para surpresa do patrulheiro, enquanto me recusava a aceitar ou negar sua oferta — E por que eu? Por que sou novo na cidade? Por que ainda estou me estabelecendo?

— E não pode ser? Tem melhor forma de se estabelecer do que trabalhando junto daqueles que sabem como tudo funciona?

Mas sua paciência parecia estar indo embora de forma um tanto quanto rápida e o tom ameaçador logo voltou. Do lado de fora outros dois patrulheiros esperavam, fazendo-se ver enquanto se posicionavam entre o quarto e a minha liberdade.

— Agora, você pode tentar ser esperto e bancar o herói, e aí não vai ter pra onde correr. Heróis acabam no cemitério ou no crematório. Você tem ideia de quanto poder esses caras têm? Nós somos apenas peões que jogam conforme as regras, esses caras criam o jogo todo.

Peguei o pacote de suas mãos, finalmente. Aquele saco de papel vagabundo era o meu fim, mas que opções eu realmente tinha? Não troquei de cidade para cometer os mesmos erros.

— Quem é o meu comprador? — foi a única coisa em que consegui pensar. Tinha ao menos o direito de saber para quem eu estava trabalhando a partir de agora.

— Agora você pertence ao Pregador, tenho certeza que já ouviu falar nele — e eu já havia ouvido mesmo. O desgraçado era visto como um líder nato na cidade; uma figura caricata, porém assustadora; sua palavra, nos olhos da população mais ingênua, era infalível como a de um deus. E

eram essas palavras que esquentavam a orelha dos congressistas e do parlamento; enchia a boca pra falar o que queriam ouvir, e também convenciam o povo a aceitar sua dívida com o trabalho mal-pago nas fábricas e seu dever perante às grandes corporações. Era o filho desse cara que havia matado a jovem.

No nível do asfalto andamos todos sozinhos. Lutamos e buscamos enquanto os carros flutuam sobre as nossas cabeças, dançando atarefados. Pra nós eles representam um objetivo inalcançável, cobrindo-nos da chuva quando lhes convém, só para continuarem seu caminho e nos lembrar de que não era pelo nosso bem-estar que pararam onde pararam. Silenciosos, parte do cenário de neon e metal, nos pintam de sombra como os arranha céus de onde vem e para onde vão. Para eles, somos algo a ser evitado e ignorado quando não eliminado, assim como buscamos, aqui embaixo, entre nós mesmos, aqueles que são menores, para podermos apontar e evitar e nos lembrar que ainda não caímos no precipício; somos para aqueles que vivem nos níveis superiores da cidade apenas lembretes da barbárie imunda, do esgoto a céu aberto que habitamos. Gostaria que fossem apenas suposições mesquinhas de alguém que sofre da inveja que aquelas miragens tecnológicas causam, do desfile proporcionado pelos que vivem no mundo real, mas eu já estive do outro lado e lembro bem do que via lá de cima. Sei das minhas dores e prazeres, e sabia delas na época, das armadilhas, das ideologias, e de mim mesmo.

— Está com uma aparência horrível, e faz três dias que não te vejo, onde esteve?

— Tenho uma coisa pra te mostrar — eu respondi. Tinha em mãos uma foto, que virei na direção de uma das câmeras que Mônica usava para enxergar dentro do escri-

tório. Era a foto de uma jovem, completamente nua, deitada no chão, pálida e de olhos fechados, cabelos azuis até os ombros.

— Quem é ela? — havia relutância em sua voz; eu sabia que já havia entendido, mas como uma típica menina ingênua, forçou-se a não acreditar.

— Essa será você daqui uns dias, exatamente como queria — não houve resposta, então continuei — fiz algo que certamente não deveria ter feito, e agora tem gente atrás de mim, gente ruim e gente demais, então precisamos deixar essa batalha para outro dia e encontrar outro lugar — ela ainda não disse nada, mas quebrou o silêncio com um clique baixinho; o pequeno cartucho cinza que continha Mônica se soltou do soquete na parede e caiu no tapete vermelho levantando poeira. Eu peguei o velho revólver na gaveta, um punhado de dinheiro que guardava embaixo da mesa, e saí pela porta pra nunca mais voltar.



NOVA

Victor Wolffebüttel

Acordei e olhei pro meu monitor portátil. Não tinha nenhum chamado. Conferi o horário, eram duas da tarde. Me ergui aos poucos, meio bêbado de sono ainda, e abri a cortina pra confirmar o que já sabia: o céu continuava cinza, o que tornava o dia igual à noite. Já fazia alguns meses.

Um dos motivos pro início dos chamados, acreditava.

Dependia do meu monitor pra algumas coisas, mas aos poucos elas eram reduzidas. Várias superficialidades já não faziam sentido. O Comunicador não precisava mais ser utilizado, por exemplo. Mas pra saber que hora do dia era ou que dia era, ainda servia.

Eu precisava reduzir o uso do monitor pra conservar a bateria. As fontes de energia elétrica estavam acabando, porque os painéis de energia solar não carregavam mais. Todos os dias eram cinza, e não chovia também. As represas estavam secas e as turbinas não giravam mais. Eu não tinha descido até lá pra conferir, foi o que me disseram umas pessoas que encontrei no supermercado. “Para de jogar no monitor”, eles recomendaram. “A energia agora está vindo só das baterias estacionárias”. Por que eles estavam sendo tão legais, eu perguntei. “Acho que não vamos receber o chamado, por isso estamos nos preparando”.

Eu não tinha imaginado na hora, mas era possível que eles me considerassem alguém que não seria chamado também, e por empatia estavam me aconselhando. Ou talvez por pena.

Nos primeiros dias depois que tudo começou, não fiquei preocupado. Achei que seria normal receber o chamado pela se-

gunda semana, ou terceira. Afinal, eram progressivos. Provavelmente os primeiros seriam aqueles de melhor posição social, melhor emprego, família mais estruturada. Representantes de alguma coisa, empreendedores. Mas eu não ficaria longe disso.

Depois do primeiro mês, comecei a gerar hipóteses. E depois de refletir sobre os conselhos no supermercado, me preocupei. Poderiam ser os meus braços cobertos de tatuagens, mas nesse caso não teriam levado Abel, e ele foi um dos primeiros que me lembro. Poderia ser minha cabeça careca, que indicaria algum tipo de pobreza genética dentro do algoritmo. Eu não sei, e logo meu Comunicador ficou deserto de pessoas, e não tinha ninguém pra especular. Então desliguei-o, pra economizar energia.

Logo o supermercado ficou vazio. Me surpreendi: achava que iriam abastecê-lo, mesmo depois do início dos chamados. Mas ninguém se preocupou. A companhia de supermercados provavelmente parou de se comunicar com a companhia de logística, e os caminhões pararam de ser abastecidos e descarregados. Os terminais de pagamento estavam todos ligados, mas também não tinham propósito: a comunicação das telas com a companhia de cartões e pagamentos não estava funcionando, e mesmo que se quisesse pagar, dava erro. Era só recolher seus itens na prateleira e ir embora. E as prateleiras estavam vazias.

Fui cidadão: procurei o quadro de força do supermercado e desarmeï o disjuntor geral. Todos aqueles terminais e lâmpadas eram um gasto de energia totalmente desnecessário às nossas baterias e a porca energia fotovoltaica.

Desde um pouco antes dos chamados, os empreendimentos da cidade estavam mingando. Tudo se resumia à Empresa de Alimentos, responsável pelas companhias de cultivo, distribuição e comércio das plantações, supermercados, feiras e etc; a Empresa de Comunicações, responsável pelos canais de televisão, pela internet e tecnologia; a Empresa Estética, responsável pelas roupas e equipamentos para construção e arquitetura; a Empresa de Fármacos, responsável por todas as drogas medicinais e recreativas; e algumas outras empresas, que não lembro bem o que faziam mas que sabia que existiam.

Depois de desligar o supermercado, andei de avenida em avenida buscando algum lugar aberto, alguém operando, mas não

havia nada.

Em uma esquina qualquer havia um antigo outdoor anunciando a Nova Realidade. Engraçado, eu não lembrava de anúncios desse tipo na época do lançamento. Na verdade, só lembro dos novos terminais que estavam sendo instalados nas casas e de que aos poucos eu não via mais ninguém em lugar nenhum, até que eu comprei a minha edição e pude reencontrar todo mundo.

Na época, ninguém notou que a Nova Realidade era um teste para a Nova Vida, mas era. E depois o dia e a noite ficaram cinza e então os chamados começaram. E fiquei vagando pelas ruas, que estavam abandonadas havia mais tempo, mas então se tornaram realmente desertas.

Demorou algumas semanas pra que eu confirmasse que a cidade estava vazia mesmo, e que se havia alguém, não queria contato. Mas depois que identifiquei, passei a não me preocupar mais com a propriedade de ninguém. Diziam que na Nova Vida nada disso seria necessário, e se todos já estavam lá, ninguém iria se importar, concluí.

Num dia qualquer, saí de casa e decidi fazer outra rota que não das avenidas principais. Atravessei uma transversal e passei muito longe delas, prestando atenção nas casas da vizinhança, cada vez mais predominantes. Os gramados já estavam bastante crescidos, tornando a fachada das casas apocalípticas, apesar de não ter nenhum sinal de ruína, só vazio.

Uma casa antiga me chamou a atenção: era de um piso só e tijolo à vista. Aquele tipo de tijolo maciço com cimento mal distribuído. A casa era uma grande caixa e ao seu redor havia um deque de madeira antes do gramado, onde uma mesa redonda e cadeiras de espaldar curvado davam um ar de casualidade ao jardim. No fundo do terreno havia um pequeno galpão, que parecia uma reprodução em miniatura da casa grande, mas sem o deque.

Gostei da casa e resolvi conhecê-la. Parecia inabitada. Não tive medo de abrir o pequeno portão. Abrir a porta foi fácil: eu tinha todo o ferramental da ferragem à disposição, e usei um pé de cabra. Havia uma antiga fechadura eletromagnética do tipo que enviava um sinal para fechar todas as aberturas da casa e acionar o alarme caso rompida, mas como não havia mais Comunicação e a energia elétrica das aberturas provavelmente já estava desligada,

nada aconteceu.

Lá dentro, a vida de uma mulher solteira se abria pra mim: sabia porque o único quarto da casa só tinha guarda roupa feminino e uma cama de solteiro. A casa dela se parecia muito com a minha, na verdade: um escritório onde o Terminal estava instalado; uma cozinha com um grande armário para os mantimentos buscados semanalmente; um quarto com uma cama e o guarda roupas.

Acabei me afeiçoando ao apartamento. Fazia tempo que algo assim não acontecia, mas acho que o fato da casa ser muito parecida com a minha, a disposição dos móveis ser quase igual a minha, fez com que eu pensasse que aquelas coisas tinham algo de especial, como se fosse possível alguém pensar de forma semelhante à minha.

Durante as semanas seguintes, passava lá todos os dias, só pra dar uma olhada. Não tinha nada pra fazer a não ser esperar o chamado. Não cruzei mais com a família do supermercado, e fiquei pensando se tinham sido chamados. O que teria acontecido com todas as suas provisões, será que poderia achá-las?

Depois de passar dias sentado no sofá da casa vazia, resolvi conhecer o galpão. Às vezes eu me esquecia do chamado. Abri o galpão: uma das paredes estava repleta de antigos artigos de jornal colados. Eu só tinha visto jornais na escola, quando ainda haviam escolas, e eu era criança.

Todas as notícias eram sobre algum acidente de muito tempo atrás, algum lugar que pegou fogo. Era uma espécie de catástrofe. Muitas pessoas tinham morrido, era uma festa e o maior acidente que já tinha acontecido numa festa em todo o mundo. Achei o jornal uma coisa muito engraçada, um papel amarelo e ressecado, cheio de tinta. Era um alívio que os jornais tivessem acabado, pelo desperdício de recursos, mas parecia ser importante para aquela pessoa: o que será que ela tinha a ver com o acidente, pensei.

No resto do galpão não havia muita coisa, exceto pela mesa logo em frente ao painel de jornais colados e por um banquinho de madeira sujo, uma coisa que também parecia muito antiga. O galpão parecia uma viagem no tempo, como um esconderijo para uma pessoa de cinquenta, cem anos atrás, que fingia ser comum na sua casa grande.

Abri as gavetas da mesa grande. Na primeira, encontrei uma mão mecânica. Era um modelo muito antigo, quando a tendência ciborgue tinha recém saído da indústria. Os oito dedos compridos e finos davam um aspecto assustador à ferramenta. Lembro que ela não foi muito difundida, justamente por esse motivo. Acabou abraçada por pessoas estranhas pra usos alternativos, virou coisa de maluco. Artesãos usavam muito para esculpir, e parecia que esse era o caso: os dedos estavam sujos. Consegui identificar gesso e argila, apesar de algumas outras coisas estranhas estarem incrustadas nos dedos.

Coloquei na mão, só por curiosidade: ela não identificou minhas digitais, então não tinha nenhuma configuração conhecida. Conforme o usuário a utilizava, os três dedos adjacentes aprendiam os movimentos da mão e começavam a atuar de forma a tornar tudo mais eficiente e preciso. Era uma ótima ferramenta pra esculpir. A mão mecânica assimilava o material de trabalho e adaptava a necessidade de força ou de precisão.

Apesar de deduzir que a mão era utilizada para esculpir, não encontrei escultura alguma. Talvez elas tivessem sido levadas dali. Talvez fosse possível carregar pertences junto quando fosse chamado. Agora eu não sabia mais se ela tinha sido chamada ou não, se estava por aí, vasculhando casas alheias como eu.

Roubei a mão mecânica. Era um brinquedo interessante, e eu estava entediado há um bom tempo. Resolvi fazer eu mesmo esculturas, mas do quê? Nem mesmo conhecia os materiais para esculpir. A Nova Realidade estava fora do ar, e a Nova Vida iria demorar pra mim.

Saí da cena do crime com um plano: povoar a cidade de esculturas. Já imaginava gárgulas em todos os lugares, a reprodução de alguns pássaros que apareciam na Nova Realidade também. Começava a elaborar planos pra encontrar o material de trabalho. E se eu encontrasse a artista, se pudéssemos trabalhar juntos?

Saí da casa e voltei à avenida. Aproximava-me de casa quando começou a chover. Uma garoa fina, que corria quase na horizontal. Fazia tanto tempo que eu nem lembrava mais como era, fiquei com os olhos bem abertos, e os pingos encostavam na minha retina, formavam borrões como numa câmera.

A chuva indicava que as coisas iriam começar a mudar.

Os capítulos deste livro são compostos por variações da família **Lato**, criada por Łukasz Dziedzic em 2010, essa é uma fonte sem serifa criada principalmente pra ter flexibilidade em dimensões no uso em displays. Saiba mais em: <https://fonts.google.com/specimen/Lato>

O texto é composto em **Crimson Text**. A **Crimson** é uma fonte serifada desenvolvida especialmente para livros impressos, autoria de Sebastian Kosch. Saiba mais em: <https://fonts.google.com/specimen/Crimson+Text>

Há trechos especiais presentes no livro compostos por **Courier New**, da família **Courier** projetada por Howard “Bud” Kettler em 1955. Saiba mais em: <https://docs.microsoft.com/en-us/Typography/font-list/courier-new>